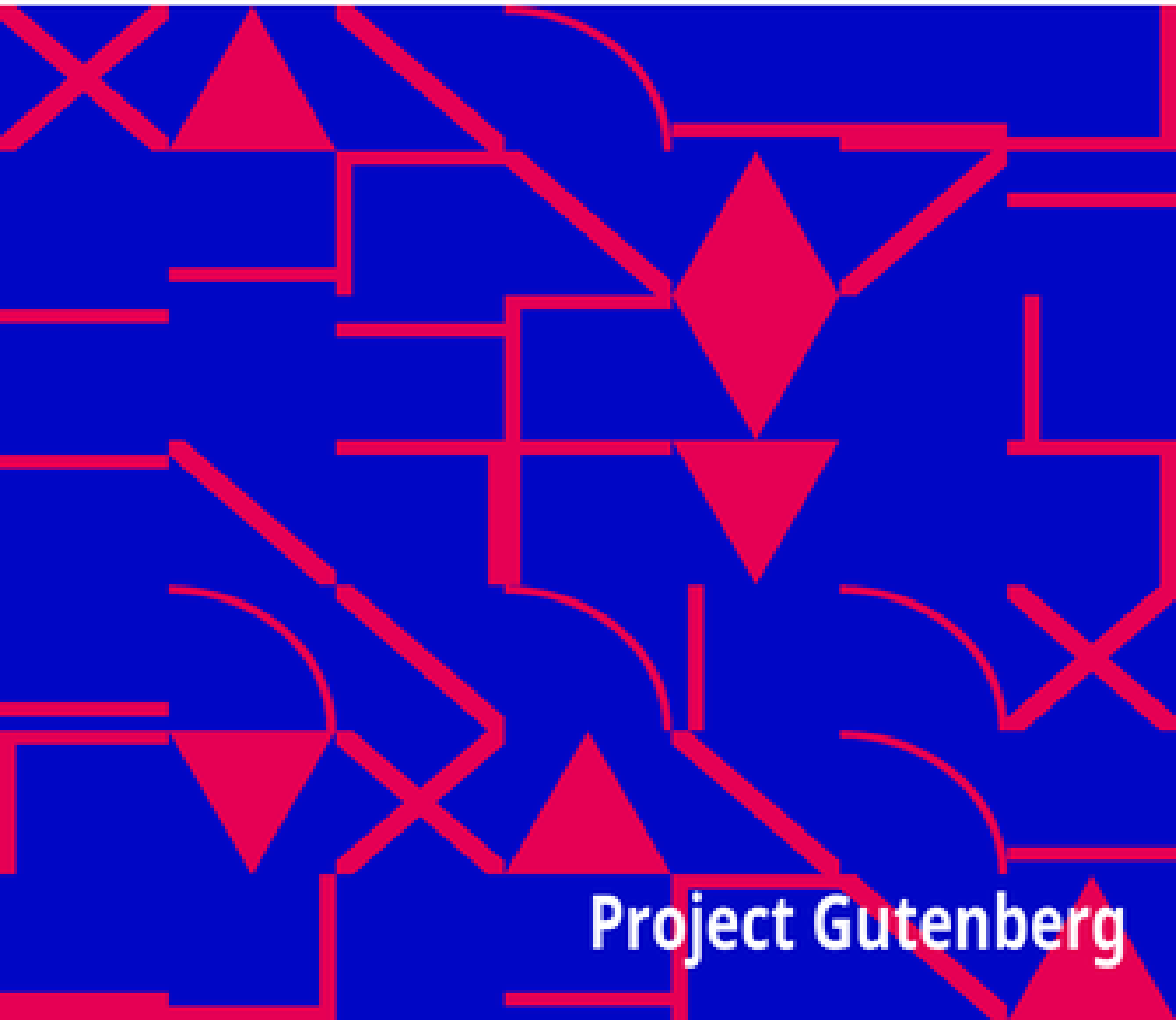


Vamiré: Romance dos tempos primitivos

aîné J.-H. Rosny

A decorative background pattern consisting of various geometric shapes in red and yellow on a black field. The shapes include triangles, diamonds, squares, and lines, some of which are nested or overlapping. The pattern is dense and covers the entire lower half of the image.

Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of Vamiré: Romance dos tempos primitivos

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Vamiré: Romance dos tempos primitivos

Author: aîné J.-H. Rosny

Translator: Cândido de Figueiredo

Release date: June 24, 2009 [eBook #29213]

Most recently updated: January 5, 2021

Language: Portuguese

Other information and formats: www.gutenberg.org/ebooks/29213

Credits: Produced by M. Silva

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK VAMIRÉ:
ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS ***

Notas de transcrição: Este texto é uma transcrição do original de 1905, tendo-se actualizado a grafia para a variante europeia da língua portuguesa (pré-acordo ortográfico de 1990).

Foram corrigidos alguns erros tipográficos evidentes.

Na versão em HTML o índice foi posicionado no início do texto para facilitar a consulta.

VAMIRÉ

ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS

Traduzido de **J. H. Rosny**

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

LISBOA

LIVRARIA EDITORA

VIÚVA TAVARES CARDOSO

5, Largo do Camões, 6
1905

VAMIRÉ

ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS

PORTO—TIP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA, SUCESSORA.
Rua da Cancela Velha, 70

VAMIRÉ

ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS

Traduzido de **J. H. Rosny**

POR

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

LISBOA

LIVRARIA EDITORA

VIÚVA TAVARES CARDOSO

5, Largo do Camões, 6

1905

Índice

- PALAVRAS DO TRADUTOR
- I. Guerra nocturna
- II. A horda
- III. O funeral de Vanhab
- IV. A ilha
- V. O homem das árvores
- VI. Contra-anúncio
- VII. A perseguição
- VIII. Noite na floresta
- IX. O idílio nascente
- X. Combate
- XI. Vamiré
- XII. O mamute
- XIII. Entre os orientais
- XIV. Reconquista
- XV. Reforços
- XVI. A chuva
- XVII. Os aliados
- XVIII. Os vermívoros
- XIX. Na ilha
- XX. Assalto à ilha
- XXI. A derrota
- XXII. O incêndio
- XXIII. Regresso

PALAVRAS DO TRADUTOR

Há dez ou doze anos, li numa Revista estrangeira uma extraordinária narrativa romântica, que o seu autor, o sr. J. H. Rosny, intitulava *Vamiré*.

Referia-se a narrativa aos tempos primitivos da humanidade, e atestava tão raros predicados de artista e tão vasto conhecimento da pré-história natural, que senti a tentação de a verter para a nossa língua.

Não obstante a dificuldade de uma versão exacta do romance, procurei remover ou atenuar essa dificuldade, e estampeei alguns capítulos na imprensa periódica desse tempo, verificando que o conceito de apreciadores competentes autorizava o conceito que a obra me inspirava.

Decorreram alguns anos e, relendo o meu ~~meu~~ desambicioso trabalho, ainda entendi que valia a pena reduzi-lo a livro, não pela tradução em si, mas pelos predicados essenciais da obra do sr. J. H. Rosny.

Já aludi à dificuldade da tradução, e lealmente confesso que mais de uma vez hesitei sobre se devia pôr de lado o meu tentame, para não desrespeitar a *estilização* do autor, ou se devia acatar estritamente a ousada originalidade da forma, ou se me cumpriria conciliar essa originalidade com as exigências normais do idioma português.

Com efeito, a prosa do sr. J. H. Rosny, no *Vamiré*, abunda em vocábulos que, se não foram criados pelo autor, são, pelo menos, estranhos aos léxicos correntes da língua francesa; a adjectivação é, por vezes, de um arrojo, que deve ter feito calafrios à Academia Francesa; e o pensamento, de longe em

longe, aperta-se em sínteses tão cerradas, que não ressaltam facilmente a olhos desprevenidos.

Mas todas estas qualidades se relacionam, até certo ponto, com o estranho cenário que o *Vamiré* nos desenrola, com os cambiantes misteriosos da linguagem nascente, e com a vaga psicologia do homem primitivo. De maneira^[VII] que poderá capitular-se de beleza o que, a revezes, se antolhe obscuridade e nimio arrojo ao leitor vulgar.

E, assim, eu próprio, seduzido porventura pelo brilho encantador da concepção do sr. Rosny, e pelo esplendor imprevisto da sua linguagem, reproduzi formas, que eu relegaria de trabalhos originais meus, mas que são características de um grande talento insubmisso, que se espraia, poderoso e intemerato, nas estepes e florestas do mundo pré-histórico.

Os puristas absolver-me-ão pois de uma ou outra condescendência com brilhantes ousadias, e os leitores de romances terão neste livro um salutar correctivo à romançada piegas, que entulha as livrarias, e desvela as noites da mocidade ingénua.

Lisboa, 1 de Janeiro de 1905.

C. de F.

VAMIRÉ

ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS

I

Guerra nocturna

Foi há vinte mil anos.

O pólo Norte defrontava com uma estrela da constelação do *Cisne*.

Nas planícies da Europa, ia extinguir-se o mamute, as grandes feras emigravam para o país da Luz; a rena fugia para o setentrião. O auroco^[1], o uro^[2], o veado apascentavam-se na erva das florestas e das planícies. O urso colosso, muitos tempos antes, havia já passado além da região das cavernas.

Os homens da Europa, os grandes dolílocéfalos^[3], achavam-se então disseminados desde o Báltico ao Mediterrâneo, desde o Ocidente ao Oriente. Habitantes das^{2} cavernas, mais relacionados que os seus avós da idade da pedra, mas sempre nómadas, a sua indústria elevava-se, a sua arte era graciosa. Esboços traçados a buril fraco, tímidos mas fiéis, representavam a luta do cérebro no encalço do sonho, contra a brutalidade dos apetites. Séculos depois, com a invasão asiática, a arte decairá, e o gracioso tipo daquela indústria só reaparecerá ao cabo de longos períodos.

Era no Oriente meridional, na estação em que as plantas abotoam.

A noite ia em dois terços. Na claridade cinzenta de um grande vale, reboavam as vozes dos animais carnívoros. Nos intervalos de silêncio, um rio cantava a vida dos fluidos, a eufonia das ondas. Os amieiros e os álamos respondiam em murmúrios, em harmonias intermitentes. A estrela *Vénus* engastava-se no Levante. A teoria das constelações imortais descortinava-se entre as nuvens erradias; *Altaír*, *Vega*, a *Carreta* rodeavam lentamente a *Polar* do *Cisne*.

Em quanto a vida palpitava nas trevas, feroz ou apavorada, arrojada às festas e às batalhas do amor ou da alimentação, veio juntar-se-lhe um pensamento. À beira do rio, no pontal de uma rocha solitária, um vulto ressaíu da caverna dos homens, e ficou imóvel, taciturno, atento, olhando a revezes a estrela do Levante. Algum devaneio, algum esboço de estética astral, menos raro entre estes avoengos da arte do que em muitas populações históricas, preocupava o madrugador. O vigor e a felicidade palpitavam nas suas veias; o hálito da noite perfumava-lhe o rosto; e ele, na plena consciência^{3} da sua força, fruía, intemerato, os murmúrios e a calma da natureza virgem.

Entrementes, por baixo da estrela *Vénus*, transpareceu um pequenino clarão. O alfange da lua apontou, os seus raios estenderam-se pelo rio e pelas árvores, entremeados de longas sombras. O homem exibiu então as suas formas de corpulento caçador, de ombros cobertos de uma pele de uro. O seu rosto pálido, pintado com traços de minio, era largo, sob um crânio alongado e resistente. A sua zagaia, de ponta córnea, projectava-lhe no corpo sombras em ziguezague; e na sua mão direita firmava-se uma enorme clava de carvalho.

Ao estirarem-se os raios lunares, a paisagem entrou numa existência menos selvagem. Nos amieiros, havia frémito de asas dos elitros brancos; na planície, nesgas entreabertas de paraíso; em todas as coisas uma palpação sensível; tímidos protestos contra os pavores da sombra.

O homem, fatigado da imobilidade, caminhava ao longo do rio, com o passo cauteloso de quem procura presa. A quinhentos cúbitos, parou, à

espreita, de zagaia firme, na altura da testa. Pela orla de um bosquete de bordos, aproximou-se um vulto ágil, um grande veado de dez pontas.

O caçador hesitou; mas a sua tribo devia estar muito provida de caça, porque o animal, sem ser perseguido, foi-se afastando, projectadas sobre a claridade avermelhada as pernas delgadas, a cabeça repuxada para trás, todo o gracioso organismo em carreira.

—Lô! Lô!—disse o caçador, num movimento de simpatia.^{4}

O instinto predizia-lhe a aproximação de inimigo feroz, algum potente felino, que andaria caçando. Efectivamente, meio minuto depois, surgiu da banda de além da rocha dos trogloditas um leopardo, aos pulos, ligeiro como um raio. O homem preparou a zagaia e a clava, atento, de narículas latejantes e nervos inquietos. O leopardo atravessou o rio como uma porção de espuma, e imergiu nas sombras da perspectiva. E todavia o delicado ouvido do caçador ainda, durante alguns minutos, percebeu os passos da fera sobre a terra mole.

—Lô! Lô!—repetiu ele, levemente comovido, numa atitude de provocação grandiosa.

Decorreram minutos. As pontas da lua tornavam-se mais nítidas; pequenos animais agitavam levemente as moitas da ribanceira; grandes batráquios coaxavam sobre as plantas fluviais.

O homem libou a simples voluptuosidade de viver ante a magnificência das grandes águas, a mesclada difusão dos claros e dos escuros; depois, afastou-se de novo, à escuta, de olhos afeitos às penumbras, espreitando as ciladas da noite.

—Hoi?—murmurou ele interrogativamente, refugiando-se na sombra de um moitado.

Um rumor de galope, vago ao principio, aproximava-se, evidenciava-se. O veado reapareceu, tão rápido mas menos exacto na direitura da carreira,

suando, de respiração alta, ofegante. A cinquenta passos, o leopardo, sem fadiga, gracioso, já triunfante.

O homem admirava, desgostoso, a pronta vitória do{5} carnívoro, com um desejo crescente de intervir, quando sobreveio uma peripécia terrível. Lá em baixo, à orla da moita de bordos, em pleno luar, ressaía um vulto maciço, em que, pelo rugido cavo, pelo salto de vinte cúbitos, e pela farta crina, o homem reconheceu a quase soberana fera,—o leão.

O pobre veado, desorientado pela surpresa, deu uma volta precipitada e desastrosa, retrocedeu, e achou-se logo sob as garras cortantes do leopardo.

Luta rápida, sangrenta; o arranco do veado agonizante; e o leopardo, sobressaltado, ficou imóvel: o leão aproximava-se tranquilamente. A trinta passos, estacou, com um bramido, sem preparar assalto. O leopardo quaternário, corpulento, hesitou, furioso de se lhe ter malogrado o esforço, e pensando em aventurar-se a combater. Mas a voz do dominador, agora mais alta, reboou pelo vale, dando sinal de ataque, e o leopardo cedeu, afastando-se vagarosamente, de cabeça voltada para o tirano, com um miar de raiva e de humilhação. O outro despedaçava o veado; devorava, a grandes pedaços, a presa roubada, sem pensar no vencido, que prosseguia na retirada, devassando a penumbra com os seus olhos de oiro-esmeralda.

O homem, a quem a vizinhança do leão aconselhava prudência, aconchegava-se cautelosamente no seu abrigo frondoso, mas sem terror, disposto para qualquer aventura.

Depois de alguns instantes de deglutição furiosa, o leão interrompeu-se: perturbação, dúvidas, transpareceram em todo o seu aspecto, no tremor da juba, no{6} espreitar angustioso. De repente, com a força de uma convicção, tomou o veado, deitou-o para as costas e pôs-se em fuga. Teria andado quatrocentos cúbitos, quando junto a orla, onde ele tinha aparecido, surgiu um animal monstruoso. Intermediário ao leão e ao tigre no aspecto e na forma, mas mais colossal, soberano das florestas e planícies, era o símbolo da força, erecto, sob a vaporosa claridade. O homem tremeu, abalado no íntimo das suas entranhas.

Após ligeira pausa debaixo dos freixos, o animal prosseguiu na caça. Devastador como um ciclone, abrindo caminho sem esforço, perseguia o leão em fuga para o Oeste, enquanto o leopardo, parando, contemplava a cena. Os dois vultos foram desaparecendo, e o homem pensou em deixar o seu retiro porque o leopardo o inquietava pouco, quando a cena se complicou: o leão regressava obliquamente, por ter achado algum obstáculo, pântano ou fosso.

O homem sorriu, chasqueando o leão, por não ter calculado melhor a fuga, e retraiu-se para o seu esconderijo, porque os dois colossais antagonistas vinham na direcção dele. Como era natural, retardado pelo desvio e pelo peso do veado, o fugitivo perdia terreno.

Que fazer? O caçador estendeu a vista em torno de si: para alcançar algum choupo era mister galgar duzentos cúbitos e, além disso, o espeleu^[4] trepava às árvores.^{7} Quanto à rocha dos trogloditas, ficava ainda a uma distância dez vezes maior. Preferiu sujeitar-se à ventura.

A sua hesitação foi rápida.

Em dois minutos, as feras atingiam a beira do seu retiro. Ali, o leão, vendo que a fuga era inútil, deixou cair o veado, e esperou. Foi um momento de tréguas, uma suspensão como a de há pouco, quando o leopardo segurava a presa. Em volta, o silêncio, a hora da anunciação, a hora em que os nocturnos vão dormir e os diurnos renascem para a luz. Claridades de sonho, cimos de árvores embebendo-se em algodoamentos pálidos, guarnições de graminias lanceoladas meneando-se ao sopro hesitante do Poente, e, por toda a parte, o vago, o confuso, a emboscada da natureza, feita de fronteiras arborescentes, de clareiras, de faixas cetinosas de céu.

Lá em cima, os astros despertos, o salmo da eterna vida.

Sobre um montículo, o espeleu recortava na claridade lunar o seu perfil altivo de dominador, a crina pendente sobre uma peladura mosqueada de pantera, a testa chata, as maxilas proeminentes,—rei outrora da Europa

cheleana, em decadência hoje, reduzida a estreitas faixas de território. Mais abaixo, o leão, de respiração rouca, a pesada garra assente sobre o veado, hesitante em face do colosso, como pouco antes o leopardo diante dele, uma fosforescência nas suas pupilas, mesclada de receio e cólera. Na penumbra, já familiarizado com o drama, o homem.

Um rugido surdo se espalhou; o espeleu sacudiu a{8} crina e começou a descer. O leão, em recuo, de dentes descobertos, largou por dois segundos a presa; depois, desesperado, estimulado pelo orgulho, voltou com um rugido mais estrepitoso que o do seu adversário, e assentou de novo a garra no veado.

Queria dizer que aceitava o combate. O espeleu não obstante a sua força prodigiosa, não respondeu logo. Parado, acuado, examinava o leão, calculava-lhe a força e a agilidade. O outro, com a altivez da sua raça, conserva-se de pé, de cabeça erguida. Novo rugido do agressor, uma réplica retumbante do leão, e achavam-se a um salto de distância.

—Lô! Lô!—murmurou o homem.

O espeleu transpôs a distância, a sua garra monstruosa levantou-se ante as unhas do inimigo. Por dois segundos, a pata ruiva e a pata mosqueada defrontaram-se num armistício final. Depois, o ataque, uma confusão de crinas e maxilas, bramidos ferozes, enquanto o sangue escorria.

Ao princípio, o leão dobrou-se, sob o tremendo assalto. Desembaraçado em seguida, fez um salto transversal, atacou de flanco e a batalha tornou-se indecisa, amortecido o arrojo do espeleu. De repente, o frenesim dos organismos, a agitação dos músculos de bronze, a indecisão de esforços malogrados, o revoltar das crinas ao clarão da lua, um despegar de carnes igual às palpitações de uma onda no mar, a espuma das goelas e a fosforescência das pupilas fulvas, bramidos semelhantes ao restrugir das tempestades nas franças dos carvalhos...{9}

Finalmente, o leão, ferido por um golpe terrível, caiu, rolando; e o espeleu, como um raio, atirou-se sobre ele e começou a rasgar-lhe o ventre.

Debateu-se o leão, rugindo medonhamente. Conseguiu porém levantar-se ainda, de entranhas pendentes e juba ensanguentada. Compreendendo não só a impossibilidade de fugir, senão também que o outro não se apiedaria dele, fez rosto sem fraqueza, e reentrou no combate com tal fúria, que, durante minutos, o espeleu não pôde dominá-lo.

Mas o desenlace aproximava-se, as forças do vencido decresciam rapidamente: dominado de novo, deitado em terra, veio o suplicio, o encarniçamento do mais forte, as vísceras do leão arrancadas, os seus ossos partidos entre arpéus poderosíssimos, a sua face triturada e disforme..., e os rugidos da agonia, repercutidos através do horizonte, cada vez mais roucos, mais débeis, transmutados logo em suspiros, em estertores, em tremor de vértebras... Enfim, uma convulsão de garganta, um arranco lamentoso, e o soberano animal expirava.

O espeleu encarniçou-se no cadáver, na carne ainda vibrante, com a voluptuosidade da vingança e o receio de uma ressurreição. Por fim, assegurando-se de que era infundado o receio, repeliu desdenhosamente o cadáver, celebrou com um rugido o seu triunfo e o seu repto às penumbras, com as espáduas e tórax sangrando de largas chagas.

Rompia a manhã. Ao fundo do horizonte, uma viva filtração de prata, o arco da lua esmaecendo, evaporando-se.^{10}

O espeleu, depois de lamber as feridas, sentiu que a fome voltava, e caminhou para a carcaça do veado. Cansado, muito distante do covil, procurou um retiro, onde pudesse comer, à sombra. A moita próxima, em que se abrigava o caçador, atraiu o seu olhar, e cuidou de arrastar para ali a sua presa.

Entrementes, fascinado pela magnificência do combate, o homem contemplava ainda o vencedor, quando viu que ele se dirigia para a moita.

Um estremecimento de espanto e de terror lhe percorreu o corpo, sem lhe tirar o instinto da luta e do cálculo.

Pensou que, depois de tal combate, e ávido de descanso e de alimento, o espeleu não o inquietaria naquele retiro.

Entretanto, não tinha disso a certeza; recordava as lendas dos velhos, referidas em noites veladas, o ódio do espeleu contra os homens. O grande felino, raro já, em decadência contínua, parecia ter o instinto do papel dos primatas para a extinção do homem, e satisfazia o seu rancor desordenado, sempre que se lhe deparava um individuo solitário.

Ao tumultuarem-lhe no cérebro estas lembranças, o homem hesitava sobre o que, em caso de ataque, seria preferível: se o abrigo, se a planície rasa. Aquele amorteceria o ímpeto da fera; a planície tornava mais fácil o tiro da zagaia e os golpes de clava.

A hesitação não podia durar muito: o espeleu começava a afastar a folhagem da moita. Decidida rapidamente a escolha, o homem deu um salto, e saiu por{11} um atalho, em ângulo recto com a linha que o monstro seguia.

Ao agitarem-se os ramos, o espeleu inquietou-se, rodeou a moita, e, vendo surgir um vulto humano, rugiu. Ante esta ameaça, desvanecida qualquer tergiversação, o caçador, de músculos ágeis e destros, ergueu a zagaia e apontou. A arma vibrou, seguiu direita o seu caminho e foi cravar-se no pescoço do felino.

—Eô! Eô!—gritou o homem, brandindo a clava com ambas as mãos.

Depois, tornou-se imóvel, firme, belo gigante, herói das idades de luta, de olhar lúcido.

O espeleu avançou, calculando o salto. O homem, com uma destreza maravilhosa, fez um movimento obliquo, deixou passar o monstro, a sua clava desceu como um martelo formidável, e estalaram vértebras. Um rugido estrangulado de pranto, a queda, a imobilidade imediata do colosso; e o homem repetiu vitorioso o seu grito de guerra:

—Eô! Eô!

Continuava todavia na defensiva, temendo a repetição do ataque, contemplando a fera, os seus grandes olhos amarelos, abertos, as suas garras do comprimento de meio cúbito, os seus músculos enormes, as suas goelas escancaradas e ainda cheias do sangue do leão e do veado, todo aquele admirável organismo bélico, de ventre pálido, sob a pelagem amarela, mosqueada de negro...

Mas estava bem morto o espeleu, e já não tornaria a encher de pavor as trevas.{12}

O homem sentiu no peito um grande bem-estar, uma plenitude de orgulho dulcíssimo, uma dilatação de personalidade, de vida, de confiança em si, que o pôs nervoso e contemplativo, ante as flores que a aurora iluminava.

As musicas e a brisa da manhã ergueram-se ao mesmo tempo no horizonte. Os animais diurnos foram abrindo as suas pupilas, as aves pipilaram de encantadas, voltando-se para o Levante, entumecidas as suas pequenas cornamusas. Sob transparente névoa, o rio parecia de estanho levemente embaciado; depois, mergulharam nele os esplendores do vapor e nele se reflectiu um mundo de formas e matizes. Os cimos dos grandes choupos e das pequenas graminias da planície estremeceram, ao mesmo hálito quente de vida. O sol já se elevava acima da floresta distante, e os seus raios estiravam-se pelo vale, entremeados de sombras de árvores delgadas e intermináveis. O homem estendia os braços, numa religiosidade vaga, sem culto determinado, compreendendo a força e a eternidade do sol, e o efêmero da sua personalidade. Depois, teve um grito, o seu grito de triunfo:

—Eô! Eô!—

E, à borda da caverna, apareceram os homens.{13}

[1] Espécie de uro. Os franceses chamam-lhe *auroche*, palavra alemã, de *auer*, planície, e *ochs*, boi. (N. do trad.).

[2] Espécie de boi selvagem. (N. do trad.).

[3] Homens de crânio oval. (*N. do trad.*).

[4] Corpulento animal felino dos tempos pré-históricos, *felis spelaca*.

II

A horda

Aos sorrisos da manhã, quando a aragem afagava, regeneradora e voluptuosa, o rio e a planície, os tições da primeira refeição extinguíam-se à beira da caverna dos homens.

A árvore-sepulcro^[5] de cem cúbitos de alto, estendia os seus braços, cheios de esqueletos pálidos, de trogloditas extintos. Ao frouxo embate da viração, o ossário aéreo emitia cânticos suspirosos, eufonias silábicas; e um velho, apoiando o tronco em os calcanhares, punha os olhos présbitos em tais ou tais crânios que surgiam de entre as sombras ramusculares, reconstruía mentalmente os anais de tal ou tal caçador glorioso, de tal^[14] ou tal companheiro da mocidade, devorado pelo nada.

A horda de Pzanns, espalhada, ressentia-se do encanto daquela hora. As crianças saltavam pelo campo, até à fronteira das águas; entre os salgueiros, misteriosamente, alguma rapariga semi-nua avivava a sua frescura e os seus enfeites, enlaçava as ondas fulvas dos seus cabelos; os homens compraziam-se em projectos de caça ou de trabalho, quase todos corpulentos e musculosos, de crânios alongados e cheios de energias

belicosas. Em tigelinhas de sílex, alguns guerreiros moíam e misturavam o minio vermelho com medula de uro, e pintavam o rosto e o peito com um fino pincel de fibras: parábolas mal-feitas, fios entre-cruzados, vagas representações do natural, pequenos anéis, traços irradiantes. Outros prendiam aos joelhos, ao pescoço, à testa, aos pés, ornatos bárbaros, pingentes de caninos furados à nascença, (dentes de leão, de lobo, de urso, de auroco, de veado), vértebras de peixe, cristais com reflexos de ametista, seixos gravados, e a miúda joalheria marinha: a porcelana-lúrida, lapas, litorinas.

A horda representava uma humanidade já propensa ao ideal, industriosa e artista, caçadora mas não belicosa, que aceitava o mistério das coisas sem ter ainda conhecido culto, dominada apenas por vagos simbolismos. Eram filhos da grande raça dolococéfala, dominadora da Europa quaternária, vivendo em paz, de horda para horda, estranhos à degradação da escravatura; caracterizava-os uma nobreza rude, uma grandeza e uma bondade que não mais se encontrarão no decurso da{15} neolítica^[6]. Eram largos os seus campos e tão ricos de alimentos, que ainda não surgira o instinto de apropriação directa nem sombra de astúcia vil. Os condutores de tribo, sem autoridade efectiva, livremente escolhidos e seguidos, por virtude da sua seriedade e experiência, ainda não haviam entronizado o despotismo. Unicamente as questões de amor e rivalidade manchavam, algumas vezes, a terra com o sangue de homem, derramado por homem...

Terminada a refeição e dispostos os enfeites, começou o trabalho das mulheres e dos homens que não entravam na caça desse dia. Ah desde o sílex de Thenay^[7], desde o taciturno antropopiteco, agora que no seio da fauna ia surgir o antepassado cheleano, quantas fronteiras ultrapassadas, dentro do universo cerebral!—divisão do trabalho, tradição de utensílios, soberania da natureza, organismo multiplicador das forças humanas, esboços artísticos...

Com delicada agulha, muitos cosiam pelicas, depois de abrir nelas pequenos orifícios com um punção de pedra; outros, com polidor e raspadeiras trabalhavam em peles frescas; alguns, em bancos de pedra ou de madeira, ao ar livre, martelavam, afiavam as machadas,{16} as facas, as

serras, os burís. O corte, fazendo saltar pequenas estilhas, e feito com uma destreza e paciência admiráveis, deixava aparecer, lentamente, as lâminas e as pontas, e mui raramente o artista deixava de descobrir as direcções convenientes à percussão, familiarizado com a matéria, dotado da previsão que se adquire com a longa prática. Tarefa mais delicada ainda, contornavam outros as pontas, os anzóis, os arpéus de osso e corno, munindo-se de utensílios finos e perfeitos, tais que a humanidade não poderá excedê-los, senão em passando da pedra para o metal.

Sobretudo a agulha revelava uma engenhosa indústria: esquirolas arredondadas por meio de sílex denteado e com entalho; polidura e alisamento com grés fino; escavação do fundo na ponta curva, com uma lentidão calculada, com mil perigos de se partir a obra.

Em quanto os trabalhos começavam, um grupo de caçadores reunia-se junto da caverna.

Ao rochedo mais alto subiu um moço, de olhar penetrante, a explorar as perspectivas. À sua esquerda, sob reflexos de ametista embaciada, frouxa e vaga, a floresta esbatia-se no horizonte, prolongando-se até o rio. Em frente, os valeiros, as quebradas das estepes, a ondulação suave dos outeiros, oásis semelhantes a nenúfares num pântano, o espelho sinuoso das águas fecundas. Atrás, perdida na poeira da tibia claridade das nuvens, a região das montanhas; e por toda a parte perfis diminutos de animais pascendo em planícies: o caçador contou uma horda de cavalos e um rebanho de uros.^{17} Com uma voz atroadora, anunciou-os aos seus companheiros, traçando com o dedo a direcção da caça. Àquele aviso, todos tomaram as armas: o arco, o arpéu, a zagaia, a clava. Depois, no momento da partida, o velho chefe, lançando um olhar em roda, bradou:

—Vamiré!—

Então, no portal das grutas, apareceu o moço que vencera o espeleu. Hesitou entre o desejo de prosseguir na preparação da manta que talhara na pele do monstro e que começara na véspera, e o desejo da caça. Decidiu-o a mocidade, a atracção dos vales rejuvenescidos, as exclamações dos seus

companheiros. Reentrou na caverna, e reapareceu logo, armado de arco e clava, e o bando pôs-se em marcha para o Norte. Cheios de vivacidade ao princípio, excitados os cérebros bárbaros pela marcha e pelas belezas matinais, foram-se tornando depois silenciosos.

De súbito, um rebanho de uros apareceu-lhes no alto de uma colina. Os grandes herbívoros espalhavam-se em triângulo, em número de muitos centenares, numa área de dois mil cúbitos. Os toiros, de flanco leonino, crânio volumoso e pelo avermelhado, circulavam, a passos lentos, entre as fêmeas e os machos tenros. Aquele rebanho enorme realizava um esplendor de vidas tranquilas, de majestade pacífica e de força social. À voz do condutor, (um toiro colossal, postado no ângulo mais agudo do triângulo), os outros machos agruparam-se para o combate. Uma inteligência selvagem,—inteligência atrofiada, entre os seus irmãos da Ásia,{18} por uma servidão que já existia desde muito,—tornava-os aptos para a tática, para a espontaneidade.

Os caçadores pararam. Encobertos por um cabeço, discutiam o plano de ataque. A configuração do terreno e a situação das feras davam lugar a duas alternativas: atacá-las, ao mesmo tempo, à direita e à esquerda, aproveitando a série de outeiros transversais, ou contornar a planície, e surgir lá de baixo, a duas léguas, de uma densa mata de figueiras silvestres.

Depois de alguns minutos, a maioria optou pelo primeiro método, porque o outro, embora mais produtivo em caso de bom êxito, era evidentemente menos seguro, podendo qualquer pânico afastar os uros, antes de serem assaltados.

O bando dos caçadores dividiu-se em dois troços, guiado um pelo velho que empunhava um bastão de comando com esculturas, e o outro dirigido por um colosso de idade madura.

De ambos os lados, a marcha foi organizada segundo as regras, utilizados sabiamente os acidentes do terreno; e a horda do velho, avançando rapidamente, aproximava-se, estava já a distância de tiro, quando o grande uro condutor pareceu inquietar-se. Erguendo a cabeça vermelha, constelada

de luas brancas, farejou o horizonte, e ficou suspenso numa perscrutação profunda. Depois, a sua voz ergueu-se, bela e grave, como a voz dos leões. Os herbívoros dispersos assustaram-se, e concentraram-se. Um minuto de duvida; um estremecimento de espinhaço; a convicção enfim de que estava próximo o inimigo, o implacável inimigo^{19} vertical, tão conhecido das feras; e logo o sinal de fuga, a partida inopinada da enorme caravana, acelerando-se num trote, que fazia latejar o vale.

Renunciando o artil, os trogloditas subiram a cadeia de outeiros que os encobria, os mais ágeis apareceram na cumeeira; mais de dez tiros de arco os distanciavam dos retardatários do rebanho de uros. Estes andavam rápidos, sem estorvo dos novilhos; mas, desde o primeiro assalto dos caçadores, era evidente que a expedição chegava ao seu terreno. Os mais ardentes, verdadeiros bárbaros de raça vitoriosa, sem cálculo, empenhavam-se numa luta de emulação, insensíveis à palavra dos guias. Em poucos minutos, três de entre eles chegaram a menos da distância de um tiro, e as frechas silvaram, um toiro caiu, outro urrou formidavelmente.

—Eô! Eô!

Partiram outras frechas. Ficou estendido um toiro e depois uma fêmea; cinco caçadores tinham os uros ao alcance de tiro.

Então, sacrificando-se, dois dos bovídeos machos fizeram alto. Escarvando o solo por um minuto, e fixando no espaço os grandes olhos perturbados, arrojavam-se à luta, nobres protectores da sua raça.

Mais frechas; mais golpes profundos; mas as belicosas alimárias não pareciam senti-los, cada vez mais próximas sempre, sempre mais ferozes. Confiados nas pernas, os caçadores dispersaram-se, pela maior parte; mas dois moços, entre-olhando-se, e dominados por um orgulho de valentia e destreza, esperavam imóveis. Os outros então, facto curioso, fizeram semicírculo.^{20}

O primeiro toiro, de cerviz baixa, e com uma velocidade terrível, correu directamente contra o mais alto dos moços caçadores. Este, com um

movimento elegante, pôs-se de esguelha e cravou a sua lança na ilharga do toiro.

Sangrado, o animal parecia desfalecer, mas voltou de soslaio, menos ligeiro e mais cauteloso. Mas nem por isso evitou melhor o bote: a arma entrou-lhe de novo nas entranhas, mais penetrante, mais cruel.

Cambaleante, ajoelhado, o uro pareceu vencido, em posição de receber o golpe supremo.

Mas, no momento em que a lança se levantava de novo, ele ressaltou, e com o corno esquerdo levantou o homem. Levado na parte convexa daquele crescente e não na ponta, o guerreiro desembaraçou-se a tempo, e o seu terceiro golpe, decisivo, em pleno coração, assegurou-lhe a vitória.

—Terann matou o grande uro,—rugiu ele.

Ao lado, a luta empenhava-se de outra forma. Quando Terann aniquilava o seu adversário, outro toiro se arrojava contra o caçador da clava.

Postado em frente, temerário, o homem desceu a arma e julgou esmigalhar o crânio da alimária. Mas, vindo de lado, e por um desvio de cornadura, a pancada não sortiu todo o efeito; e o toiro, precipitando-se como um raio, arrastava o nómada pelo espaço de dez cúbitos.

Inerme, maltratado, espezinhado, viam-se já as entranhas do desgraçado, e ouvia-se-lhe o estalido dos ossos.^{21}

Depois o sangue jorrou: feridas enormes esburacaram o peito; e, na perturbação dos caçadores, apenas algumas frechas soaram dos arcos, despedidas pelos melhores archeiros. Depois ainda, como o toiro se encarniçava no corpo do vencido, muitos arrojaram-se com grande clamor.

A monstruosa alimária não os esperou.

Convicta, talvez, de que morreria, mas desejando cair como guerreira, marchou altivamente contra os assaltantes. Nuvens de dardos foram

embeber-se nos seus belos flancos, sem lhe sustar a velocidade, e prontamente atingiu um novo antagonista, um velho que fugia sem agilidade, e lançou-o por terra.

Baixando a cornadura, dispunha-se a arrebatá-lo, mas um tiro de zagaia nas espáduas do uro salvou o homem e o flexível perfil de Terann veio interpor-se.

—Terann! Terann!—clamaram os caçadores. Terann evitou o ataque do uro; mas o seu segundo tiro, mal dado, roçou apenas uma omoplata.

Por sua vez, rolou pelo chão; por sua vez, viu baixarem-se as agudas e velozes pontas da cornadura, e todos o julgaram perdido. Mas, de repente, ágil como o salmão que sobe um rio, apareceu, de clava erguida, Vamiré. Teve apenas tempo de retirar Terann e arrojá-lo ao acaso, enquanto os trogloditas bradavam:

—Vamiré é forte como o mamute!—

Com um aceno, Vamiré desviou qualquer auxilio. Depois, colocando-se a seis cúbitos do toiro, falou-lhe assim:

—Retira-te, valente..., tão digno de viver e de{22} conservar a grande raça dos uros, tão digno de pastar por muito tempo as boas ervas da planície.

Imóvel, o bovídeo fitava no caçador as suas largas pupilas azuladas; e uma piedade misericordiosa segredava, na alma de Vamiré, penas por aquela grandiosa alimária, sacrificada à fatalidade das lutas. Entretanto, triste, já sem arrojo e com as artérias exaustas, o toiro baixava ainda a cornadura, aguardando o ataque do homem. E Vamiré prosseguiu:

—Não, valente..., Vamiré não tocará no grande uro vencido... Vamiré sentiria que as planícies ficassem privadas do valente, que pode proteger a sua raça contra o leão e o leopardo...

Dobrado sobre os joelhos, o uro parecia escutar o caçador, num sonho dilatado e vago. Depois, a sua cabeça oscilou, um eco débil de rugido

estremeceu-lhe na garganta... O toiro prostrou-se, as suas pálpebras entrecerraram-se, e o seu último alento exalou-se sobre as gramíneas.

Assim findou a caça, numa grave tristeza; e os cinco uros, que jaziam dispersos na planície, haviam custado a vida a um filho dos homens, porque se viu que Vanhab, filho de Djeb, acabava de restituir o seu ser às coisas. E os guerreiros Pzanns ainda uma vez reconheceram a força e a coragem do uro; mas, por um sentimento de indefinida discrição, sentiam agora mais amargura que cólera. Associados às últimas palavras de Vamiré, sabiam que a existência do herbívoro é necessária à dos homens; e é por este profundo sentimento que eles, muitos milhares de anos antes da domesticação^{23} da alimária, tinham aprendido a dispor moderadamente de qualquer vida, salvo da dos carnívoros e parasitas, e a mostrar-se generosos com os uros valentes, para que as hordas de veados, os rebanhos de bovídeos e as caravanas de cavalos estivessem fortalecidas contra as grandes feras.^{{24}{25}}

[5] Refere-se o autor à árvore, que os nómadas escolhiam, para nela dependurar os esqueletos dos seus mortos. (*N. do trad.*).

[6] Segundo período da idade de pedra, chamado também idade da pedra-polida.

[7] Os sílex de Thenay são os primeiros e os mais grosseiros vestígios da indústria humana, atribuídos a uma espécie de homem-macaco ou antropopiteco, precursor do nosso antepassado da época cheleana.

III

O funeral de Vanhab

Ao cair da tarde, transformado o sol num braseiro circular, os velhos surgiram da caverna, seguidos pela melancólica horda.

Dois guerreiros moços transportavam o cadáver de Vanhab; e o vermelho clarão do sol poente, sobre o pálido crânio e através da caixa torácica, caía como um símbolo de profunda amargura, avessa a um dia primaveral, sobre as ruínas de um moço que desaparecera para sempre no abismo das metamorfoses.

A horda desfilou lentamente através da planície, e os lamentos surdos da esposa e da mãe interrompiam a taciturnidade da cena.

Quando subiram a colina e chegaram à árvore-sepulcro, viu-se um velho colocar-se ao pé de Vanhab, e todos aguardaram a sua fala, porque tinha fama de saber falar aos outros homens.

O velho conservou-se imóvel por algum tempo, para que lhe chegassem à memória coisas antigas, confusas^[26] sínteses adquiridas pela sua raça que, dominada pela natureza, ainda não tinha concebido mistério algum além das formas materiais. E falou:

—Homens... Vanhab, filho de Djeb..., nascido entre nós..., era um caçador intrépido e um trabalhador destro. O uro, o leopardo, a hiena, conheceram-lhe a força... Retalhou os despojos de alimárias, e deles fez vestidos e armas... Fabricou utensílios da pedra benéfica... Homens... Vanhab, filho de Djeb, saiu da vida..., não caçará mais, não mais despojará a alimária, nem mais fabricará utensílios da pedra benéfica... E porque era um companheiro fiel e prudente..., nós deploramos Vanhab, filho de Djeb.

—Nós deploramos Vanhab, filho de Djeb,—repetiram as vozes da horda.

Depois, houve pesado silêncio, e as cabeças dos trogloditas ergueram-se para ver subir à árvore-sepulcro um ágil caçador, que passou de ramo em ramo, por entre os esqueletos dos avoengos. Quando chegou a um ramo livre, suspendeu-se Vanhab, filho de Djeb, ao cordão entrançado, em cuja

extremidade pegava o trepador, e os restos do finado subiram por entre a folhagem.

Do horizonte morno e do grande zénite manava uma languidez tão doce, um sopro de vida tão encantador, e uma majestade tão serena, que os companheiros de Vanhab, sua mãe e sua viuva esqueciam a dor e o terror da morte.

O cadáver, seguro enfim, oscilou um pouco, e a horda começou a debandar sob a penumbra do crepúsculo.^{27} Nos pontais das suaves colinas, à beira do rio, as naturezas contemplativas viram repartir-se a luz em mil figurações efémeras.

Dentro em pouco, debaixo da árvore, havia apenas o núcleo dos companheiros íntimos e dos parentes.

A sombra sucedeu aos esplendores do céu. Mais um dia desapareceu nas profundezas do passado. Mais uma noite desenrolou o manto do infinito.

Impressionados então, com imaginações embrionárias, com o pensamento da morte e da noite associadas, os humildes pré-históricos, fiéis a Vanhab, juntaram um sonho aos milhões de sonhos, de que nasceram os cultos, de que nasceram as alianças do terror, do sobrenatural e da imortalidade.

Entretanto, a jovem esposa estava prostrada sobre a erva, com os cabelos esparsos sobre as gramíneas, como as flores dos salgueiros que choram sobre os nenúfares dos lagos; e Terann, o vencedor, amigo de Vanhab, apiedou-se dela e sentiu estremecer o coração, porque o cabelo da mulher era formoso e o seu pescoço arredondado e branco, à claridade final do dia.

Terann teve então palavras doces, e ela ergueu os olhos... Ponderou que Terann era forte entre os fortes, e sem ferocidade para as mulheres e crianças. E, quando as trevas se cerraram, ficou um ao lado do outro, sem movimento, sem palavras, mas sentindo raiar em si um porvir, enquanto os lobos vagueavam na planície, e a hiena gargalhava à borda do rio, e os grandes carnívoros sentiam dilatar-se-lhes a força.^{{28}{29}}

IV

A ilhota

Vamiré, filho de Zom, não obstante a sua juventude, era o assombro da horda dos Pzanns. Caçador experto e valente, belo de estatura e forte como o auroco, possuía também os dons misteriosos da arte. As formas do animal e da planta cativavam a sua imaginação.

Era daqueles que divagam sozinhos sobre as colinas e que cruzam a floresta, ou vogam pelo rio, ou se embebem nas trevas, pelo jubilo de surpreender as coisas secretas.

De homens tais não motejavam os dolicocéfalos da Europa, antes estimavam profundamente Vamiré, porque sabia manejar o buril que grava no osso e no corno, e o cinzel, e o formão que desbasta a madeira e o marfim.

Apaixonado pela sua arte, tornara-se o mais famoso dos artistas entre as tribos que, na primavera, chegavam ao Oriente meridional.

Durante dias e semanas inteiras, saía do meio dos{30} seus companheiros, explorando solidões, trabalhando em algum retiro longínquo; e os artefactos que ele trazia das suas excursões eram o espanto da sua horda. Nem Zom seu pai, nem Namir sua mãe, se inquietavam muito com essas ausências, porque muito fiavam da fortuna do filho.

Ora, um dia de manhã, embarcou ele, e foi, rio abaixo, na sua pequena embarcação, que estremecia à menor ondulação das águas, cortadas pelo remo.

À proporção que ele perdia de vista a caverna dos trogloditas, o rio era mais largo e menos profundo, e grandes pedaços de rocha dificultavam a navegação, vestidos de musgos e líquenes. Havia ali o hino das águas extensas, o baixo grave da corrente, os rumores da pedra batida da água, um encanto de ressonâncias, às vezes penedos dispostos com simetria arquitectural em galerias abertas aos quatro ventos, nas quais soluçavam vozes de abismo.

Até às margens virgens chegava a floresta, orlada de salgueiros frágeis, povoada de choupos grisalhos, freixos plangentes, bétulas nos cabeços; atrás, a população de árvores gigantes, o cosmos dos cipós e das plântulas em briga, o mistério da natureza criadora, forças livres, a renascença sobre o hino milenário, numa penumbra de templo e de emboscada, onde palpita eternamente a alegria, o terror e o amor.

Vamiré largou os remos, dominado pela solenidade do espectáculo, encantado pela vacilação das sombras das árvores sobre a água, pelo perfume agreste da paragem, enquanto por entre varas e ervas iam passando{31} focinhos de herbívoros, e bandos de esturjões subiam a corrente, roçando os penedos erráticos.

Entrementes, apareceu uma ilhota.

Vamiré pôs-se a remar, e foi amarrar a canoa numa angra, entre salgueiros, no limite meridional da pequenina ilha. Batráquios, galinholas, e um adem espantaram-se. Vamiré desviou a folhagem e achou-se numa clareira, onde a terra parecia calcada e as ervas silvestres mondados intencionalmente.

Sorrindo ligeiramente, Vamiré meteu a mão na cavidade de um ameeiro, e tirou de lá raspadeiras, lâminas, pontas de sílex, pedaços de osso, de corda, de madeira de carvalho.

Ficou por um instante em contemplação diante de uma estatueta, indecisa ainda, cuja cabeladura, testa e olhos estavam quase concluídos; e deixou-se tomar de uma beatitude religiosa, estética:

—Estará concluída, antes da lua cheia.—

Depois, arrojou o manto, foi à canoa buscar os dentes e os ossos que tinha levado, e, por muitos minutos, hesitou sobre se continuaria a estatueta, ou se trabalharia em gravuras.

Tentavam-no principalmente os caninos do espeleu. Pegou neles uma e muitas vezes. Piscando os olhos e apertando os lábios entre os incisivos, esboçou com a ponta do buril de sílex contornos imaginários. Depois, espalhando a vista em redor, e passeando pela ilhota, pareceu buscar algum modelo,—árvore, ave, peixe.

Apanhou numa enseada um grande ranúnculo aquático de corola pálida, e examinou-o atentamente.^{32}

Uma doçura inteligente, a subtileza de estar em contacto cerebral com a natureza, uma concentração de artista, avincavam-lhe a fronte e as pálpebras. Grandes pétalas de verniz suave, anteras tenuíssimas, pedúnculo matizado de rosa, tudo isto ele apreciou, como amante da forma, com a sua retina voluptuosa, mas principalmente as linhas terminais, os contornos que o seu buril poderia reproduzir, as fronteiras da flor.

Fixando-a no solo e escorando-a com ramúsculos, tentou restituir-lhe a posição natural e aguçou o seu utensílio.

Finalmente, tomando um dos caninos do espeleu, e profundamente absorto, gravemente apaixonado, começou a traçar um ligeiro perfil, um esboço do ranúnculo.

Firme, e de bom tacto, a sua mão musculosa de atleta prestava-se ao trabalho artístico; entreviam-se já uns traços graciosos, o desabrochamento das pétalas, os pontos das anteras sobre as débeis hastezinhas.

Comovido, Vamiré ficou-se, de olhos meio cerrados e lábios mais nervosamente apertados entre os incisivos: os minutos foram bem empregados; a flor aparecia belamente sobre o fino marfim.

O homem riu-se em voz baixa e cruzou os braços sobre o peito. Em seguida porém, descontente de alguns traços, apagou-os com a raspadeira, recomeçou-os, até que surgiu a contrariedade, a luta, o momento em que o trabalho se torna pesado, eivado de cólera. Com gestos de criança-colosso, exprobrações à matéria, descaídas de braços ao longo do tronco, duas ou três vezes largou o buril.^{33}

Mas a obstinação da sua raça fazia-o retomar o trabalho, até que terminou o esboço, corrigindo as linhas imperfeitas.

Cansado, então, ergueu-se, e não quis olhar mais para a sua obra. Abatido diante da natureza, sentiu que a melancolia lhe invadia o cérebro.

Demorou-se largamente à beira do rio. Era a grande estação fecundadora: as águas enchiam-se de uma nuvem de animais inferiores, muitos dos quais vinham do mar, subindo as correntes. As enchentes do equinócio haviam cessado mais de um mês antes, e raramente se avistavam ramos e troncos de árvores desarraigadas.

Chegou o meio dia, o grande sol, as sombras diminuídas, o ar trémulo de calor, colunas de ar ascensionais; mas, na lentura da ilhota, debaixo dos salgueiros e ameeiros frescos, era deliciosa aquela hora.

Além, na margem distante, mostrou-se um grande animal cornífero, em que Vamiré reconheceu o auroco. Vamiré adiantou-se, sem pressa, até à beira do rio ao longo de uma espécie de molhe.

O coração do caçador palpitou, à vista do enorme mamífero. Admirou-lhe a cabeça larga, inclinada sobre o rio, as pernas altas, o peito musculoso:

—Eô! Aqui está Vamiré!... Vamiré!—gritou ele ao animal, com voz retumbante.

O auroco levantou a cabeça, assombrado, e o nómada repetiu:

—Vamiré consente que vivas!—

O auroco, acabando de beber, afastou-se.

Vamiré tinha levado, para conservação sua, uma^{34} posta de uro, previamente assada. Deglutiui-a, estendeu-se no chão e adormeceu.

Passado tempo, um rumor acordou-o em sobressalto. Vamiré viu fugir meia dúzia de ratos aquáticos.

Levantou-se de um salto, estremunhado, e pensou logo na gravura incompleta do canino. Quando a retomou, foi agradável a sua surpresa: em vez do esboço duvidoso que ele imaginava, era um bosquejo firme, exacto, de linhas elegantes.

Pegou no buril, aprofundou cuidadosamente os contornos; depois, fazendo um buraco para suspensão, na raiz do dente, sorriu de alegria diante do seu novo e belo artefacto. Apenas, por aquele dia, o seu poder criador achava-se esgotado: tentou em vão retomar a estatueta: um enfado invencível, uma desabilidade contínua, acompanhavam cada um dos seus esforços.

Descoroçoado, repôs os seus materiais e os seus utensílios na cavidade do ameeiro e ergueu a vista ao firmamento, para calcular a hora. A noite vinha ainda longe, o sol ia a meio caminho do Poente, se bem que a fresquidão se sentia já no prolongamento das sombras.

Os nemóceros zumbiam em colunas, e por cima da floresta iam-se formando nuvens translúcidas.

Então um aborrecimento pesou no coração do dolococéfalo,—um aborrecimento de saúde opulenta, de força acumulada. Esvoaçaram no seu crânio desejos indefinidos, desejos de caça, de trabalhos perigosos, de procriação.

Tentavam-no as regiões de além, a jusante do rio. Desconhecidas pelos da sua raça, excitavam-lhe a curiosidade{35} rude, audaciosa e pueril. Porque não havia de ir vê-las? Na sua juventude intrépida, propensa a ásperos empreendimentos, acostumada aos erros solitários, no seu cérebro de artista, de imaginação ardente, aquele desejo engrandeceu-se, definiu-se.

Inspeccionou então cuidadosamente as suas zagaias, a sua clava, o seu arpéu duplamente denteado; assegurou-se de que nenhuma veia de água ameaçava a sua canoa, e, retomando o remo, embarcou de novo.

À proporção que ele se adiantava remando, a floresta tornava-se cada vez mais densa, as margens menos definidas, formadas de humo viscoso de aluviões movediças, de escombros silvestres. A água, mais escura, era também mais vagarosa; os penedos já não apareciam; velhas árvores de mil anos erguiam-se de espaço a espaço; grandes répteis dormiam nos promontórios; e a gritaria dos papagaios encobria os murmúrios augustos da vida.{36}{37}

V

O homem das árvores

Quando a noite escureceu o rio, Vamiré percebeu que estava imensamente longe dos confins da floresta. Assou algumas postas de um esturjão arpoado na passagem, e, mitigada a fome, vieram-lhe à memória as lendas vagas dos Pzanns:

—«Tah, ancião de cento e vinte Invernos e memória lúcida, narrava o desmoronamento das montanhas. Três gerações antes de Tah, o Oriente meridional era limitado por lagos e serras, que nem os Pzanns, nem povo algum conhecido dos Pzanns tinham jamais transposto. Mas os fogos subterrâneos expandiram-se, e o ventre das montanhas entreabriu-se.

«O abismo bebeu os grandes lagos. O espanto dominou os homens, e, desenvolveu-se uma geração inteira, sem que ninguém se atrevesse a devassar as novas regiões. Depois, Harm, o grande caçador, acompanhado pelo pai de Tah e por moços valentes, aventurou-se aos desfiladeiros cavados pelo cataclismo. E foi^{38} assim que se descobriram as grandes planícies do Oriente meridional...»—

Sentado sob uma faia de franças trémulas, comovido por aquelas lendas, Vamiré desejou ser, como Harm, um daqueles que descobrem terras distantes.

Lembrou-se ainda de outras lendas: a história dos Pzanns aventureiros, que, mais de cem anos antes, haviam tentado explorar a floresta, e muitos

dos quais tinham desaparecido sem deixar vestígios, e outros tinham regressado, contando que o rio corria eternamente por entre árvores gigantes, e que os perigos aumentavam a cada dia de viagem.

Mas nada disto desalentava o nómada. A sua curiosidade e a sua coragem crescia a cada rumor da noite, a cada emboscada que ele entrevia nas sombras.

Permaneceu largo tempo, sem sono debaixo da faia. Mas quando, enfim, o cansaço lhe oprimiu o corpo, foi buscar a sua canoa e transportou-a para a margem; depois, tendo encontrado um lugar seco, estendeu ali a pele do espeleu e, virando a canoa, cobriu-se com ela, resguardando-se contra surpresas muito rápidas. E, com a clava numa das mãos e a zagaia noutra, adormeceu.

Nem nessa noite nem nas seguintes foi Vamiré atacado pelos carnívoros. Não porque os monstros da sombra não girassem à volta da sua canoa; mas é que nenhum tentou o assalto.

Vamiré acampava ora em ilhotas, ora nas margens silvestres. Em meio da abundância de tudo, não lhe faltou carne nem frutos que mantivessem a força do homem.{39}

Mais de uma vez, diante da interminável floresta, de onde manavam grandes ribeiras afluindo ao rio, chegou a arrepender-se da aventura, e a tristeza tomava-lhe a alma. Pensava em que o regresso seria mais difícil que a ida; a memória inquietava-se-lhe com a história dos que não tinham regressado; e o coração enchia-se-lhe de saudade, ao lembrar-se de Zom e Namir, seus geradores, e de seus irmãos e irmãs, mais novos que ele.

É verdade que Zom e Namir o tinham já esperado por outras vezes durante dois ou três quartos de lua, e se haviam acostumado às ausências dele; mas agora, que duração teria a viagem?

Os obstáculos acumulavam-se, especialmente as cachoeiras, que Vamiré não podia transpor, senão levando a canoa pelas margens.

Por entre espinhais e grossas raízes que ressaíam da terra, por cima da acidentada areia movediça, por entre répteis e feras alapadas, árdua era a passagem; mas estes próprios obstáculos, à proporção que ele os vencía em maior número, estimulavam-no à perseverança, pela ânsia de perigos sem recompensa.

Um dia, despertou quando as aves findavam o hino da alvorada, quando o orvalho escorria das árvores como chuva ligeira. Um ruído de ramagens chamou a sua atenção. Viu avançar então um vulto cor de freixo, de andadura oscilante, aos pulos, acorado nas mãos posteriores; a sua estatura excedia a da pantera. As suas quatro mãos, o seu rosto, os seus olhos circulares, as suas orelhas delicadamente contornadas, lembraram a Vamiré^{40} palavras de Sboz, aquele que de entre os Pzanns penetrara até mais longe no desconhecido da floresta: naquele extraordinário ser, de braços desmedidos e peito largo, reconheceu Vamiré o *homem das árvores*. Estranho aos povos da Europa e quase aos da Ásia, cada período o impelia para as regiões ardentes: cem mil anos depois do êxodo da raça, as florestas meridionais, raras e espessas, conservavam apenas algumas famílias solitárias.

Vamiré teve um movimento de simpatia. Levantando-se, soltou o grito de chamar, próprio dos Pzanns. O homem das árvores parou, inquieto, espreitando com os olhos redondos, por baixo da espessura da ramaria.

Vamiré, desviando as frondes, descobriu-o de súbito.

—Hoi!... Venturoso sejas!

O homem das árvores pôs-se em pé. Coberto de pelos penugentos, de raros cabelos, de menor estatura que o nómada, mas mais largo de ombros, parecia dotado de uma força extraordinária.

Vamiré admirou-lhe a fisionomia feroz, as maxilas enormes, as sobrancelhas emaranhadas por cima das pupilas amarelas, a sua epiderme escura e granulosa, sem que diminuísse a simpatia, o prazer de encontrar um semelhante, depois de uma semana de solidão; e, acompanhando as palavras com o gesto, Vamiré tornou:

—Vamiré, amigo..., amigo!

O homem das árvores rosnou, entreabrindo os beiços, certamente hesitante sobre as intenções do outro.^{41}

O nómada, vendo a inutilidade das palavras, recorreu aos gestos, mas sem outro resultado, senão aumentar a desconfiança do desconhecido.

Sem se importar disso, Vamiré deu alguns passos em frente; mas então, de punhos cerrados e pupilas trémulas, o homem das árvores bateu no peito e ameaçou o troglodita. Este irritou-se:

—Vamiré não teme o leão, nem o mamute, nem as ciladas dos homens...

O homem das árvores rosnou outra vez, sem avançar todavia para o Pzann, mantendo-se na defensiva.

À vista do que, Vamiré calou-se, já sem ira, e com uma curiosidade crescente.

Os dois contemplaram-se por algum tempo.

Esta pausa pareceu inspirar alguma confiança ao homem das árvores. A sua fisionomia desvincou-se, manifestando uma paz de herbívoro. Embora menos analista que Vamiré, percebia também que estava na presença de um semelhante. Vagos instintos porém, talvez recordações directas, temores atávicos, não lhe tornavam agradável tal presença.

Sentiria ele que outrora, ao dissolver-se o período terciário, ele ocupava a mesma escala do grande dolococéfalos que estava em pé diante dele? Que, por misérias e vivendas depressivas, a sua raça estava agonizante e a do outro vitoriosa? Traria ele, gravadas na sua carne, as dores, as revoltas, as nostalgias, os êxodos perpétuos, as campanhas perdidas, tudo que se transmite de geração a geração, de sangue a sangue, e cujo despertar indefinido, entressonho de vidas passadas, ressurgidas^{42} subitamente nas fibras hereditárias, equivale à memória directa e precisa?...

E o homem das árvores, desajeitado, continuava, embora menos desconfiado, a espreitar Vamiré. O Pzann, deixando de gesticular, e convencendo-se da impossibilidade de se fazer compreender, retirou-se para a sua canoa, a fim de a pôr a flutuar.

Quando chegou ao rio, voltou-se e viu que o homem das árvores o tinha seguido e o olhava com curiosidade.

Embarcado Vamiré, uma certa benevolência se desenhava na boca cinzenta, sobreposta de nariz chato, do homem das árvores, que com os braços peludos esboçou um vago gesto de amigo. Vamiré correspondeu-lhe imediatamente, sorrindo, e desculpando ao selvagem a desconfiança.

Por muito tempo, e enquanto a débil canoa se afastava, entre o raizame das margens deixou-se ver imóvel uma face atenta; e uma admiração pânica e uma impressão mista e selvática como as sarças marginais, vagueavam no cérebro do homem inferior, no crânio moroso do homem das árvores.^{43}

VI

Contra-anúncio

Mais alguns dias, e sempre a floresta! Vamiré começou a duvidar de que ela terminasse. Porque não seria ela a fronteira do mundo?

E contudo as cachoeiras iam diminuindo. À exceção do assalto de uma pantera, que do alto de uma árvore o atacou, e cujas entranhas ele fez em

pedaços, à exceção da tortura dos infinitamente pequenos que sem cessar lhe perseguiram o corpo, à exceção das ameaças dos répteis, Vamiré só tivera que vencer os obstáculos do inanimado, as ciladas da terra pantanosa e das plantas emaranhadas das angras. Cada vez mais hábil em adivinhar os perigos, ao simples aspecto da terra e das águas, acostumara-se a rir de tais obstáculos, e maior altivez palpitava no seu coração e nas suas carnes.

Ao sexagésimo dia, a vegetação começou a clarear-se. Por duas ou três vezes se avistaram clareiras, novos recantos silvestres em que as árvores eram mais acanhadas e mais raros os colossos seculares.{44}

Por outros indícios ainda, pela presença de animais que preferem a proximidade dos espaços livres, pela própria natureza do terreno, Vamiré pôde pressentir o bom êxito da sua empresa.

Dois dias depois, haviam desaparecido as suas últimas duvidas. A margem esquerda mostrou-lhe velhas estepes, ligeiramente arborizadas, e onde as árvores se disseminavam muito.

Ao meio do sexagésimo oitavo dia, amarrou a canoa numa calheta escolhida, armou-se com as zagaias e a clava, e empreendeu uma excursão a pé, para o lado do Ocidente.

O solo era firme; as gramíneas e as plântulas predominavam, cada vez mais, entre as árvores.

Depois de algumas horas, Vamiré chegou acima de um outeiro, de onde avistava um amplo horizonte. Ao Norte, uma perspectiva verde, violácea, atrigueirada, a floresta-oceano, por onde se escoavam os encantos da luz, onde a vida se alastrava em expansões inúmeras e subtis. Ao Sul, a inclinação das estepes, entrecortadas de oásis, a perspectiva de uma região de caça e transito livre, o novo país que Vamiré desejava conhecer, e cuja aparição lhe encheu triunfalmente o peito.

Rindo consigo, pensava na surpresa dos Pzanns, na satisfação de Zom e de Namir, quando lhes contasse a sua viagem.

Ficou extático, por muito tempo, sobre a colina. Mas o firmamento, por cima dele, tornou-se ardente. Juntaram-se grossas nuvens, carbunculosas, orladas de fosforescências. Um sopro angustioso, giratório, ascensional,^{45} comprimia as plantas; os raios caíram majestosamente sobre a floresta.

Vamiré gostou da tempestade; o seu organismo absorveu a força e o movimento dela, tão acordes com o estado da sua alma. Quando se despenhavam as águas do céu, Vamiré desnudou os ombros e recebeu com voluptuosidade a fresca inundação.

Calmou-se entretanto a tormenta, esfarrapados os nimbos, bebidos pela tepidez firmamental, desfeitos pelos choques eléctricos. Apenas as gramíneas guardavam a humidade fluvial: a terra ávida tudo absorvera.

Depois da chuva, Vamiré marchou deliciado para a paisagem. Os últimos vestígios silvestres tinham-se desvanecido. Nada havia já, se não estepes imensas, entrecortadas de verdes maciços.

As nuvens disseminadas desmanchavam-se em pedaços efémeros adiante do sol, e uma ligeira sombra, de instante a instante, refrescava as perspectivas.

Ia chegando a noite. À hora do crepúsculo, Vamiré, parou à beira de um oásis e passou ali a noite. No outro dia, prosseguiu na marcha, resolvido, se não sobreviesse alguma aventura, a regressar, visto como havia descoberto o que desejava: novas terras de caça.

Pegadas de uros, de aurocos, de veados, de cavalos, convenceram-no da fecundidade do terreno, e projectou uma grande expedição de moços Pzanns, para o ano seguinte. Mas, ao segundo terço daquele dia, ocorreu uma aventura importante.

Foi durante uma paragem, quando o nómada acabava de comer um par de codornizes, caçadas durante^{46} a marcha. Abrigado sob umas figueiras silvestres, viu aproximar-se uma mulher.

Vinha vestida de fibras vegetais, entretecidas de gramíneas da planície.

Vamiré encobria-se; a onda que nele se agitava, do coração ao cérebro, traduzia ansiedade e satisfação.

A certeza de que ela era moça demonstrava-se não só ao simples aspecto, à proporção que ela se aproximava, mas também pela cadência do andar e pela flexível vacilação das ancas.

Quando ela chegou a trinta passos, viu-se que atingia apenas a puberdade, mimosa virgem de grandes olhos, surpreendendo Vamiré pela dissemelhança com a rapariga vulgar da Europa, de crânio alongado e compleição robusta.

O seu rosto, um pouco redondo, pálido como as nuvens primaverais, os seus cabelos iguais à melânia dos lagos em noites sem estrelas, a sua cintura breve, mais comparável à circunferência dos freixos que à dos choupos, e o porte da sua figura, e a forma dos seus lábios e da sua fronte, e o talho das suas pálpebras, tudo lembrava a raça longínqua, a humanidade que se engrandecera, após milhares de séculos sem contacto com as hordas nómadas do Ocidente.

Vamiré,—da mesma forma que o herbívoro, estranho desde séculos às regiões bravias, guarda o instinto atávico de reconhecer o grande tigre,—Vamiré percebia a distância entre o seu organismo e o da adolescente. Previu coisas inteiramente novas naquele recanto do mundo, aonde o levava um capricho seu; e esta^[47] presciência do desconhecido abalou-o. Hesitava o nómada em assaltar aquela presa de amor, e uma horripilação atravessava-lhe as fibras, como a aproximação de uma tempestade nos nervos de um pássaro. Mas na sua imaginação bárbara, agitada por um sangue eléctrico e por todo o amor de Maio, a estrangeira pareceu infinitamente apetitosa.

Filho da arte, propenso à voluptuosidade dos contrastes, sentiu-se atraído pelos longos cílios de frouxel negro, pelo andar oscilante, pela precisão dos contornos, pela encantadora viveza das pupilas, e resolveu-se.

Mas, enquanto hesitava, a viandante abeirou-se do oásis. Vamiré levantou-se de um salto, com a rapidez de um garanhão.

Sentindo rumor e voltando-se, a virgem viu chegar Vamiré. Assombrada e gritando plangentemente, tentou fugir. Pisava as grandes ervas, correndo ligeira, mas sem esperança de escapar ao formidável caçador, e por duas ou três vezes procurou ladear, encobrendo-se com as moitas, tomando por tangentes. Vamiré perseguia-a, cada vez de mais perto, retardado simplesmente pelo prazer de ver flutuar os cabelos da fugitiva e requebrar-se seu tenro corpo em curvas tentadoras. A virgem sentiu-o enfim junto de si, e na cabeça o hálito do caçador.

Parou e voltou-se. Com o susto a reflectir-se nas pupilas, e o peito turgente sob as fibras do vestuário, ergueu os braços suplicante, em meio de uma caudal de palavras confusas.

O nómada ficou imóvel diante dela, convencido^{48} da impossibilidade de compreender aquela linguagem, mais rápida e mais sonora que a sua. Mas a linguagem da natureza, o terror impresso nos lábios e nas pálpebras da desconhecida, moveram-no à piedade. Menos vivas e mais profundas, percorreram-lhe o organismo novas impressões, esboço de poema selvagem e retraimento de brutalidades voluptuosas diante da ternura.

Teria ela a compreensão, o instinto sequer, do seu triunfo sobre o grande ocidental de cabelos claros?

Menos tremula, continuou a murmurar sílabas, mescladas de uma indecisa malícia. Vamiré tentou responder, significar-lhe que não queria fazer-lhe mal. Mas os seus gestos de estatuário eram novos para ela, que os observava atentamente. Filha de raças não plásticas, de raças cultuais, não compreendia senão movimentos amplos e monótonos, distantes da natureza. Mas ainda mais que pelos gestos, pareceu surpreendida quando Vamiré, desprendendo um dos seus enfeites de marfim, lho ofereceu: não sem desconfiança, a virgem contemplou as linhas gravadas na pequena lâmina, —a corrida de um uro, perseguido por uma fera,—e pegava no artefacto em sentido contrário sem o compreender. O nómada, sorrindo, pôs-se a indicar a direcção dos traços, a representar o desenho por gestos, perturbando-a ainda mais.

Entretanto, os olhos e as interjeições de Vamiré iam-na tranquilizando a pouco e pouco.

A desconhecida já sorria também. Então, cheio de alegria, Vamiré pôs-lhe a mão no ombro. Ela recuou, voltando à desconfiança.{49}

—Vamiré é bom!—murmurou ele.

De repente, a desconhecida, estendendo os olhos pelo horizonte, deu um salto e bateu as mãos. Vamiré, seguindo-lhe a direcção do olhar, viu, contrariado, aproximar-se, correndo, um grupo de homens, enquanto ela, com um gesto, um tanto travesso, fazia sinal ao nómada para que fugisse.

Vamiré, crispando as mãos, tacteava as suas armas e contava os sobreviventes, que eram doze, armados de grandes arcos e lanças.

Diante da impossibilidade da luta, deixou-se possuir de uma desesperação de idílio frustrado e de orgulho ferido.

—Vamiré não tem medo,—disse ele altivamente. E, como a estrangeira se ia afastando, seguiu-a e segurou-a por um braço. Ela debatia-se, gritando alto. Irritado, Vamiré apertou-a contra si e levantou-a.

Aterrada por ver que era leve como uma cabrinha sobre o peito do nómada, defendeu-se sem violência, timidamente.

Não obstante o fardo, Vamiré tomou caminho, e pôs-se a correr, com uma velocidade surpreendente, excitado pelo grito dos que o perseguiam, e, pelo menos nos primeiros minutos, foi ele o vitorioso.

Os que lhe iam na cola, membrudos, e de raça menos encorpada que a dele, não pareciam perseguidores de presas, homens de jarretes de fera, como os dolílocéfalos ocidentais.

Ágeis contudo, não cansariam tão depressa como Vamiré, a menos que este não abandonasse o fardo. Mas{50} ele não pensava nisso, dominado pelo seu temperamento de lutador.

Vamiré corria para leste, para a margem onde deixara a canoa. Supondo-se mesmo que mantivesse a sua velocidade, não poderia chegar lá antes de metade de um dia, muito depois do crepúsculo, depois que a lua estivesse no zénite.

Passados alguns minutos, a donzela deixou de se defender. Mulher afinal, levada por um homem que a não tratava severamente, começou a sentir uma vaga curiosidade, deixando descansar a cabeça e a parte superior do peito no ombro de Vamiré.

Ao longe, na planície, via os homens da sua tribo, distinguia-lhes os gestos. Armados de grandes arcos e lanças velozes, cobertos de mantos tecidos com fibras de plantas e lã de animais, eram por ela confusamente cotejados com Vamiré, vestido com a pele do espeleu e armado de clava e zagaia; desejaria sem duvida que eles triunfassem, e contudo desejaria também salvar a vida do seu raptador. Uns longes de vaidade, a impressão feminina de que a violência do homem não era uma injúria, a força de Vamiré, a atracção do desconhecido, todas estas coisas vagueavam no seu espírito semibárbaro, não permitindo a fixidez de um desejo.

Decorreu uma hora de terrível correria, em que Vamiré aumentou sempre a dianteira que tomara.

Mais suave, mais inclinada, a luz cobria de âmbar a planície, e a sombra do caçador e da sua presa galopava, projectando-se imensa para leste.

Voltando-se subitamente, Vamiré não viu os perseguidores.^{51} Subiu a um montículo e avistou-os a mais de quinhentos cúbitos. Abriu os lábios num sorriso triunfal e gritou:

—Eô! Eô!

E, voltando-se para a virgem:

—Vamiré é o mais forte!—

Ela voltava a cabeça, ofendida por aquele sorriso e por aquele grito. O caçador sentou-a, e ficaram em silêncio por minutos.

A respiração de Vamiré, rouca e desagradável pouco antes, foi-se regularizando; o peito arquejava-lhe mais rítmico.

O nómada murmurou então algumas palavras. Ela abriu os olhos, e o seu olhar encontrou o dele. O olhar de Vamiré era sereno e terno. Ela encrespou as pálpebras, deixando ler no rosto uma temeridade feminina, maliciosa, desdenhosa.

Vamiré inquietava-se e encantava-se com isso: achava-a assim mais amável, e repetia, com menor convicção:

—Vamiré é o mais forte!—

Os perseguidores aproximavam-se: era necessário recomeçar a fuga.

Vamiré retomou a dianteira que levava, e pareceu então evidente que os outros, e não ele, cansariam primeiro. Demais, os perseguidores, que até então corriam juntos, começaram a desunir-se, e três ou quatro apresentavam-se muito fatigados para prosseguir. Os outros conservavam-se quase em grupo, sem que nenhum curasse de se adiantar aos companheiros, dominado pelo{52} misterioso da aventura e pela estatura elevada e agilidade extraordinária do dolococéfalo.

Ia-se entretanto extinguindo o dia. Era a hora da cor de jalde. Na planície, um silêncio sem vibrações, uma atmosfera melancólica e fresca, um estádio de repouso.

Os oásis esparsos difundiam vida em torno de si; os nemóceros voavam em altas colunas por cima das superfícies húmidas; por toda a parte despertava um frémito eufónico, balbuciações de pássaros. Hora de segurança e bem-estar, em que os animais diurnos não tinham que recear o vaguear das feras, hora em que os grandes ruminantes se deitavam na planície com uma segurança encantadora, e em que alguma coisa do viço matinal voltava, ao cair do dia.

A corrida de Vamiré tornava-se frouxa e difícil; mas, atrás dele, a perseguição parecia abandonada.

Na extrema do horizonte, o vulto dos archeiros fora-se esvaindo; e debalde o caçador procurou avistá-los, subindo a um montijo. Descansou pela segunda vez, poisando a desconhecida.

Esta, melancólica, quedou-se de pé, ao lado dele, compreendendo a inutilidade de qualquer tentativa de fuga.

Quanto a ele, sentia-se agora muito fatigado para exprimir o seu triunfo, e inquietava-se por ver que não poderia recomeçar a corrida. Consolava-o contudo a ideia de que os seus perseguidores deviam estar também extenuados.

E ficaram ambos silenciosos.{53}

Chegava o crepúsculo. Com uma lentidão majestosa, os mundos do colorido iam-se apagando sobre o Poente, e Vamiré estremeceu, vendo a sua companheira inclinar-se, estender os braços para o horizonte e falar ao disco do sol. Filho dos ocidentais não hieráticos, vagamente supersticioso mas sem culto, não compreendia o acto da oriental e olhava-a com curiosidade, com inquietação talvez.

Quando ela terminou, demoraram-se ainda algum tempo, até que a lua se ergueu.

—Vem,—significou Vamiré.

Ela compreendeu o gesto e, sem resistência, marchou ao lado dele. Depois, na solidão da noite, enquanto o lobo e o chacal começavam a uivar sobre as estepes, ele era um apoio. A estrangeira admirava profundamente a grande clava do caçador, lançada ao ombro e fixada por ligaduras. Era já um principio de intimidade, de confiança, de resignação mais calma. Mas Vamiré, cheio de cansaço, não tinha o ardor de pouco antes, esgotado nas suas artérias o sangue de Maio, cheio de poderosas moléculas.

Marcharam por muito tempo os dois vultos, enquanto subia a lua pré-histórica. Começava a estepe a cobrir-se de mais numerosos oásis; as árvores, multiplicando-se em moitedos, anunciavam a proximidade da floresta; os raios do luar incidiam mais prateados sobre as ervas, e Vamiré entendeu que a sua companheira devia ter fome e sono. Ele tinha sobretudo sede.

—Descansa!—disse ele; Vamiré vai caçar.

Ela assentou-se, submissa. Era debaixo de três figueiras^{54} silvestres, robustas e cheias do perfume da primavera. O sonho infiltrava-se por entre as ramarias, o eterno sonho da lua e das constelações; e a filha dos orientais entregou-lhe a sua alma confusa. Sonhando, percebia a fragilidade do seu ser; a sua família e a sua tribo, o larário da noite, os sacerdotes, os rebanhos de bois asiáticos, povoavam-lhe a mente e torturavam-na até as lágrimas; mas, ali sozinha, não chegava a odiar o homem que a roubara, antes o considerava como barreira única diante da noite formidável.

Vamiré, na planície observava atento o horizonte. Perfis de felinos apareciam a espaços. Muito ao longe, um cervídeo ia fugindo. Mas eis que um lobo, de focinho erguido, se aproxima das três figueiras; quase ao mesmo tempo, saltou assustado um animalzito, uma lebre.

Postado em linha oblíqua, Vamiré esperou o ponto em que lhe ficasse mais próxima a carreira dela; depois, a sua zagaia ergueu-se, sibilou, e o pequeno animal rolou entre as ervas. Ao salto do caçador, o lobo fugiu e Vamiré foi apanhar a lebre.

Esfolou-a rapidamente e suspendeu-a de uma frança. Depois, ajuntando ramos e ervas secas, tirou de um saquete o sílex com que os dolococéfalos faziam lume, estendeu as fibras mais secas e fez saltar centelhas.

Depois de algumas tentativas, a chama levantou-se, pequena ao principio, mas avivada depois por mancheias de combustível, acertadamente dispostas, e a lebre começou a assar-se.

A asiática, à vista do lume, inclinou-se, como fizera{55} diante do sol poente, e com igual melopeia de palavras.

Vamiré, impassível, acabou de assar a lebre. Depois, convidou a sua companheira, e ambos comeram em silêncio.

A refeição foi breve. O cansaço de um e a comoção de outra não lhes permitiam comer muito; mas atormentava-os uma viva sede: era mister prosseguir na marcha até se achar água.

Puseram-se em marcha, e, antes de mil passos, Vamiré começou a ouvir o murmúrio de águas e, logo após, avistou um regato, onde se dessedentaram.

—Dormir!—deu a entender o homem.

Ela compreendeu o gesto. Perturbou-se, perscrutou Vamiré, que, à palidez do luar, tinha um aspecto triste, abatido, nada feroz. Sentou-se então contra um vidoeiro e, um tanto receosa ainda, entrecerrou as pálpebras, em luta com o cansaço. A natureza dominou-a, e ela cedeu à semi-morte quotidiana.

Sentado à beira do regato, Vamiré contemplava as facetas da água, as retículas da vegetação, as ombreiras dos salgueiros interpostos diante da lua.

Pelo seu cérebro vagueava um devaneio vasto e tranquilo como a noite. Amortecido pela fadiga, toda aquela aventura se lhe esboçava em notas lentas, profundas, eternas. A ascensão da lua, o uivo dos animais, o murmúrio dos fluidos, os fantasmas arborescentes erguidos na planície, pareciam conceder-lhe o tempo e o espaço. Por ter trazido consigo a donzela, parecia-lhe sua, como a pele do espeleu, que lhe pendia dos ombros.{56}

Mas o firmamento começou-lhe a vacilar, as árvores iam-se transmutando em fisionomias movediças. Por sua vez, Vamiré sentiu o ambiente pesado, o seu ser retraído e as suas carnes cedendo ao repouso.

Deu vagamente alguns passos por baixo do vidoeiro, segurou com a mão a veste da adormecida e estendeu-se sobre as ervas.

Correu tempo. A lua começou a declinar e estava a menos de trinta graus do horizonte, quando Vamiré despertou.

Com um lance de olhos, assegurou-se da presença da sua companheira e pôs-se de pé, observando a planície. Mas nada viu de duvidoso, e concluiu que os perseguidores tinham desistido do intento ou que a sua fadiga, maior que a dele, os condenara ao repouso.

Como se sentia bem disposto e com as forças restabelecidas, resolveu aumentar ainda aquela boa disposição e pôr-se a caminho.

Restava um pedaço de lebre; partiu-o em dois e comeu um. Depois, tendo refrescado a cabeça no regato, ficou, por alguns minutos, contemplando a adormecida.

Estava estendida agora sobre o solo. A delicada cabeça apoiava-se no cotovelo. O seu corpo, dobrado em ziguezague, tinha um estranho encanto, que alvoraçava Vamiré.

Uma onda de sangue rugiu nas fontes do caçador; reaparecia nele o instinto selvagem.

O homem abaixou-se. Mas que instinto ou que doçura poética o fez erguer, cheio de piedade?

Incapaz de a analisar, sem que ela por isso o impressionasse menos, acordou a sua companheira, tocando-lhe^{57} levemente. Ela ergueu-se lentamente, assustada, estremunhada. Depois, readquirida a percepção das coisas, ficou triste e estendeu um olhar sombrio às estepes lunares, à queda avermelhada do astro nos abismos ocidentais. Entretanto, foi-a invadindo uma vaga satisfação, pois que o dia se aproximava, e as suas carnes viçosas eram uma invocação à felicidade.

De maneira que não recusou a ligeira refeição, oferecida por Vamiré, e até, renascendo-lhe o apetite, sentiu prazer em morder a coxa assada da lebre. O caçador, encantado, admirava-lhe os dentes de lobo, a cabeladura desprendida ao longo do pescoço; e não sei que sentimento de maternidade se mesclava ao amor crescente do moço pré-histórico.

Furtivamente, de olhos baixos, ia-se ela acostumando à presença do caçador, achava-o mais belo e mais robusto ainda do que na véspera, mas; a sagrada recordação da tribo interpunha-se aos dois e enchia-a de saudades.

{58}{59}

VII

A perseguição

Pouco depois do alvorecer, Vamiré e a sua companheira chegaram enfim ao rio.

A abandonada canoa lá estava ainda na moita onde ele a escondeu: teve só que tomá-la aos ombros e pô-la a nado. Mas quando nela quis meter a estrangeira, esta manifestou violenta repugnância. Foi quase preciso empregar a força. Entretanto, desde que ela se viu embarçada, voltou-lhe a resignação, o seu fatalismo de oriental.

Vamiré, acompanhando a margem, por onde a corrente era mais branda, pôs-se a navegar rio acima, lentamente.

Era deliciosa a hora, os raios do sol oblíquos, e toda a natureza rejuvenescia nas estepes. Árvores mais numerosas anunciavam a proximidade da floresta, e Vamiré esperava chegar lá, antes que o sol estivesse a meio caminho do zénite.

Mas haveria apenas meia hora que ele pangaiava,{60} quando teve um rebate. O seu olhar perspicaz descobria além, na planície, uma multidão confusa de homens ou animais. Minutos depois, não restava duvida: eram homens parecidos aos perseguidores da véspera e provavelmente os mesmos. Graças ao cortinado das árvores, Vamiré tinha a vantagem de que eles não descobririam prontamente a canoa, ao passo que ele, próximo dessas árvores, cujos intervalos lhe serviam de observatório, estava em posição de lhes seguir os movimentos pela planície inclinada que levava ao rio.

Demais, não traziam pressa; paravam amiúde, e desde logo percebeu o nómada que eles lhes seguiam a pista, com todas as paragens inerentes a este modo de perseguir.

Vamiré não descobriu a impressão à sua companheira, e começou a pangaiar com mais ardor, no intuito de atingir a floresta e desembarcar na outra margem. Mas, após alguns minutos, a rapariga avistou por sua vez os que a procuravam, e a sua fisionomia animou-se. Soltou uma exclamação, e, voltando-se para o seu raptador, dirigiu-lhe um olhar suplicante e humilde.

Vamiré baixou os olhos, comovido. Mas depois veio-lhe o despeito, uma resolução rude, que lhe fez dizer, como na véspera:

—Vamiré é o mais forte!—

Ela conservou-se firme, indiferente na aparência, observando obliquamente a vinda dos outros.

Vamiré calculou que, não sendo visto no momento em que eles chegassem à margem para conhecer as condições do rio entre a vegetação que o ladeava, hesitariam{61} necessariamente entre três ideias: que ele teria

descido a corrente; que a teria subido; ou que teria atravessado o rio e continuado o seu caminho para leste.

Mantendo-se a velocidade actual da canoa, seria possível chegar à ilhota longa e estreita, coberta de arvoredos, que ele avistava mais acima, a dois mil cúbitos. Chegando lá e voltando à direita, nada poderia ser observado pelos perseguidores. Calculando bem as velocidades respectivas, a sua salvação dependia de uma dezena de cúbitos.

Empenhou todas as suas forças num impulso supremo, e abeirou-se rapidamente da ilha. Mas ao mesmo tempo chegavam os outros ao rio.

Naquele momento, foi enorme a inquietação de Vamiré: um dos asiáticos, pondo a mão em pala sobre a testa, parecia olhar na direcção dos fugitivos. Pela maneira como deixou cair a mão, pareceu a Vamiré que ele nada tinha visto; mas não era menos certo que o cortinado das árvores se tornava menos opaco para os outros e podia ser sondado por algum deles.

Felizmente a ilha estava próxima: mais algumas remadas, e Vamiré estaria no pontal.

Mas, de repente, a sua companheira, percebendo-lhe a estratégia desesperada, ergueu-se em pé e soltou um grito. Sem reagir, Vamiré deu as últimas remadas, dobrou o pontal, e, à sombra, invisível, tomou terra numa pequena calheta, e levantou-se furioso:

—Cala-te!—

A sua mão rude levantou a rapariga, sacudindo-a. Ela assustou-se, calou-se, dominada, entregue ao seu fatalismo.^{62}

Vamiré conservou-se irritado dois minutos, com os temporais latejantes. Depois, serenou, convencido de que o grito não chegara à margem, e pôs-se a perscrutar a estepe.

Devidamente, ele estava de melhor partido. Os outros, lá em baixo, mais vagarosos, mais hesitantes, chegados a uma zona, em que as pegadas de

uros se confundiam com os vestígios de Vamiré, certamente não podiam ainda explorar o rio. Vamiré apontou-os, triunfantemente com o dedo à oriental:

—Nunca mais te haverão..., nunca mais!—

E, obrigando-a a sentar-se de novo na canoa, retomou o remo e continuou a costear a ilhota.

A pequena embarcação singrou silenciosamente por algum tempo. A ilha ia-se alargando, recoberta de áspera vegetação, de árvores devoradas por cipós. De espaço a espaço, descobriam-se sapos colossais, aves pernaltas, palmípedes.

Através do incenso primaveral, da alegria perfumada das corolas, emanava das sombras um bafio de humo, de madeira bolorenta, de organismos sáurios. Aqui e ali, pontais a dobrar e plantas fluviais sobrenadando, atravancavam a canoa. As ogivas dos ameeiros e dos freixos roçavam Vamiré e a sua companheira; e a imagem trémula das coisas ressaltava das águas, revestida, ao mesmo tempo, de uma graça mais discreta e de uns revérberos vertiginosos.

E assim foi chegando Vamiré até meio da costa; depois, a ilha começou a estreitar-se, a afilar-se, à feição de proa.^{63}

As águas azulejaram. Avistou-se enfim a ponta da ilha; o rio mostrou-se largo e límpido; a floresta ostentou-se a três mil cúbitos.

O nómada entendeu que, ficando à esquerda, a interposição da ilhotanavio o tornaria seguramente invisível, enquanto os seus inimigos não chegassem ao ponto marginal correspondente ao centro, dado que eles continuassem a persegui-lo. Ainda mesmo que eles passassem para a outra margem,—caso em que o perigo seria mais próximo,—ele chegaria provavelmente à região florestal antes de ser avistado, e ali a dificuldade da marcha para eles dava toda a vantagem à canoa, vogando livremente sobre as águas...^{{64}{65}}

VIII

Noite na floresta

Ainda a noite! A vida imensa e minúscula; o mistério das forças; léguas de floresta; o choque das moléculas e dos seres; o contacto interminável da terra; o eriçar-se dos organismos imóveis, de veias frias, estremecendo ao roçar da aragem; o divagar da fome, das angustias, dos amores; e um astro de âmbar pálido rolando nas solidões do firmamento.

Entre musgosos montijos, Vamiré construiu provisório abrigo, coberto e fechado por grossos ramos, entrelaçados de enredanças. Fortaleza sólida. Se uma fera tentasse violá-la, Vamiré teria tempo de a ferir mortalmente, pelos interstícios, com a ponta da zagaia, embebida num veneno subtil e encabada numa haste de freixo.

Ao meio da noite, Vamiré, despertado por certo rumor, abriu os olhos e observou. Em torno do abrigo, vagueavam lobos; uma pantera ia passando na dúbia claridade do mato. Soaram entretanto uns gemidos roucos: Vamiré avistou o vulto de um grande tigre, que devorava um antílope, ainda vivo.

{66}

—Élem!—murmurou ele.

A doçura penetrou-lhe na alma, diante da braveza da noite. O nome, que pronunciou, era o da sua companheira, nome que ele obtivera na paragem do meio dia, quando a apertava com perguntas gesticuladas.

É a terceira noite que passam na floresta, sem que o nómada saiba se são perseguidos ou não. A fuga fora penosa, o rio cheio de sinuosidades, a floresta abundante de ciladas, mas tudo vencera o caçador. Àquela, hora, as peripécias da travessia vinham-lhe à mente, de envolta com o nome da sua companheira.

—Élem!... Vamiré é o senhor de Élem!—Contempla-a, adormecida. Débeis ondas de luz, entremeadas de sombras, escoavam-se dos orifícios do abrigo sobre o rosto da virgem. Vamiré palpitava diante daquele perfil indefinido, e recompunha-lhe mentalmente os traços pálidos.

À proporção que ele vinha fugindo, à proporção que lutara por ela e contra ela, que acumulara fadigas para a raptar, mais preciosa se lhe tornara ainda.

O desenvolvimento da sua ternura coincidia com afectuosidades subtis, delicadezas de sentimento, até ali desconhecidas. Se se sente rudemente impellido a levar a aventura até ao desenlace, se deseja Élem apesar dela, e apesar de todos os perigos, sente-se, em compensação, cheio de piedade e de paciência.

Só a iminência de um perigo, o medo de a perder ou de morrer poderiam devolvê-lo à brutalidade de troglodita... Demais, ela incute-lhe um religioso temor; perturba-o com o seu silêncio, com os seus grandes olhos,^{67} imóveis durante horas, com a sua misteriosa prosternação perante o sol poente e o sol nascente, com as palavras que ela então profere, lentas, monótonas, rítmicas...

Estalam ramos. Ouvem-se na clareira passos pesados; os lobos afastam-se. Por baixo das ramarias, apoiado nas colunas redondas das suas pernas, com as suas defesas brancas cintilando à frouxa claridade, eis o colosso quaternário, o grande mamute da decadência. Agita-o uma certa inquietação ou febre primaveral, um desejo de refrescar-se nas águas do rio. Adianta-se majestosamente, e o próprio tigre recua, levando a sua presa.

Vamiré, estremecendo, admira o enorme animal. Conserva por ele o respeito que os velhos transmitiram, sabe que é valente e pacífico e conhece

a história melancólica da sua decadência.

—Lô! Lô!—

O mamute continua a andar; o perfil da sua larga cabeça torna-se mais nítido na penumbra, e Vamiré distingue-lhe a crina e a pelagem, a tromba escura que se baloiça sincronicamente, e os flancos enormes.

O animal roça o abrigo do caçador, afasta-se na direcção do rio, e Vamiré, deitando-se, julga que pode ter uma hora de sono, e fecha as pálpebras. As ideias chocam-se confusamente; afastam-se depois, e a respiração igual atesta o sono, o descanso.

Abrem-se então os olhos negros da sua companheira, que se põe à escuta, suspirando. Assalta-a uma ideia de libertação; se ela ousasse, enquanto ele dorme,{68} desmanchar o entrelaçamento dos ramos do abrigo e fugir para o Ocidente, para as regiões da sua tribo?

Mas Vamiré ouviria certamente o ruído, acordaria, e ela estremece, só à ideia do seu grito de cólera. Entretanto assoma-lhe aos lábios um sorriso, um desvanecimento feminino e não se supõe simplesmente uma vencida. Porque ela viu-o embaraçado e tímido, e fez recuar os apetites do bárbaro. Tudo isto ela compreende tão bem como as filhas do homem que hão de viver em longínquo futuro, e das quais ela possui a ciência confusa e, ao mesmo tempo, subtil.

Por isso os seus receios são mesclados de indulgência, sem todavia poder esquecer-se daqueles entre quem passou a infância; dos seres da sua raça, da sua família, dos moços que falam a sua língua.

Se ela ousasse... Mas, acima da cólera de Vamiré, apavora-a a floresta que a rodeia, abundante de meandros e carnívoros; e reconhece quanto é fraca, sem a clava e a zagaia do raptador.{69}

IX

O idílio nascente

Nos dias daquela fuga febril, em que o gigante loiro a arrancava ao sono; nas paragens nocturnas, e durante a comoção das caçadas, começara a formar-se o idílio na alma de Élem.

Em todos os seus sonhos, e através das pálpebras, surgia o cenário da floresta e o vulto de Vamiré em movimento, enquanto as estepes natais e as tribos pastorís se confundiam e se desvaneciam nos confusos horizontes da memória.

Mas, quando recrescia o instinto de resistência extrema, o receio da maternidade, o desejo de sorte menos inquieta, e quando surgia a ideia da união dos dois, na convivência, no contacto dos corpos, mais distantes pareciam um do outro, esquivos, concentrados.

Algumas vezes porém, as horas que ao meio do dia dominam a carne e ao crepúsculo o pensamento, quebravam aquela indiferença.

Então, a virgem morena, amortecida ao calor da atmosfera, ou embalada nos vagos rumores do sonho, distendia a vontade rude, poisava os olhos nos olhos do homem, permitia um pouco de intimidade. Indispunha-a porém contra ele uma fera que rugia, um relampaguear de tormenta, um súbito receio dos lobos nocturnos.

Vamiré conseguiu algumas vezes que ela cantasse as melopeias, com que a sua tribo acompanhava o trabalho. Escutava-a, encantado pela sua candura de selvagem, seguia a cadência, embebia-se na musica de uma língua desconhecida. Como uma criança balbuciante, repetia o canto, inclinando-se às articulações misteriosas.

Porque ele ia aprendendo o dialecto estrangeiro, já sabia designar objectos e vocalizar movimentos.

Por seu lado, ela interessava-se pelas armas, pelas zagaias, de que Vamiré empregava muitas espécies;—as de bases abertas para receberem a haste; as de pontas que se embebiavam num buraco da haste; as de arpões chatos ou de varetas; as de lâminas como punhais; as de raspadeira; mas o que ela admirava sobretudo era a fina agulha de fundo aberto, e o fio para coser, tirado dos tendões da rena,—coisas desconhecidas da tribo dela, a qual, se bem que já sabia a arte de entrelaçar as folhas vegetais, ainda empregava unicamente o furador.

E não admirava menos a escultura e a gravura, espantada da paciência, da segurança dos entalhes, da verdade das análises. Escutava com curiosidade Vamiré, que procurava explicar o modo de vida dos Pzanns; e^[71] seguia a gesticulação do homem, que indicava dimensões, figurava cerimónias, descrevia habitações.

De uma vez, quis ela informar-se da sorte das mulheres e, depois de alguns esforços, compreendeu a repartição em famílias, sob a direcção dos anciãos. Admirou-se muito, porque provinha das tribos monógamas em que havia uniões periódicas com as tribos amigas, sendo os filhos criados pelas mães, e os pais reciprocamente guarda-costas das esposas e protectores vigilantes da prole.

Os raptos de donzelas eram habituais; pelo quê, a cólera dos orientais não procedia do rapto de Élem, mas de que Vamiré tivesse cometido esse rapto sem aliança prévia, e, mais ainda, essa cólera procedia da viva aversão a uma raça longínqua.

Entretanto, Vamiré e Élem compreendiam-se mal, pela impossibilidade das minúcias.

Na marcha, na caça, na cozinha, iam decorrendo longas horas. Viviam em comum, tocavam-se ingenuamente, como duas crianças perdidas na floresta imensa. Ela obedecia a todas as necessidades estratégicas, deixava-

se quase guiar, mas, a cada paragem, assumia uma atitude mesclada de temor e galantaria.

Vamiré mantinha não sei que nobre doçura; entristecia às vezes; era rude com as coisas, pisando os ramos de árvores, correndo contra os lobos e as panteras; mas, para ela, não tinha a menor violência.

Quando havia uma passagem perigosa, e ele tomava nos braços a companheira, submergia-se-lhe o coração numa onda de fogo, mas ele conservava a humildade^{72} do leão diante da sua fêmea, uma nobreza de bárbaro distinto. Além de que, ele sabia que nas cavernas da sua tribo os esponsais eram precedidos de preparações e provas, que eram já uma delicada compreensão dos transes fecundos do amor—alegrias e penas, febres sufocadas, lutas íntimas, destinadas a converter-se em grandes batalhas da futura humanidade.

Vamiré aceitava as provas que deviam engrandecer a espécie,—a sedução lenta, a ventura recebida aos poucos, sem triunfos grosseiros; e é por isso principalmente que as gerações, dele procedentes, seriam gloriosas através dos tempos.^{73}

X

Combate

Depois da alvorada, voga a canoa, por entre a frescura das margens, sobre o rio que se alarga; alto dia, vai correndo pelo amplo intervalo que separa as ramarias. Ao longe, algumas ilhotas formam escalão e a imagem das árvores marginais, a sua cor escura, a vida que nelas palpita, têm uma beleza vertiginosa.

Em torno, a floresta é como um antro escuro de mil aberturas hiantes, toda povoada pelos rumores da vida, abrigo formidável da eterna luta, asilo de raças contrárias, propicia às ciladas do ataque e aos redutos da defesa, grande despensario de mantimentos, comum ao animal frugívoro e ao carnívoro, ao réptil e à ave.

Vamiré empunha o arpão, no intuito de ferir algum peixe. Está tranquilo. Depois das corridas dos últimos dias, a necessidade de descanso prende-o a quaisquer entretenimentos: a Reparação das armas ou do vestuário; a espera de caça apetitosa.^{74}

Nesta manhã, entretém-se com a pesca. Já duas vezes errou a vítima, porque o animal das águas foge mais rapidamente na esteira do seu hélice, do que a mão do homem se move.

Abaixa-se o arpão pela terceira vez, e Vamiré, segurando a haste, crava a ponta aguda no flanco de um pequeno esturjão. O peixe ondula e ressalta; as empolgueiras opõem-se à saída da arma; mas, com os saltos eléctricos da

presa, os liames estão em risco de se partir, e é mister que Vamiré manobre habilmente, para evitar os repelões muito fortes ou muito perpendiculares.

Vai pangaçando com a mão esquerda e impelindo a presa adiante de si, até à borda do rio; chegado ali, crava ainda mais o arpão, levanta enfim o esturjão ensanguentado e atira-o para a margem.

Vai preparar a refeição. Os ramos secos, as hastes herbáceas, devoradas pelo fogo, produzem um acervo de cinzas pardas, onde se embebem pedaços da presa, e de onde se retiram, transmudados em carne tenra e saborosa, que Vamiré e Élem comem com apetite.

Um pouco entorpecidos pela boa refeição, estiram vagamente os olhos pela diversidade das coisas; acham-se a bastante distância da margem, numa clareira, ladeada de faias giganteias. Abundam as sarças, que vão recosendo os rasgões, ali abertos por alguma catástrofe antiga, e refazendo a integridade da floresta. Desabrocham robustas compósitas com uma flor amarga; e crescem cardos colossais, hirsutos, farpados, soberbos e terríveis.

{75}

Élem e Vamiré devaneiam suavemente em completa tranquilidade; mas eis que uma frecha passa a dois palmos do Pzann. Este levanta-se, e empunha as armas. O seu olhar adestrado descobre perfis humanos atrás dos troncos das faias.

Aqueles perfis emergem a súbitas, e uma nuvem de frechas dilata-se no espaço.

Naquela hora de perigo, o instinto encosta Élem ao peito de Vamiré, ao passo que a luta se anuncia, ao passo que os inimigos, em número de sete, se aproximam céleres. São atarracados, são os homens do Oriente, de olhos de Érebo. Conhecem a agilidade de Vamiré e, formando leque, caem sobre ele, por forma que lhes não possa escapar. Já os arcos estão tendidos, as frechas envenenadas vão descrever as suas terríveis parábolas, mas erguem-se vozes, indicando o perigo de Élem, e todas as mãos substituem a frecha pela lança.

Vamiré encara-os altivamente, e o seu grito de guerra perturba o coração dos mais valentes. Reconhece nos seus inimigos a raça de Élem, crânio largo, pele trigueira, olhos escuros. Trazem tatuados os braços e a testa, e comanda-os um velho robusto.

Vamiré empunhara a zagaia... os homens trigueiros resguardam-se com os troncos mais próximos... Então Vamiré sobraça Élem, e vai recuando para o rio, onde espera poder embarcar... A uma ordem do chefe, chovem as frechas, que o Pzann desvia levemente, acelerando a retirada.

Táctica hábil, com que os orientais se irritam, e adiantam-se três deles. Mas a zagaia de Vamiré atravessa^{76} o mais ágil, e o Pzann solta o riso triunfal da sua raça, entendendo que os dois sobreviventes não terão a coragem de lutar contra ele... A sua clava gira no espaço, a provocá-los; do seu peito hercúleo saem rugidos ferozes; o seu braço dispõe-se ao extermínio... O chefe antevê a perda dos seus, ordena-lhes que parem, e eles obedecem.

Um momento de tréguas. Os asiáticos coleiam por entre os espinhais, procurando cortar a retirada de Vamiré. No cinzento das faias que formavam polistilos obscuros, na eterna penumbra sotoposta às frágeis padieiras de ramaria, Vamiré entrevê-os, com um olhar de melancolia belicosa, e entretanto o sol ilumina a grande arena, o cerrado espinhoso, de onde os orientais espiam o inimigo. Na cabeça longa do Pzann, através da febre da luta, a impressão de um recontro impertinente, o receio de perder Élem, e de se ver, por muito tempo, rodeado apenas do mutismo petrificante das coisas.

Para arremessar, tem apenas o arpão. O chefe oriental quer um assalto em massa, em que, se algum perecer, possam os demais vingá-lo. Disseminados, para não constituírem alvo muito certo, correm sobre o raptador... O arpão, arremessado, não faz vítimas, separando-se da haste o chifre. Mas Vamiré descobre novo recurso num sílex ovóide, que ele traz consigo, e serve-se dele como projectil, ferindo o velho chefe. Este verga-se, estóico, em luta silenciosa contra a dor. Vence-a, levanta-se, junta-se ao bando, e no seu semblante espelha-se o sofrimento e o ódio.^{77}

Vamiré tenta ainda fugir. Sobraça Élem, mas fraqueja. Seguem-nos as frechas: uma ferida seria a morte... Demais, carregado com Élem, em pequeno espaço, quase sem dianteira, será apanhado à beira do rio, antes que a barca possa vogar ao largo. Depõe Élem, deixa-a livre. Ela porém não se retira, cheia de ansiedade pelo Pzann. Este compreende-a, e, levantando o pensamento a Zom, a Namir, às cavernas e às grandes planícies, aceita o combate...

Corpo a corpo, impossibilitado o êxito das frechas, a refrega começa mal para os orientais: uma lança é despedaçada pela clava de Vamiré; outra é tomada por ele; e, terrível, ambidextro, faz, ao mesmo tempo, uso das duas armas... Recuando, avançando, segundo a oportunidade, chega a manter em respeito os cinco braquicéfalos, e fere até um deles, ligeiramente, no peito...

Mas estas peripécias afastaram-no de Élem... vê-a em poder dos inimigos, e adianta-se para a reaver... Fere-o de lado uma lança; corre o sangue... Em desforra tremenda, parte o crânio de um oriental, e prostra outro no solo, com um ombro escalavrado, enquanto com uma lançada atravessa a coxa do chefe...

O Pzann todavia sente-se fraquejar, e todas as suas forças se congregam na defensiva.

Élem solta doloridos clamores; os da sua raça dispõem-se para o assalto final; e o ardor belicoso arrasta o próprio velho para junto do inimigo ferido...

Era o fim. Vamiré procura escapar-se. A sua clava é brandida ainda uma vez, e faz ainda uma vítima...;{78} depois, apanha apressadamente uma lança e um arpão, corre para o rio, salta para a canoa e três remadas confiam-no à corrente.

Os seus adversários medem o perigo de uma luta aquática. O chefe proíbe que tentem o perigo... Todos então empunham os arcos; mas o tiro é inútil, porque a barca desaparece por trás de uma ilhota.{79}

XI

Vamiré

Estendido no fundo da pequena barca, Vamiré cobria com a mão o seu ferimento, coberto de sangue coagulado.

Havia uma hora que ele esperava uma reacção favorável para abicar na margem, porque a perda de sangue o mantinha prostrado, num suave meio-deliquio, em que ia perdendo a nítida concepção do seu ser. As coisas figuravam-se-lhe pequeninas, quase imperceptíveis, ao passo que o coração lhe vogava nas delicias de uma onda morna, asfixiante, confrangente.

Passou afinal a crise. Com a febre, renasceu a força. O Pzann pôde impelir a barca até à margem, desembarcou, e apanhou folhas balsâmicas e resina para o penso da ferida. Depois, lavou a ferida na água corrente, refrescou os lábios, e estendeu na ferida uma compressa de folhas embebidas de resina, e, por cima, uma atadura de pele. Este penso, de uma solidez a toda prova, permitia evaporação suficiente, e dava até lugar à supuração.^{80} Ao cabo de oito dias, seria mister renová-lo; mas, até lá, graças às folhas aromáticas e à resina, pouco havia que recear.

Vamiré sentiu grande alívio; a inquietação, que toda doença importa, desapareceu, e um grande orgulho despertou, uma alegria de vencedor: comeu e bebeu voluptuosamente, e pôs-se depois em cata da madeira necessária para o fabrico de novas armas. De pronto adquiriu as hastes: doze, pequenas, para zagaia, e uma, grande, para lança.

Quando trabalhava, sentiu a tentação de ter um arco e flechas, à maneira oriental, feitas de madeira endurecida ao fogo. A banda do arco era chata, mas larga, com um encalhe redondo, para dirigir a flecha. Vamiré arrancou um pequeno freixo, cujas extremidades queimava, e passou depois longas horas a desgastar o tronco, servindo-se alternadamente do fogo e do sílex.

Era sol posto. Vamiré não concluíra o seu trabalho, e calculou que precisava de dois dias, afora o tempo para aguçar as frechas. De forma que, ao passo que buscava abrigo nocturno, planeava acabar primeiro a lança, as zagaias, os arpões, para se precaver contra qualquer ataque, aliás improvável.

Os orientais, com os seus dois mortos, com os seus feridos, entre os quais o chefe, não pensariam logo em reabrir hostilidades; e, de facto, dirigiam-se apressadamente para as suas estepes, levando consigo Élem. Vamiré sorria, ao pensar que eles a não possuiriam definitivamente, e adormeceu tarde, excitado pelos estratagemas que ele estudava para a readquirir.^{81}

No outro dia, ao despertar, uma grande fraqueza o prendia ao solo. Começava a cicatrização... Arrastou-se com dificuldade até à margem, onde adormeceu, depois de se ter dessedentado, em risco de ser devorado pelas feras.

Quando acordou, ia o sol a pino. Vamiré dessedentou-se de novo. A cabeça ardia-lhe, as veias latejavam, as ideias eram confusas.

Compreendeu que o dia estava perdido, resignou-se, e meteu-se na barca, junto à ribanceira. Com intervalos, em que ele ia matar a sede como sonâmbulo, as trevas envolveram-lhe a existência, até a alvorada próxima. Abeirou-se do Nada. Em toda noite, a sua robusta organização agonizou nas sombras. Os períodos da crise sucediam-se como ondas de maré. Mas, com a alvorada, chegara a calma, o sono fora vigorificante, e, no quarto dia, Vamiré acordou com fome.

Examinou o penso. As dores haviam desaparecido. As carnes, quase unidas, mostravam apenas um pequeno lanho. A vermelhidão desaparecia do peito. A cabeça desanuviava-se.

Vamiré foi à procura de alimento, armado apenas de um arpão e uma lança, as únicas armas que lhe restavam. Debaixo das árvores, naquela ocasião, poucos recursos havia, e, além de tudo, só a emboscada era possível, porque o ferido não teria forças para um assalto às feras.

Decorreram três horas, em que apenas se lhe depararam pequenos carnívoros, de carne repugnante; e já a fome começava a atormentar vivamente o estômago{82} do caçador, quando apareceu um bando de cervas, guiado por um belo alce, macho.

Era caça grossa e perigosa, mas tanto mais tentadora, quanto os cornos do alce proporcionariam quanto era preciso, para pontas de lança, de arpões e de zagaia.

Vamiré sentiu deveras, naquela hora, o não ter arco, que lhe permitisse o ataque de longe, porque o alce costumava vingar energicamente o morticínio das suas cervas.

O alce era um veado colossal, do tamanho dos maiores cavalos da actualidade, e as suas pontas espalmavam-se-lhe por cima da cabeça, como ramos de faia desfolhada; duas forquilha primeiro, e depois um tabuleiro guarnecido de pontas recurvas.

O troglodita, encoberto pelas ramadas, com infinitas precauções, aproximou-se do bando; mas a distância era ainda bastante, para esperar que arremessaria proficuamente o seu único arpão. Esperou pois.

Os animais pasciam, e saltavam, por forma que uma das cervas foi pulando até o alcance da mão do homem. O arpão silvou, embebeu-se; um bramir de agonia, e o animal prostrou-se, enquanto o rebanho, espantado, desfilava pelo balseado, deixando o alce imóvel, a devassar com os olhos a espessura da mata.

Um minuto depois, o grande veado aproximou-se da vítima, e escarvou nervosamente o solo, dominado, ao mesmo tempo, pelo desejo da vingança e o receio do desconhecido.

Entrementes, a soberba e comovida atitude da fera{83} impressionou Vamiré; por um movimento de irreflexão e fraqueza, o caçador saiu do esconso, de lança em riste.

O herbívoro hesitou, estirando a pupila oblonga pela melania do matagal. Mas o homem já recuava, e o instinto da fera viu nisso uma fraqueza. A súbitas, baixando a cabeça até o solo, atirou-se contra o bárbaro. Este viu-a aproximar-se, suspendeu-lhe das pontas o seu pesado manto; e, enquanto o cervo se desembaraçava do manto com um movimento formidável, o caçador cravou-lhe a lança entre as costelas, fazendo-a entrar até o coração.

O animal caiu, e Vamiré sentou-se, extenuado pelo esforço. A pouco trecho porém, levantou-se, acendeu lume, e assou uma posta de cerva.

Satisfeito o apetite, assaltou-o grande tristeza: faltava-lhe Élem. E, ausente, parecia-lhe mais preciosa ainda, com os seus olhos pretos e o seu ar, altivo e terno a um tempo. Lembrou-se das peripécias daquela luta, em que ela o não abandonara. O olhar dele procurou-a por entre as sebes, e Vamiré sentiu confranger-se-lhe o coração, intoleravelmente. Chamou-a pelo seu nome, e meditou, amargamente, nos meios de a reaver.

Hora de calma, silêncio nos bosques. O sol espelhava-se no rio, e coava-se, por pequenas elipses, através da folhagem das balsas. As ramarias repoisavam como grandes nuvens, e o espaço, velado pelas mais altas frondes, entremeadas de clarões esparsos, tinha perspectivas confusas, profundezas de abismos.

Repasado de dor e de solidão, a contemplação^{84} destas coisas abalava todo o ser do troglodita, até o sofrimento. Ora sentia o desejo de dormir, ora o de trabalhar; perpassava na memória o dia em que ele, nas cavernas, esculpiu um bastão de comando, e isto lhe trouxe à ideia o alce e as novas armas.

Provido de um sílex serreado, pôs-se a trabalhar. À noite, havia já cortado as pontas da cabeça do alce.

Sentiu alguma febre então, porque o vaivém do braço lhe irritava o ferimento.

Descansando, e não podendo dormir, espicaçava-o o desejo de uma expedição, em procura de Élem. Meteu-se na barca e acompanhou a

corrente.

A noite abrigava-o em manto de trevas. O rio parecia uma voz de segredo, baixa, murmurosa, de que apenas ressaía o rouco e triste coaxar dos batráquios. Nas superfícies, em que se alternavam as sombras e os reflexos, o voo do morcego perdia-se e reaparecia, incessantemente. A faixa de céu estrelado, dilatada para cima das árvores, cavava um abismo nas águas.

Com algumas remadas, Vamiré aproximou-se da margem, onde combatera com os orientais; depois, deixou-se ir ao grado da corrente, abaixando-se de maneira, que o barco pudesse parecer de longe um tronco de árvore.

Primeiro, atravessou solidões conhecidas, em que a fauna permanecia tranquila; depois, vagos indícios que poderiam sugerir receios. Por fim, avistou montões de pedras, que designavam túmulos; e, decorrida uma hora, o clarão de uma fogueira denunciou-lhe a vigília dos inimigos.^{85}

Vamiré ficou-se observando, por muito tempo. Élem deveria estar deitada defronte do brasido. Fazia sentinela um guerreiro, que, de quando em quando, para não adormecer, erguia para o céu uma das mãos. A fogueira projectava este movimento numa sombra enorme para além do rio.

O Pzann apertava o seu arpão, calculava a eventualidade de um ataque, impelindo-o para a temeridade a sua febre e a sua fraqueza.

O rumor dos bosques crescia com o roçar da viração. A água iluminava-se de uma fosforescência pálida, de um fundo de halo, em que viviam ramagens longínquas, calhetas povoadas de caniços. O trabalho das nuvens alterava a cada momento a superfície das águas, lançando sobre elas um véu plúmbeo, uma luzinha trémula, ou um arroio de constelações.

Um drama conturbou a alma de Vamiré. Atrás do brasido, com os olhos fixos na fogueira, deixou-se ver Élem.

Ah! tornar a possuí-la, levá-la consigo, como noutra tempo! Mas, com o esforço interior, reconheceu mal fechada a sua ferida, impotente o seu braço!

Contudo, alguns dias mais, e ele teria readquirido todas as suas energias. No entretanto, seguiria a pista, e escolheria a sua hora.

Depois vagarosamente o arpão, empunhou o remo, e, antes de voltar à sua última paragem, deixou-se levar pela corrente à margem oposta. Dali, remou com prudência, lentamente ao princípio, e depois com progressiva velocidade.^{86}

Decorrida uma hora, a barca vogava com dificuldade, se bem que Vamiré seguisse a ribanceira. Afora o impulso da corrente, tinha de lutar com as algas, em que se embaraçava a proa e que lhe sobrecarregavam o remo.

Estava quase resolvido a saltar para terra, quando o animou uma espécie de canal entre os caniços.

Impeliu para ali a barca e, durante alguns minutos, navegou com facilidade; mas, em seguida, cerrou-se o canal com longas plantas aquáticas.

Com a esperança de achar águas livres a pouca distância, o Pzann desviou o obstáculo, e entrou.

Salvo curtos intervalos, os pântanos cobertos de lentilhas, os caniços, as algas, os juncos, continuaram a travar-lhe o andamento, a ponto de que um extremo cansaço se apoderou do homem, e este teve de estender-se por algum tempo no fundo da sua piroga.

Ia adiantada a noite. O zénite empalidecia aos prenúncios da alvorada; e erguia-se da espessura o canto dos galos silvestres. O ligeiro rumorejar da folhagem, o chapinhar de uma lontra, o eterno murmúrio do rio, entremeado de notas claras, eram os únicos ruídos daquela solidão. As coisas pareciam emergir em bruma pardacenta, meio-transparente; apenas, da outra banda do rio, se avistava a orla negra da floresta, entre as águas e o céu.

Vamiré ergueu-se. Sentia extraordinário entorpecimento, que o convidava ao sono. Teve pressa de achar o fundeadoiro, e calculou a distância da margem. Pareceu-lhe considerável, até porque a vegetação aquática se tornava cada vez mais espessa.{87}

Chegou a pensar em desistir de fundear e adormecer na canoa; mas, a qualquer movimento, poderia voltar-se a embarcação, e o ferimento ainda não permitia o gesto largo do nadador.

Resignado, prosseguiu, ajudando-se com o remo, ensanguentando as mãos nas folhas cortantes dos caniços, empurrando a frágil embarcação, parando de espaço a espaço, fatigado, nervoso.

Rompia a manhã, e tudo pareceu pálido ao homem extenuado: as águas, o céu, a floresta. O grande rio saía de um horizonte de cinza, e em cinza se alongava ainda.

A ribanceira enfim! Vamiré desembarcava. Desviando as hastes mais altas, avistou uma pantera em briga com um mamute, ainda novo. O pequeno herbívoro, coitado, debalde tentava desviar com a tromba o seu adversário. Avistava-se ao longe a corrida impetuosa da fêmea, em socorro da sua progénie; e o grito do macho entre os caniçais anunciava que se dirigia a nado para a margem. Mas a pantera, de um salto, ficou sobre o dorso do pequeno elefante; já penetrava com as garras o espesso coiro, e dirigia os dentes para o ventre da presa, quando interveio o compassivo nómada. Solto um grito de guerra, arremessou o arpão e caminhou para o felino.

O arpão fizera apenas sangue na pele mosqueada. A pantera recuou, rugindo, quando surgiu a cabeça enorme do mamute macho. Quase ao mesmo tempo, apareceu a fêmea.

Então a pantera refugiou-se na selva, e os enormes{88} proboscídios, pendulando as suas trombas, afastaram-se.

Vamiré viu-os desaparecer ao longe, radiante de alegria e ufano da sua coragem. Depois, tomou a piroga aos ombros, internou-se na mata, e

empregou as suas últimas forças em apanhar alguns ramos, para consolidar o seu abrigo sob a piroga.

Cansado, trôpego, começava a cravar na terra, junto de uma árvore, os ramos mais apropriados àquele fim, mas teve de interromper essa tarefa: dominou-o um entorpecimento mais forte, e, quando procurava sentar-se, caiu prostrado pelo sono.^{89}

XII

O mamute

Era uma clareira entre faias, carvalhos e olmos. Crescia ali a tabua e o joio, de mistura com ranúnculos, cardos frocosos e urtigas dióicas.

Sob os gladiólos da erva, nas folhas, nas flores, nas hastes, nas raízes, havia o mundo dos insectos, esboço material do futuro mundo do homem, praticando a física, a química, as indústrias do utensílio e do ácido, criando a broca, a verruma, a serra, a espátula, a fíeira, a escavação na pele, a perfuração com cáusticos, as galerias de mina, a habitação social, a sineta do escafandro, a espada, a armadura, a luz, a seda, o tecido, a cera, o açúcar, o mel.

A madrugada achava-os trabalhando. Nos primeiros alvares, voluteava a grande mosca madaleneana, traçando ângulos; a vespa explorava corolas; agitavam-se, com as suas asas aveludadas, enormes piérides; voltavam do rio nuvens de mosquitos, a abrigar-se nas folhas; as formigas, em legiões,

transportavam pulgões,{90} estames, grãos, os despojos das minúsculas batalhas da vida; a cicindela, de emboscada, espreitava uma presa; o necróforo, com as suas extremidades palidamente orladas, procurava a carcaça, em que devia pôr os ovos; o fura-pau batia com a tromba na casca dos olmos; o grilo, fatigado das suas vibrações, adormecia; as forficulas embebiam as suas pinças no fundo das corolas; e, semelhante ao tigre, o grande cárabo sobre o escaravelho.

Amodorrado o homem, a floresta parecia inquieta. A zona limitada pela outiva, pela visão, pelos penetrantes perfumes dos exploradores de troncos e ramadas, tudo começou a decrescer, pouco a pouco, à volta do rei bípede: os narizes microscópicos, as sensíveis trompas auditivas, as pérolas negras de olhos salientes, as longas barbas-antenas, perscrutaram as essências, que emanavam do homem, e conheceram a sua própria fraqueza. Apareceram ratos, atraídos pelas correias untadas de tutano; depois, eram as cabeças curiosas dos arganazes e esquilos, espiados pelo grande lince quaternário, das pôlas das altas ramarias.

Decorreram horas. O sol banhou a clareira. A corrente da vida engrossou com os raios solares, com os turbilhões de moscas que traçavam o seu voo enigmático, com os zângões, com as abelhas, mais rápidas e mais sonoras, com o enxamear das aves à sombra do moitedo.

No entretanto, uma hiena, baldada a sua digressão nocturna, claudicava esfaimada entre os espinhais. A sua pituitária reconheceu o odor humano, entre o do coiro{91} e o do unto. Aproximou-se. Os ratos debandaram; e a necrófaga, sem sair do seu esconso, compreendeu que o homem não estava morto. A esperança fe-la alapardar-se na sombra, numa semi-sonolência.

A luz continuava a coar-se, em fios cetineos, através dos interstícios das ramagens; a sombra atingiu o seu mínimo, e depois foi aumentando.

Vamiré dormia ainda, espreitado pela hiena. As aves iam-se calando; as grandes árvores emudeciam; a formiga trepava aos gladiolos da erva; o besoiro segurava-se na haste franzina das flores, curvando-a; as moscas

zumbiam doidamente, e bandos de cabritos monteses partiam as plantas, na sua carreira veloz.

Pelas duas horas depois do meio dia, o fétido da hiena deu no faro de chacais, que se abeiravam do mato, onde ela se agachara. Por seu turno, emboscaram-se também na espessura, e a sua comoção de glutões, os seus gritos sinistros, desvendaram aos corvos a perspectiva de um opulento repasto.

Os corvos chegaram crocitando; com as asas negras escureceram por um pouco a clareira, e depois empoleiraram-se numa faia. A quatro mil metros de altura, três abutres reconheceram a comoção dos corvos, e caíram vertiginosamente sobre uma árvore vizinha.

Enquanto Vamiré dormia, os carnívoros gizavam o seu plano, desejando os nocturnos que chegasse a noite, e temendo os diurnos que findasse o dia. A hesitação mantinha-os quietos e de atalaia; depois, os chacais afastaram-se mais da hiena; o pânico dispersou, por um momento, os abutres. Nada prevaleceu contra^{92} os corvos, que se reuniam aos centos, e que, com a afiada tesoura do seu bico, se aprestavam para o ataque.

Abriram eles o espectáculo: graves e cómicos nos ramos da sua faia, começaram por uma espécie de dança, avançando para a extremidade dos poleiros, até que um deles caísse; este esvoaçava por um pouco, crocitava furiosamente e voltava a reunir-se à fila.

O jogo e os gritos espantaram os nocturnos; e quando, numa nuvem, com o ruído do granizo em floresta, os palreiros baixaram sobre o homem, a hiena escafedeu-se, e o medo invadiu os chacais.

Os corvos, entretanto, iam andando, como míopes, astutos e grotescos, de terríveis mandíbulas que simulavam um grande nariz, e de corpo ondeado de azul-escuro.

A dois metros de Vamiré, hesitaram. Deixaram de crocitar; e os mais velhos formaram conciliábulo, em vozes baixas, como gorgolejos, alternados de saltos.

Um movimento do Pzann determinou a debandada. Os corvos voltaram para os ramos.

Pausa. Ouve-se rir a hiena e chorarem os chacais. Restabelecido o silêncio, a asa dos abutres soou pesadamente e as três aves de rapina baixaram sobre o solo. Os pescoços nus emergiam firmes de um colar de guarnição branca, e a cabeça longa, de um cinzento pálido, parecia a cabeça de um mamífero inofensivo, camelo, canguru, antílope.

Quedaram por muito tempo, como sentinelas imóveis. Os ângulos do número apareciam nas espáduas altas e^{93} pontiagudas; o colo parecia jorrar do peito, e as asas eram mantos, guarnecidos de uma bela franja clara de penas rudes. De raça forte, a envergadura do seu voo ia até oito pés; as suas garras potentes, ávidas em remexer carnes mortas, aferravam presas animadas, nas horas de fome...

Ponderariam eles a agonia do homem, o resto da energia dos seus músculos soberanos, o seu peito arquejante, a sua cabeça de uro?

Estavam silenciosos, mas os caninos famélicos, cansados de esperar, deslizaram pelo mato. Então, os corvos retomaram o seu lugar, com ruído; os chacais, assombrados, pararam; e o abutre mais velho caminhou para a cabeça loira de Vamiré.

A cabeleira, esparsa nas faces, velava um tanto os olhos; o grande bigode fulvo estremecia ao passar do hálito febril; uma espécie de riso provocante soerguia o lábio, entre a resignada tranquilidade dos vincos da boca.

O ombro seminu parecia de pedra polida; os cabos retorcidos do tríceps denunciavam o poema das fibras em milhares de feixes, subordinados às mesmas funções; e o pêlo do espeleu encobria o tronco, em que pulsava o coração agitado.

A floresta realizava, em silêncio, o seu trabalho de cidade colossal. A vida, repleta, dormitava nos fojos, nos ninhos, e até nas galerias dos insectos.

Os corvos, interessados no procedimento do abutre, portavam-se com discrição; os chacais, bocejando, fechavam os olhos deslumbrados; e a hiena escarvava o{94} solo com as patas dianteiras. Ouviam-se pequenos ruídos, indecisos cantos, o cair de frutos maduros,—como difuso tiquetaque do relógio das coisas.

Entrementes, o abutre olhava, através do interstício da cabeleira de Vamiré, a pálpebra semi-cerrada, que deixava entrever a esclerótica.

Arrancar os olhos é o instinto da ave de rapina: o abutre decidiu-se ao assalto. Aproximou-se lentamente. Então, os seus companheiros chegaram também, e um deles pôs a garra no ombro nu.

A mão de Vamiré, inconscientemente, acudiu ao ponto ameaçado, caindo sobre a asa da ave; esta ripostou com uma bicada no pulso.

O ferimento despertou no homem as faculdades defensivas: como num sonho, os seus punhos de atleta acharam o pescoço de abutre... As garras aduncas fincaram-se, por dois minutos, na pele do espeleu; depois, veio a asfixia e a morte, antes que os dedos de Vamiré largassem a presa.

As asas dos sobreviventes feriram o ar; os seus vultos ergueram-se até as cimas das árvores. Ali, hesitaram por um momento, e, saindo por uma larga abertura, desapareceram.

O grande nómada, depois daquele incidente, recaiu na sua letargia. Tinha a aparência de um cadáver, e os corvos delegaram dez, de entre si, para se esclarecer. Os outros celebraram conferência, em que as vozes entrecortadas respondiam a sons roucos, fundindo-se depois estes e aquelas.

Os dez verificaram que a grande presa era perigosa;{95} mas, como os tentasse o cadáver do abutre, trataram de o explorar.

O homem conservava esse cadáver na sua mão crispada. Com minuciosa circunspecção, deram volta ao animal, e atacaram-lhe o colo nu: abriram brecha, as tesoiras aprofundaram-na e, dentro em pouco, nas mãos de

Vamiré estava apenas a cabeça do abutre. Depois, num esforço comum, os corvos levaram a presa para alguma distância.

Os chacais acharam favorável o ensejo. Ganindo e uivando, foram-se chegando, com um ruído semelhante ao de um aguaceiro na folhagem.

Os dez corvos ergueram voo, com um *croaa* furioso. Mas, reunidos aos outros, caíram aos centos sobre o espinhaço dos carnívoros, que prontamente fugiram, perante a imprevista agressão.

O bando negro ficou senhor do campo de batalha, e começou a devorar o abutre.

A hiena deixara de fugir. As exigências do estômago impeliavam-na para a audácia. Embora ativa ainda, a sua raça ia decaindo, perdendo sucessivamente a índole ofensiva. Já estávamos longe do monstro daquele género, de maquerodo, que, com os seus caninos de dupla lâmina, do tamanho de um côvado, agredia os proboscídeos. Talvez que a grande hiena, nesse tempo, arrastasse ainda para as cavernas herbívoros palpitantes; mas esta, hiena mosqueada, não obstante possuir caninos e molares, os mais sólidos na animalidade daquela época, e capazes de partir o fémur de um auroco, limitava-se a preferir a carne morta, ou atacava,^{96} em suas galerias os pequenos fossadores, a toupeira, o arganaz.

Adiantou-se lentamente, baixando-se como um animal que rasteja, e estendendo a cabeça a farejar o homem, cada vez mais inquieta.

A um salto de distância, calculou, e fixou o pescoço, planeando o assalto do cão e do lobo: a estrangulação...

Mas, toda nervosa, e raspando o colo, não se atreveu.

Enquanto ela hesitava, reacendia-se a luta, entre os chacais e os corvos. Os caninos fizeram uma sortida e, durante um desvio do adversário, puderam conquistar os restos do abutre. Magra refeição, sem duvida! De olhos vivos, pestanejando sob a acção da luz, trincavam os ossos do volátil, com ar de precaução.

Despertado o apetite, pensaram na grande presa. A hiena não se opôs, e até parecia que de ambos os lados se estimulava a audácia. Os risos e os uivos cruzavam-se com as corridas, os saltos de lado, e a exibição sugestiva das dentaduras.

As moitas entreabriram-se com fragor, o mato partiu-se com um rumor de tempestade, e apareceu um mamute, de fronte bojuda e de quinze pés de altura.

Gostou da clareira, parou, balanceou a sua enorme corpulência, arrancando com a tromba algumas ervas, num capricho de colosso pueril, e deitou-se: gozou a semi-sonolência dos grandes animais, perpassou-lhe na mente o devaneio, o inesgotável fluxo das formas e dos^{97} movimentos que durante o dia lhe haviam impressionado a retina.

A hiena e os chacais, alapardados no esconso da vegetação próxima, recuaram de pronto. Um animal indolente, pesado, desajeitado, rompia vagorosamente do matagal e exibia-se em toda a luz: um urso.

O mamute, tranquilo, viu-o chegar. O plantígrado parou, consultando o proboscídeo. Despertado no seu fojo, à beira-rio, atraíra-o o barulho dos chacais; e, para o repasto do dia, contava agora com o homem estendido, esperando a neutralidade do grande elefante, porque sabia quanto este era pacífico, fora das épocas do amor.

Este cálculo pareceu acertado desde logo, pois que o elefante se ergueu e começou a andar, afastando-se; mas, a dez metros do homem, atentou nele, virou a tromba na direcção de Vamiré, aproximou-se, farejou, olhou. E, mugindo ameaçador, apresentou as suas defesas ao urso. Este sentiu a cólera funda, cega e obstinada da sua raça. Grunhiu, pôs-se de pé, atrás de um choupo, e a mímica das suas patas e o ricto do seu beíço exprimiram sede de represálias.

Com a tromba erguida em semicírculo, as defesas tocando no solo, com o seu corpo gigantesco potentemente especado, o elefante esperou...

Eram dois poderosos animais. O urso mostrava os braços peludos, armados de garras colossais, os seus caninos, a sua musculosa maxila. Podia, de pé, agarrar e sufocar. A sua pele espessa, oscilante, não o embaraçava na luta contra as feras, como o leopardo e até o{98} leão; o peso ajudava-o, e os seus gestos vagarosos eram de uma exactidão terrível.

Mas a força do mamute era incomparável. Os seus pequenos olhos, ao invés dos do urso, viam perfeitamente; a sua admirável tromba excedia, na agilidade e nos músculos, o braço do antropóide; as suas defesas recurvadas, do comprimento de dez côvados, jogavam e perfuravam como os cornos do auroco. Todo o seu corpo, em cima das quatro colunas das pernas, e sob o pêlo arruivascado e a abundante e negra crina mediana, mostrava-se a destreza e a facilidade de se voltar. Na floresta, na planície, nos desfiladeiros, em toda a parte, era ele o vitorioso senhor herbívoro, relíquia dos colossos de tromba, do período terciário, o *dinotério*, o *elefante meridional*, o *elefante antigo*.

O hipopótamo, o rinoceronte e ele representavam, todos três, o escol da era tapiriana, a monstruosa fauna alimentada do glúten da planta, o triunfo das grandes corporaturas e dos grossos músculos, o triunfo da paz armada, a coiraça, as pontas, as defesas, a tromba, contra a sanha dos carnívoros, a agilidade de locomotores, os caninos e garras de aço.

Perante o plantígrado míope, o proboscídeo foi o primeiro em deixar a expectativa. Naquele crânio, banhado de ondas de sangue, a embriaguez do furor toca, muitas vezes, as raías da loucura. O mamute soltou um mugido formidável e arrojou-se. A árvore salvou o urso, podendo este subir por ela até grande altura. O outro, com a espádua, fez agitar o tronco da grande árvore, e o urso, para não ser atirado ao solo, teve de{99} socorrer-se das suas garras de três polegadas, cravadas na casca do choupo.

Mas o elefante insistiu, e, de repente, o urso caiu-lhe sobre o dorso. Os dentes do urso fixaram-se em a nuca do elefante, e as garras junto às orelhas. Mas o paquiderme sacudiu-se, como um animal que sai da água, e, com um formidável impulso da tromba, fez cair o inimigo, que reboiou na erva. Depois, apanhou-o com a tromba, colocou-o sobre as defesas, ergueu-

o, e atirou-o para cima de um silvado; e como o gigantesco animal se dirigisse ainda para o inimigo, este levantou-se, fugindo com dificuldade.

Misericordioso, o herbívoro aceitava este desenlace, e já se ia afastando, quando o urso reapareceu, atirando-se, às cegas, contra a tromba, arranhando-a e mordendo-a cruelmente.

O mamute, com um mugido de dor, dobrou o jarrete e abanou a cabeça. Com este movimento, o plantígrado perdeu o equilíbrio e caiu entre as defesas. A tromba segurou-o ali; depois o marfim enorme entrou-lhe no ventre, e, depois ainda, as grossas colunas do paquiderme esmagaram-lhe a caixa torácica, e o urso exalou o seu derradeiro grunhido.

Por alguns segundos, o mamute encarniçou-se furioso nos despojos da vítima; e, em seguida, arremessou o cadáver para longe da clareira. E a hiena e os chacais tiveram que comer.

Satisfeita a sua vingança, o proboscídeo voltou para junto do homem. Farejou-o novamente e, colocando-se a alguns côvados de distância, mugiu longamente. A fêmea{100} apareceu com a cria; e ficaram todos três em volta de Vamiré.

Era quase noite agora. A grande mosca azul pré-histórica procurava o abrigo da folhagem; os nemóceros partiam em nuvens para as águas; o grilo recomeçava a sua vibrante arieta; as formigas transportavam a última colheita para os seus celeiros subterrâneos; a larva da cicindela dormia no fundo do seu poço; os necróforos lidavam no enterramento de um cadáver de arganaz; o chilrear da passarada esmorecia nas ramarias; e os corvos tinham levantado voo. Os raios difusos, mais rubros, mais escuros, fixavam-se nas extremidades da grama e da tabua; depois, escureciam mais, deixando apenas, aquém e além, algumas palhetas claras. Mas da erva ressaía ainda uma fosforescência, e os graves mamutes recebiam nas pupilas serenas estas últimas luminosidades, enquanto de entre o bosque saía o clamor sinistro dos chacais, e o rir da hiena, enfartada da carne do urso pardo.

Caíram enfim as trevas, estendendo o seu misterioso véu na floresta e no rio; no mato brilhavam pirilampos; perseguidas pelo morcego, esvoaçavam falenas, de asas lanuginosas; a coruja suspirou no côncavo dos carvalhos; e ouviu-se a voz das feras, proclamando as suas carnificinas triunfais.

Mais de um leopardo, mais de uma alcateia de lobos, aspirou os eflúvios do homem estendido; mas nenhum ousou perturbar a invencível família do grande mamute peludo, de cabeça bojuda.

Até às quatro horas depois do alvorecer, estiveram^{101} de atalaia. Vamiré saiu então do seu longo entorpecimento, refrescado e fortificado, como de um banho fluvial em dias calmosos.

Pôs-se em pé. Distendeu os braços e o peito, e notou, de relance, a partida dos proboscídeos.

Esta partida relacionava-se, na sua mente, com a aventura da manhã anterior, e teve para os mamutes palavras de boas-vindas, embora não soubesse quanto lhes devia. Soube-o depois, quando descobriu o cadáver do urso, com os ossos partidos; e o seu coração comoveu-se vivamente.^{102}
^{103}

XIII

Entre os orientais

Decorridos cinco dias de enfadonha marcha, com amiudadas paragens, notavam-se grandes melhoras nos feridos orientais. Na paragem do sexto dia, adquiriram a esperança de tornar a ver o acampamento da tribo, antes de finda a incipiente luação.

Entre os primeiros que se punham a pé, o chefe não soltava uma queixa. Suportava o ferimento do ombro como velho robusto e estóico, cujos sofrimentos parciais não influíam no organismo geral. De manhã e à noite, passava em revista a sua gente, tratava o seu ferimento e os dos seus homens, applicava drogas conhecidas para se evitar a inflamação, e pronunciava palavras mais benéficas que o bálsamo.

Durante o dia, silenciosa e torva, Élem acompanhava o bando; mas, de noite, acordava frequentemente, recordava-se e chorava. À sua alma de primitiva faltava^[104] o grande nómada, de face clara, docemente enérgica, ombros largos e músculos de ferro. E os ímpetos dele, as expansões alegres, a superioridade intelectual, o olhar azul, a preocupação da arte e do trabalho, tudo agitava a sua carne viçosa, impelindo as afinidades de raça para propícios cruzamentos. Suspirava de amor, enquanto as horas decorriam, e pensava em evadir-se, pelo receio de ser sacrificada por seus irmãos.

Começavam já a carregar o semblante, com os louvores que ela tributava ao Pzann, quando a interrogavam. Apenas o chefe, observador reflexivo, adoptava um inquérito tranquilo; e ouvia com interesse os pormenores acerca da força, da agilidade e, mais ainda, da indústria e da arte do homem fulvo, e acerca dos costumes da região longínqua. Os seus ódios, que a idade acalmara, engolfaram-no no encantado enigma. Sentia que não tivesse sido aprisionado o grande homem loiro, porque talvez este soubesse até onde se estendia a floresta, de onde vinha o rio, e onde a terra tocava no céu.

De costumes mais selvagens, menos artistas que os grandes dolococéfalos das planícies do Ocidente, os orientais haviam aceitado desde o principio as hierarquias sagradas. Nas férteis regiões do Levante, alimentavam o devanear monótono e imóvel do pastor. Era mais perfeita a sua organização

social; mas aquelas raças não tinham o destino das raças plásticas, aventureiras, laboriosas e individualistas da Europa.{105}

Nómadas e caçadores, os orientais exploravam já o vegetal, preparavam massas farináceas com diversos grãos, aumentando assim a sua estabilidade. As colheitas de feno permitiam-lhes sustentar alguns rebanhos de cavalos e de bois asiáticos, contidos dentro de cerrados, porque o animal, pouco domesticado ainda, esquivava-se a aplicações metódicas, e apenas servia para alimentação do homem.

Tudo isto, e a fertilidade das suas terras, tornava as incursões dos braquicéfalos da Ásia menos extensas que as dos doliocéfalos da Europa. Nas suas florestas, uma fauna de transição vivia onde já se encontravam espécies emigradas do Ocidente, raras variedades de bugios, chacais, gamos misturados com os animais das estepes frias,—mamute, urso, hiena, auroco, uro, boi almiscarado. Na época do regelo, começava o êxodo dos bugios, dos chacais, dos gamos, para os grandes bosques meridionais; atraía-os o verão.

Nas savanas de leste, os asiáticos haviam-se aliado com o cão, cujas vivendas se dilatavam, e que, menos vencido que o antropóide, dispunha de disciplina e de inteligência, lutava como o homem contra as grandes feras, e ajudava-o a caçar o uro ou o chacal, sob a condição de compartilhar os despojos.

À semelhança do homem, os cães haviam compreendido o benefício da sociabilidade, formavam assembleias deliberativas, organizavam exércitos masculinos, tinham chefes encanecidos pelo roçar dos tempos... Nas idades lendárias, foram o inimigo terrível da raça nascente. Já o pai do neandertal lacerava a face do leão e{106} domava o dinotério de defesas invertidas; já a terra estremecia sob os passos vagarosos de um entre-sonhador da génese civilizadora, esboçada nos mundos do insecto, e ainda o cão defendia o seu império. E quem poderia prever o desfecho, visto que o antropopiteco se restringia aos agrupamentos familiares, à primitiva horda, enquanto o outro confederava as suas tribos, ampliava a pátria, levantava exércitos, fortificava as suas cidades e educava seus filhos!

Os velhos encanecidos, sabedoria das tribos nômadas, sopeavam o instinto da ferocidade, cheios de emulação no ensino dos conhecimentos, cheios do mistério das coisas, aventurando explicações rudimentares sobre as fases da lua, sobre o curso das estrelas.

Devia-se-lhes a aliança com os cães, e estimulavam as tentativas de domesticação, com respeito aos insectos, às aves, ao uro, ao cavalo, ao urso, ao lobo. Ocupava isto capítulo extenso em seus anais.

Conheciam o capricho dos animais, e sabiam que, se alguns cedem à força, outros preferem a morte à violência.

Iam a consideráveis distâncias ver as tribos das chuvas, onde o feiticeiro Nadda criava abelhas; a tribo da lua, onde os guerreiros moços cavalgavam poldros; a tribo do trovão, onde três ursos viviam com os homens.

Em meio de tais recordações, o chefe oriental sentia crescer o despeito de não ter conhecido Vamiré. Quanto seria para desejar a paz com aqueles gigantes loiros, laboriosos e ousados! Os dois afastados povos,^{107} postos em comunhão através da distância, teriam ampliado o património do homem. Explorar-se-iam paragens desconhecidas: seria descerrado o grande abismo, conhecer-se-ia a região dos elefantes corníferos; ver-se-ia a serpente monstruosa, tudo que a lenda referia, havia séculos.

Protegeu Élem. Não só proibiu qualquer violência contra ela, mas até lhe dispensou inteira liberdade de acção. De dia e de noite, consentia que ela vagueasse a seu grado, adiantando-se ou atrasando-se na marcha, e reprimia de tal maneira o azedume dos seus homens, que não aventuravam uma observação.

Élem reconhecia a generosidade do velho chefe. Com o decorrer dos dias, a sua mágoa amadurecia, como um fruto ao sol do Estio. Solitária, erguia os braços para o Invisível, orava, suplicava. Os seus olhos exploravam atentos o rio, o rio amigo, em que a barca do Pzann a trouxe durante semanas. O aspecto das plantas aquáticas, dos nevoeiros errantes, inebriava-a, sufocava-a. Uma sede mortal, um profundo instinto de sobrevivência, sangue rubro e ardente, prestes a jorrar das veias, um

sentimento de insubmissão e de capricho, tudo isto, que inda hoje é o perigo dos nossos amores, a perturbava e a tornava mortalmente amante e desesperada.

Ao sétimo dia porém, chegou um momento de calma. Através das brumas da alvorada, Élem julgou avistar entre os caniçais a barca de Vamiré. Estava longe, não distinguia bem, mas, com toda a sua energia de primitiva, convenceu-se da presença do Pzann.{108}

Muitas vezes, durante a marcha, teve tentações de se extraviar a bater mato, a quedar-se nas ribanceiras. Distraída e meditabunda, quando chegou a hora do sono, não pôde dormir, e os seus olhos semicerrados devassavam as trevas.{109}

XIV

Reconquista

Ora, enquanto o bando dormia, de noite, o velho chefe lia na fogueira o evolvar desordenado da vida dos ramos; fogueira que se desatava em numerosos seres subtis e coloridos, impulsiva e crepitante, matizada de fino azul, de amarelo claro, de purpura; rasteira sobre as cinzas, de vibrações rápidas, alta e ondulante sobre os ramos, esparsa na extrema do fumo, que, a revezes, se iluminava e se rasgava; fogueira, de onde surgiam mil quimeras, grutas, florestas, grandes lagos rutilantes, um mundo transitório, ateado ou apagado por sopros desconhecidos, mundo que se exaltava e se acalmava e se tornava mais furioso, dominado e terrível, devorador de florestas, subjugado pela mão de uma criança.

E o oriental dizia:

—Salve, fogo, mais belo que a água, tua inimiga, suave para a terra, que tu fecundas, suave para o homem, que tuas carícias aquecem.—

E pareceu meditar profundamente. Talvez ele pressentisse{110} então a grande maravilha do futuro, a era da metalurgia. Já o calor fundia partículas de terra ou de pedra, e na cinza se deparavam pequenas barras solidificadas. E guardavam-se com desvelo estas lágrimas de metal. Havia-as de diversas cores: amarelas, pardas, brancas. Batendo-as com uma pedra, davam-lhes formas diversas, ou as partiam em lâminas; mas estas lâminas eram frágeis, flexíveis ou quebradiças, e ninguém supunha ainda que estivesse ali o competidor da pedra, do osso, do chifre.

—O fogo corre em nossas veias,—murmurou o velho, voltando ao seu misticismo;—e por isso é que a nossa boca expele fumo, como um brasido em que se deita água.—

Respirou voluptuosamente, ufano daquela ideia, e, ao contemplar a noite, dilatava-se-lhe o coração.

O clarão da fogueira amortecia as estrelas zenitais; mas tremeluziam numerosas e pequeninas no horizonte do rio.

—O fogo da lua, o das estrelas, é um fogo frio como o olhar dos homens...—

Calou-se. O ruído nocturno dos sarçais parecia mais frouxo. Muito ao longe, bramia um leão, e a sua bela voz guerreira parecia emergir das cavidades abissais, ou ser eco de montanha, desmedidamente poderosa e grave.

Não corria uma aragem. Sobre a claridade do rio, espalmavam-se aqui e além as manchas de vegetação, e as sombras coavam angustias na alma.

O velho sentiu a impressão de tudo isto. Ergueu-se. A fogueira iluminou toda a sua forte corporatura.{111}

Pareceu inquietar-se de ver que Élem tinha os olhos abertos, e aplicou o ouvido.

Um ligeiro ruído, como de animal que rasteja, vinha da escuridão da selva; logo após, agitou-se o mato, e ouviu-se um pequeno choque, como de uma pedra contra outra.

—A pé!—bradou ele, de arco tenso na direcção do ponto suspeito.

Uma frecha rompeu do matagal, roçando a cabeça do chefe; e ainda os orientais estavam meio estendidos, e já Vamiré, de um salto, se achava junto da fogueira.

Por seu turno, o velho despediu uma frecha, mas esta perdeu-se, passando à esquerda do Pzann.

Vamiré, de clava erguida, ia esmagar o seu único adversário, quando Élem interveio, suplicante. Imediatamente, o grande nómada dirigiu-se aos homens estendidos e, num gesto, significou-lhes claramente que mataria o primeiro agressor.

Reconhecendo-se vencidos, os orientais aguardavam as ordens de Vamiré. O velho olhava sem receio para o intruso, e fez sinal aos seus, para que sossegassem.

—Fala, e não prefiras a violência à justiça.—Vamiré compreendeu que podia ditar as suas condições, e, com a sua mímica, indicou que desejava Élem.

—Vai!—disse o velho a Élem.—Mas porque levas, à força, uma rapariga das nossas tribos? Funda-se o teu sangue com o nosso, e reúna a paz os filhos da Luz com os homens das regiões desconhecidas.—

Élem pegou na mão de Vamiré e conduziu-o, com{112} palavras doces, para junto do chefe. O Pzann deixou-se conduzir, cativado pela voz austera e nobre do oriental; mas, atrás de si, os orientais levantaram-se inopinadamente, com um clamor entusiástico.

Vamiré acreditou numa perfídia, segurou Élem e começou a fugir. A alguma distância, nas trevas, parou.

—Velho burlador,—clamou ele,—a tua voz canta a paz, mas o teu espírito quer a guerra. Vamiré despreza-te.—

Entrementes, armava o arco e apontava. Élem interpôs-se novamente. A frecha, desviada, internou-se nas trevas. Os outros armavam-se então; mas Vamiré desapareceu, enquanto o chefe, consternado, impedia a perseguição:

—Não marcheis para a morte... Ele não compreendeu as minhas palavras, e os vossos gritos assustaram-no!

A fogueira recebeu novo combustível; e, enquanto ela se ateava clara, os orientais tornaram a deitar-se, desgostosos daquela cena, em que a ingenuidade de se julgarem compreendidos inutilizava a prudência do chefe.{113}

XV

Reforços

A alvorada difundia-se por cima da floresta, e o velho permanecia ainda indeciso. Além de tudo, era impossível lutar com segurança contra o homem fulvo; a sua força, consideravelmente superior, dificultaria um combate franco; e a sua prudência inutilizaria qualquer cilada. Pedir auxílio a tribos, que demoravam longe, a algumas semanas de caminho, impossível. Reconhecer primeiro o território inimigo, e levar lá depois um exército? Mas não surgiriam obstáculos invencíveis? E a floresta teria limites?

As orações e os ritos cantavam-lhe longamente na alma. O seu olhar buscou a chave do enigma nos pálidos lampejos das achas, nos arabescos da ramaria. Mas não disse uma palavra: a sabedoria das tribos exige que o chefe prudente opere, sem fazer hesitar a caprichosa inexperiência da gente moça.

Tomou as suas armas; estudou a direcção da sombra; observou o voar de certas aves, e levou consigo os companheiros.{114}

Todos reconheceram, logo, que marchavam para o Sul. Desse lado, estendiam-se, até o sopé de altas colinas, grandes planícies estéreis, a que se aventuravam raros exploradores; era o território dos cães. Um pouco mais para o Levante, com seis paradas de um dia, poderiam chegar às tribos amigas.

Os moços admiravam-se, mas nada diziam.

Decorreu o dia, interrompido de breves paragens, e manteve-se a orientação até à noite.

A noite foi áspera. Uma chuva torrencial caiu sobre a floresta, quatro horas antes de amanhecer. Apagou-se o lume, e os corpos tiritavam encharcados.

Foi mester construir um abrigo e, quando prosseguiram na marcha, era manhã clara.

Os quatro homens marchavam em silêncio. Uma espécie de ferocidade emanava das coisas: a chuva fustigava as ramadas; a terra prendia os pés na lamacenta argila; o vaguear das feras nos moitedos era ameaça terrível; os lobos, em alcateia distante, começavam de seguir os orientais, na previsão de carnagem; as serpentes multiplicavam-se, sinistramente estendidas nos braços das árvores.

O receio do Inverno estimulava o apetite: foi preciso disputar aos lobos uma presa já morta.

A nostalgia das cabanas e das grutas insinuou-se no peito dos orientais, que se sentiram invadidos pelo devaneio e pelos encantos do lar. Só o velho, impenetrável, curvava a cabeça às contrariedades, aceitando a sorte adversa.

Principalmente a segunda noite foi frigidíssima. Felizmente,^{115} descobriram uma larga clareira, à borda da qual chegaram a acender uma fogueira de folhas secas.

De manhã cedo, puseram-se a caminho; e o musgo das árvores, e o voo de certas aves na direcção das planícies, foram-lhes orientação bastante. Mas esta era já menos segura, e impunha-lhes numerosas paragens. Os novos entreolhavam-se furtivamente, sombriamente, e voltavam-se amiúde para Leste. Pelas oito horas, começaram a trocar palavras em voz baixa, e parecia que os animava um fermento de revolta.

O velho todavia continuava a marchar, altivo e robusto. Sucedia-lhe pensar alto, gravemente, e rir, até, com uma espécie de entusiasmo. Sagaz, como podia sê-lo um primitivo, dir-se-ia que tinha vista longa e dupla, e uma voz reveladora no seu íntimo.

O sol, ao meio dia, rasgou as nuvens. Da terra ergueu-se uma névoa, com um cheiro morno, suavíssimo. O velho estendeu as mãos, dirigiu orações ao astro, e depois voltou-se para os seus companheiros:

—Quem há que tenha o direito de se esquivar à obediência? Se o Conselho quer a tua cabana, debes-lhe a tua cabana; se quer o teu braço, debes-lhe o teu braço; se quer a tua vida, debes-lhe a tua vida. Não sou eu, entre nós, apesar da idade, o mais forte e o mais discreto? Os vossos cabelos ainda não branquejam, e os Espíritos não vos falam ainda. Abatei o vosso orgulho, ou grandes males vos advirão!—

O arrependimento e o terror encheram então a alma dos novos; e estes, prosternados, reconheceram, mais uma vez, a autoridade da experiência.

{116}

O chefe anunciou-lhes que depois do crepúsculo chegariam às raias; o que foi confirmado pela presença dos grandes quadrúpedes migradores, amigos das planícies.

Reapareceu a confiança e a esperança, não obstante a chuva, e o negrume da floresta, em que vagueavam mais numerosas as feras nocturnas. Seis lobos pereceram sob as frechas ervadas; os outros dispersaram-se; o homem pareceu retomar o seu ceptro.

Mas as cataratas jorravam mais copiosamente; um vento impetuoso sacudiu as árvores; as feras, inquietas, irromperam da sombra; a situação dos homens tornou-se lamentável.

Os lobos tornaram a agrupar-se; no esconso da mata, tornou-se mais vivo o rir das grandes hienas. A aproximação da noite duplicou os ruídos de hostilidade, o odioso clamor das feras.

Os orientais largaram a passo forçado. Atrás deles, ofegava a respiração dos lobos, e a rajada do vento atirava-lhes aos olhos folhas mortas.

As pálpebras da noite fecharam-se rápidas em meio do temporal. O chefe parou então.

O lobo, de pupilas fosforescentes, fechava adiante o seu círculo, e uivava, de beiços erguidos sobre os agudos caninos.

Havia poucas frechas, e o lume era impossível. Era forçoso resignarem-se os orientais a marchar de noite, com infinitas precauções. Demais, a raia era a salvação.

Lentamente, mantendo os lobos em respeito com tiros de zagaia, os asiáticos prosseguiram na marcha...{117}

À terceira hora de trevas, a nona depois do meio-dia, avistaram a aberta que dava para a planície.

O chefe ia na retaguarda, cheio de resistência nas suas fibras ressequidas, espantando sempre a desordenada horda dos lobos, mas prestes a sucumbir.

Aos vitoriosos clamores dos homens responderam latidos a distância. Os lobos uivaram angustiosamente; depois, ouviu-se um agitar de mato, e passaram por ele centenares de corpos invisíveis, ladridos raivosos e a debandada dos lobos, a sua fuga, em meio de murmúrios de raiva e gritos de matança e de agonia.

Tranquilos então, os orientais chegaram à orla da floresta, onde os cães aliados, e dirigidos por um chefe, aguardavam os seus amigos.{118}{119}

XVI

A chuva

Aproximava-se o período diluviano do Estio, que todos os anos vinha ensombrar o céu quaternário. O vento arrefecia então, o frio matava, muitas vezes, a flor ou o fruto no ramo, e grandes fomes sucessivas exterminavam os frugívoros. Transbordavam rios e ribeiros; e o homem, encerrado na gruta da região alta, aprovisionado, hibernava, passando as horas a fabricar utensílios e armas.

Vamiré, prevendo aqueles dias nefastos, remava todo o dia. Élem, submissa, dominada, ajudava-o. A carne de élafo assado servia para a alimentação; e cresciam frutos silvestres, raízes tenras, ovos tirados dos ninhos serôdios.

Vamiré velava ternamente por Élem; e as noites, que eles passavam nas margens do rio, trescalavam a poesia imensa das infâncias.

Abrigavam-se perfeitamente contra o ímpeto da chuva; a barca, sustentada por quatro espeques, servia{120} de tecto; a pele do espeleu tapava o lado do vento; e grandes ramos pendiam da barca, de todos os lados.

Foi naqueles dias que o grande nómada do Ocidente se tornou esposo da filha dos países desconhecidos...

O ruído da chuva, o fragor da floresta açoitada pelo vendaval, isto, de per si, já falava de invernias e do prazer do refugio.

As primeiras friagens confirmaram o prognóstico. Vamiré, desagasalhado em favor de Élem, tiritava ao sopro do nordeste prematuro. Teve de gastar a manhã inteira do dia seguinte, em descobrir algum animal felpudo; e, de emboscada, surpreendeu um urso, atravessando-lhe o coração com a zagaia.

O cérebro do animal, misturado com o cerebelo e a medula de uma rena, serviu para untar a pele, previamente esfregada e desembaraçada da gordura e dos tendões.

Desde então, puderam ambos estar quentes, durante o sono. Élem, encantada do conforto, ria docemente, com uma confiança infinita. Mas Vamiré mantinha a preocupação das grandes chuvas próximas, durante as quais a floresta era inabitável. As feras, mais agressivas então, as hordas de lobos perigosamente esfomeados, iam amplificar a luta nos bosques. Em combates contínuos, as armas partir-se-iam. Era preciso estacionar, durante semanas, em alguma gruta, para renovar arpões e zagaias, para conjurar os perigos nocturnos de um acampamento volante e as torrenciais chuvadas ao ar livre.

Por menos suave que fosse o início do período diluviano,^{121} Vamiré poderá chegar às grutas em fins de Julho, sob a condição de se apressar e de não perder tempo. Não se desprecato; e, desde a aurora ao crepúsculo, a sua mão vigorosa fazia andar a piroga. Infelizmente, à barca sobrevieram avarias, e foi preciso despender três dias em reparos.

Por fim, a barca foi de novo lançada à água. O rio, com a enchente, tomava a cor do barro, e transbordava já para as margens mais baixas. A corrente, além disso, opunha-se; era preciso ir junto da terra; grandes troncos flutuavam ameaçadores, e algas terríveis emaranhavam as suas meadas.

Élem passava grande parte do dia, envolta na pele felpuda, e amodorrada pela monotonia da água corrente. O repasto era a sua principal ocupação. Amarrava-se então a barca em qualquer calheta. Graças à provisão de folhas secas em lugar coberto, o lume era suficiente para acabar de assar uma posta de élafo, um palmípede, um peixe arpoado em viagem.

O clima seco e frio dos tempos madaleneanos nas estepes da Europa, posto que moderado no Oriente meridional, comportava todavia o súbito regresso do frio antes do equinócio do Outono. Este facto ocasionava emigrações parciais de símios, de gamos, de chacais, de roedores, de aves palmípedes e pernaltas. O antropóide recuava então para o trópico, enquanto as hordas do mamute chegavam mais numerosas, e os pais do elefante indiano, os filhos do grande *Anticus* de Chelles desciam das montanhas.

Vamiré fazia parar, às vezes, a piroga, se um bando{122} de gamos ou de chacais chegava, em marcha, à beira do rio; mas o que verdadeiramente o apaixonava era o êxodo dos macacos, que, desfilando, e saltando de ilhota para ilhota, passavam à outra margem. Cabriolavam, clamorosos, aos centos, baloiçando-se, saltando a vinte côvados, apanhando de novo um ramo de árvore, suspendendo-se e prosseguindo aos saltos. A face deles tinha trejeitos, que pareciam determinados por ideias. Tinham gestos inteiramente humanos, coçando a cabeça, catando-se, assentados, descascando frutos com os dedos e com os dentes. As suas orelhas bem caireladas, os seus olhos de visão recta, a finura, a inteligência dos seus movimentos, encantavam extremamente Vamiré.

Sucedeu que uma fêmea, furiosa, atirou um filhito para o caniçal. Debalde gemeu ferido o pequeno macaco: os outros pareceram não cuidar em não avolumar a sua coluna com um inválido. Comovido, o grande nómada correu a apanhar o pequerrucho. Encontrou-o gemendo, de mãos estendidas no peito. Agasalhado, alimentado de frutos, o animalzito tornou-se estimável: gostava de dormir no colo de Élem, de se encarrapitar no ombro de Vamiré, beber água na mão dele, de se arrufar com a sua própria imagem na face do rio; e nada satisfazia o coração de Vamiré, como o ver o macaquito, inquieto, caprichoso, brincão.

Seria aquilo uma raça de homens anões?

Consultou Élem a este respeito, e soube que a linguagem deles era desconhecida, e que viviam como animais. Entretanto, Élem falou-lhe do homem das árvores, construtor de cabanas, e Vamiré recordou-se do{123} ente de olhos de âmbar, cabelos raros e corpo peludo, que encontrara outrora.

Um dia, à hora em que o vermelho indeciso, tremulando em fundo claro, anuncia o desaparecimento do astro soberano, Élem soltou um grito, e o Pzann suspendeu o remo. Na margem direita, apareciam homens. Eram de baixa estatura, curvados, e em seu rosto estereotipava-se uma fealdade triste e humilde. Armados apenas da antiga clava; e os seus cabelos, dispostos em pequenos anéis, desciam-lhes até o queixo.

—São os *comedores de vermes*,—murmurou Élem, contrariada.—No Estio, entram nas florestas e sustentam-se de bichos moles, contidos nas conchas; no tempo das chuvas, descem para a beira-mar, e nenhuma tribo sagrada tolera a sua vizinhança.

Vamiré, com interesse febril, observava os vermívoros. Tinham proeminente a maxila; a testa descia levemente até os enormes sobrecechos arqueados; o cerebelo, desmedido, parecia pesar-lhes; não tinham os rins arqueados, e, marchando, apoiavam-se na clava.

Durante algum tempo, procuraram raízes e frutos de pevide entre as plantas aquáticas, e todos depunham a sua colheita, num monte, diante do chefe. O montão era já considerável, porque eles, pelo caminho, haviam já empilhado moluscos univalves, tubérculos, folhas hortenses.

Ao cair da tarde, agruparam-se em volta do chefe, que equitativamente distribuiu por eles os mantimentos.

—Conhecem a justiça!—murmurou Vamiré, satisfeito.{124}

Depois, vendo que eles acendiam lume, cedeu ao impulso do seu coração, e dirigiu para eles a piroga, com gestos de fraternidade.

Impressionaram-se, ao princípio; mas o pequeno número dos adventícios tranquilizou-os.

Silenciosos e graves, contemplavam o grande nómada e a sua companheira. A estatura do homem, desconhecida no Oriente, assombrou-os; mas via-se que simpatizavam com ele, ao passo que visivelmente desconfiavam de Élem, em quem reconheciam o tipo dos mais ferozes perseguidores dos vermívoros.

Entre estes não havia mulheres: as mulheres, em hordas confusas, seguiam-nos de muito longe. A primavera reunia os sexos em paragens tradicionais; depois, o bando masculino abandonava o bando das fêmeas durante o Estio, o Outono e o Inverno.

Eram como vencidos, os vermívoros. Saídos cedo da matriz antropomorfa do período terciário, lançados nas vias *externas* do humano pela adopção de armas, de métodos de sociabilidade, já muito distanciados do processo animal, para que nele reentrassem sem fraquejar, tinham perdido, em frente do vigoroso quaternário, a esperança orgânica, esta força singular que abandona o velho tipo do Vermelho perante o Árico.

Demais, relegados nas estepes áridas ou na profundidade das florestas, fracos, mal armados para a caça da ligeira fauna silvestre, descambavam progressivamente na fitofagia, adestrados em descobrir os tubérculos que há debaixo da terra, em conhecer as hastes e raízes comestíveis, fazendo provisões de pevides de melancias,^{125} de grãos de helianto, gulosos de moluscos, passando o Inverno nas costas do Cáspio ou do Mar-Negro, onde se alimentavam de pesca rudimentar.

Uma bondade, um instinto adorável, tornava a vida do individuo preciosa para a comunidade. As partilhas eram reguladas pela mais estrita igualdade, e cada qual tinha a maior dedicação em salvar o companheiro da garra das feras. Por isso, eram ainda senhores do leão, do urso, do leopardo e até do antropóide; mas tinham medo enorme dos braquicéfalos, caçadores das estepes fecundas: é que tinham visto perecer milhares dos seus, sob os golpes das frechas e zagaias.

Nunca se aproximavam dos acampamentos inimigos, a menos de seis dias de marcha, e até evitavam os grupos insulados.

Vamiré cativou-os pelo seu riso ingénuo, e pela generosidade com que lhes ofereceu alimentos da sua barca: postas de élafo e de esturjão, ovos de adem. Também estas provisões foram repartidas, com gáudio do Pzann. Este, brindando o chefe com uma pele de raposa, todo se tomou de surpresa, quando viu que a pele era gravemente retalhada e distribuído um pedaço a cada um do bando.

O seu riso franco, e a sua tentativa de fazer compreender o absurdo daquela prática, sugeriram alguma desconfiança aos vermívoros; e manifesto ainda era o terror que Élem lhes inspirava, e o desgosto dela; a ponto que Vamiré, mau grado seu, decidiu separar-se deles.{126}

Reembarcou pois. Já a distância, escondido pelos caniçais, fixou longamente a vista, com exclamações em voz baixa; os comedores de vermes, activando as suas fogueiras, agrupavam-se à roda delas; e, depois de construírem com ramos uma ligeira choupana, em que o chefe se recolheu, acocoraram-se sobre os calcanhares, ao ar livre, com a cara entre os joelhos, as mãos na cabeça, e assim adormeceram.

O Pzann sentiu então grande piedade para com a sorte dos seus irmãos inferiores. Ao amarrar a barca, passava em seus lábios um murmúrio de tristeza. Mostrou-se sombrio, à refeição da noite, e adormeceu tarde.

Acordou antes da aurora, e observou a partida dos vermívoros. Viu-os atravessarem o rio a nado, e desaparecerem ao nascente. Quando já os não via, suspirou melancolicamente, acordou a sua companheira, e desamarrou a piroga.

Quatro dias decorreram no labor da viagem. Em a noite do quarto, desencadeou-se uma furiosa tempestade, que derrubou árvores ruidosamente, levantou no rio enormes vagas e fez tremer toda a floresta.

Abrigado numa lapa, Vamiré dormiu, resignado e tranquilo. Élem passou a noite em suplicas, orando ao Desconhecido.

O furacão sibilava, insinuando-se nos sarçais, e curvava as altas ramarias, onde se perdiam clamores em som confuso.

A tempestade declinou de madrugada. O dia amanheceu suave, as nuvens deixaram passar réstias de sol, e a floresta ressurgiu para uma vida húmida e tépida.^{127}

O rio, barrento, largo, engrossado e tranquilo, carreava os despojos da batalha da véspera.

Começava a descida para o mar dos peixes que sobem aos rios, e que iam passando em chusmas, adelgaçados, extenuados pelo trabalho da fecundação.

Élem, fatigada, dormia; Vamiré, de bom humor, remava para a pátria longínqua.

Em horas monótonas, a ideia do espaço a transpor, a vertigem da andadura, adormentava o cérebro do Pzann. Vamiré já não era senão uma vontade tensa, um organismo mergulhado no sono dos fluidos, a água, o ar; o marulho daquela e o infinito afago deste entorpeciam as suas carnes, imobilizavam a sua memória sobre algumas palavras, sobre a imagem de seu pai, de sua mãe, do seu valente irmão Guni ou da sua irmãzita, que saltava como uma cabra montesa; mas não chegava a realizar o esforço que relaciona as coisas e as faz falar.

Mas à sexta hora depois do meio-dia, deu-se um incidente inquietador, que atraiu toda a atenção do grande nómada.^{{128}{129}}

XVII

Os aliados

Animais corredores, ligeiros,—élafo, gamos, elãos,—chegavam espavoridos ao rio e atravessavam-no. Formavam bandos consideráveis, dominados do pânico herbívoro. O seu número ia crescendo com o declinar do dia, e com eles se misturavam cavalos e alguns uros.

Vamiré, espantado, baldadamente procurava uma causa simples daquela extraordinária fuga: incêndio, emigração...

Interrompia o remar, e Élem murmurava esconjurações.

E o galope dos animais ia-se acelerando. Aos cervídeos, aos bovídeos, aos cavalos, juntaram-se lobos, chacais, raposas. O ruído do mato patenteou a corrida de animais menores,—lebres, doninhas, fuinhas e lontras. Apareceram enfim carnívoros,—ágeis panteras e{130} ursos de marcha pesada. Ao longe, os macacos clamavam alarma, como sentinelas escrupulosas, e o seu clamor atravessava, como um furacão, as altas ramadas, transpunha o rio e difundia-se nas regiões desconhecidas.

Anunciava-se formosa a noite: nenhum sinal de tempestade, nenhum sintoma de perturbação atmosférica. Mas, como um prodígio misterioso, a fuga das feras despertava no íntimo do homem e da mulher os mais sinistros presságios.

Todas as vozes, na serenidade do crepúsculo, vibravam de um medo enorme, e espalhavam o contágio do terror... Vamiré entrevia, não o receio do animal perante a natureza, mas o receio dos seres perante outros seres, o êxodo das raças vencidas, o desalento de uma espécie perante a espécie dominadora.

Era mister entretanto precaução contra a extraordinária ameaça, e segurança contra o perigo de ser esmagado pela cega corrida de herbívoros, que prosseguia nas trevas.

Vamiré avistou, a meio do rio, uma ilhota, em que cresciam freixos. Dirigiu para lá a embarcação, e acendeu pequenas fogueiras, pondo-se assim a salvo de ataque directo e em posição excelente para observar tudo.

Depois da refeição, nem ele nem a companheira pensaram em dormir.

Rio abaixo e rio acima, findara a corrida dos animais. Uns aventuravam-se contra a corrente, outros seguiam-na; e este curioso movimento tinha a singularidade{131} curiosa de se efectuar nas duas direcções, em sentido inverso, como se os animais que seguiam para cima e os que seguiam para baixo procurassem fugir da zona florestal, que terminava quase em frente da ilhota.{132}{133}

XVIII

Os vermívoros

Os comedores de vermes marchavam na direcção do grande-lago. Ainda que tristes em geral, à sua exploração não era estranha uma certa satisfação no início das paragens. Espalhavam-se então, e, como a colheita da manhã era individual, tinham exclamações a cada bom achado, e mostravam puerilmente o que colhiam, túbaras, caracóis, raízes doces de umbelíferas, frutos agridoces...

Sob os longos e negros topetes, com a sua cara proeminente, a disposição daqueles topetes sobre o rosto tornava-os mais parecidos a qualquer cão do que a um antropóide. Os seus braços curtos, o seu peito em quilha, o indeciso ganido do seu rir, completavam a semelhança.

Demais, entre as tribos braquicéfalas corria a lenda, de que tinha existido ou devia existir no extremo Oriente uma raça de homem-cão, aniquilada a pouco e pouco pelos verdadeiros homens, pelos filhos do animal,^{134} das águas, únicos e legítimos possuidores da Estepe e da Floresta, do Rio e dos Grandes-Lagos.

E assim, ou folgando entre os vastos arvoredos, ou perseguindo-se através dos matagais, de ventre em forma de odre cheio, de dorso curvo, marchando muitas vezes a quatro patas, conservavam a instintiva orientação que guia os animais emigradores.

A linguagem, reduzida a alguns sons, exprimia o medo, a alegria, a fome, a sede. Quanto ao mais, serviam-se da mímica animal, e ainda da comunicação oculta, da transmissão simpática do terror ou da ira.

Os velhos, sem ferocidade, eram os guias. Dois deles comandavam uma vanguarda de batedores; outro, o mais velho, fechava a marcha. Quando atravessavam os fojos das grandes feras, os chefes, com um grito agudo, reuniam a coorte; e, então de clava pronta, não se pode imaginar que solidariedade corajosa os impelia a investir sem temor contra o urso ou o leopardo.

Depois do meio-dia, reuniam as provisões comuns, as que serviam para o repasto da noite, antes de adormecer. Cada um ali depunha a sua colheita individual, sem lhe tocar com os dentes.

Feita a divisão, junto de um regato ou de uma fonte, comiam e bebiam sobriamente, e todos adormeciam, fatigados do seu trabalho diário, com sonhos tão vagos, como os do leão ou do lobo, que rosnam dormindo.

Marchavam. A floresta húmida espalhava sobre eles a sua sombra. Graves e pueris, a sua atenção desviava-se constantemente, acendia-se o seu

pobre riso e apagava-se, como os fogos que flutuam nos pântanos; e^{135} a sua vida expandia-se em ligeiras comoções, em esboços de ideias, em artifícios de quem amamenta um aborto, em lineamentos de memória e previsão. Lavasse-lhes a chuva os crânios duros, açoitasse-lhes o vento as nuças com varas de frio, fizessem-lhes os espinhos sangrar os pés, perfurassem-lhes a epiderme milhares de parasitas, eles tudo aceitavam. Acumulava-se-lhes no cérebro uma herança inteira de resignação.

Depois que o homem de braços longos chegou através dos tempos, tinham deixado de progredir: conservavam-se. Nada mais havia para eles. A terra imensa desprezava-os; e, entrementes, a vida esgotava-lhes os meios, endurecendo-lhes a epiderme, erguendo-lhes velos no peito, e estendendo-lhes refegos de gordura à volta dos quadris.

Mas o circulo das raças rivais ia-se-lhes sempre fechando adiante, e o pobre homem antigo tinha de durar menos que as feras carniceiras, porque estava desarmado pela longa crise de transição, em que as forças musculares se reduzem e se transformam, na luta contra as adaptações que o cérebro realiza no mundo exterior.

Na penumbra dos arvoredos, tinham companheiros de êxodo, aos quais se haviam desacostumado de fazer mal: numerosos bandos de gamos e chacais, dirigindo-se para o Sul, ou o tugar dos roedores, que se encaminhavam para o Poente. Saudavam com um longo clamor o pacífico barrito do elefante oriental, o buzinar dos pequenos cavalos de boca papuda, cujas hordas militares cruzavam as suas.^{136}

Na noite do segundo dia da sua viagem, o chefe dormia na sua choupana de ramos, a fogueira nocturna ia-se apagando, e os tardígrados, acorados, encolhiam-se com o frio, quando o grito do vigia pôs todos a pé.

A palavra, que significava o leão, trocou-se entre eles, e um grande terror lhes fez bater os queixos. O chefe agrupou os mais corajosos, e todos se reuniram, de clava erguida.

O pavoroso vulto do leão entrou no âmbito, frouxamente iluminado pela fogueira que se extinguia, e estacou, por um minuto, diante dos clamores

belicosos dos homens.

Mas, ou porque tivesse escasseado a caça, ou porque preferisse a carne dos primatas à dos outros animais, abaixou-se, arremessou-se com um salto prodigioso, e caiu sobre a horda. Esta havia recuado, abrindo espaço, segundo uma tática milenária, e mais de cinquenta clavas desceram sobre o crânio, sobre o focinho, sobre os olhos, sobre o espinhaço da fera.

O leão defendeu-se, levantou-se, e com três lances de garras prostrou quatro adversários. Os outros, estimulados à luta, tornaram-se mais audaciosos, atacaram o focinho ensanguentado; e o hércules do grupo, com uma pancada, partiu uma das pernas dianteiras do animal, ao passo que mais dez pancadas paralisavam as pernas traseiras.

Vencido, o leão procurou fugir, mas os vermívoros, tornando-se ferozes, não lho consentiram. Arrojaram-se todos contra ele; e, enquanto uns o seguravam, procuravam^{137} outros estrangulá-lo. Não o conseguiram logo, e receberam golpes terríveis; mas, afinal, tendo o chefe enterrado a clava na goela aberta, o leão entrou de estertorar; e então, ferozes e vingativos, todos acabaram com ele.

Viu-se que dois companheiros expiravam e cinco estavam gravemente feridos. Os mortos, longamente pranteados, foram depositados no fetal, e os feridos foram desveladamente tratados. De manhã, quando prosseguiram na marcha, os mais feridos foram levados em braços.

Os tardígrados, não obstante as suas perdas, ufanavam-se de, mais uma vez, haver dado lição severa ao seu temível antagonista, e erguiam galhardamente a clava, mutuando gestos de triunfo e confiança.

A floresta agora parecia-lhes melhor. Os seus pés descalços pulavam ligeiros pelo caminho, a sua estatura aprumava-se quase, e os seus pobres olhos de deserdados pareciam brilhar.

É certo que, perante a simples possibilidade da vitória, uma expansão de seiva lhes teria dilatado o crânio; mas as vitórias restringiam-se ao animal: como uma pressão material, como uma ligadura das artérias, como uma

degenerescência dos pulmões, o medo dos braquicéfalos acanhava-os, imobilizava-os; aniquilava-os, até de longe. E, assim, o círculo das suas ideias era tão limitado como o da sua vivenda, ou porque não ousavam pensar no que não podiam realizar, ou porque não podiam pensar no que não tinham realizado.

Desde a fresca alvorada até um terço da manhã,{138} não houve incidente na marcha. No agradável arvoredo, só havia animais inocentes. O sol tornava tépido o humo das clareiras, e os seus raios penetravam na espessura. A tal ponto a vida se expandia, que eles se puseram a cantar.

Por volta do meio-dia, a vanguarda de quinze homens recuou vivamente.

Achavam-se num azinhal interminável. Todos se alimentavam de trufas. Abundavam os javalis, fugindo adiante dos emigradores; e, por cima das trufeiras, esvoaçavam legiões de moscas gulosas.

Marchando, parando para escavar, a vanguarda avistara uma fêmea de antropóides.

Era raro que os antropóides atacassem os vermívoros, sobretudo quando estes não levavam mulheres no seu bando; pelo contrário, uma espécie de confraternidade animava o grande macaco, e os tardígrados já nele tinham tido um precioso auxiliar contra o urso e os felinos.

Formou-se conselho, e resolveu-se destacar um pequeno grupo, que fosse assegurar as suas pacíficas intenções ao homem das árvores.

Aquele grupo, devidamente vigiado, atraiu a atenção dos antropóides, com gritos de alegria e sinais de benevolência.

Surpreendidos a principio, os antropóides pareceram logo reconhecer aliados, e assim o mostraram, gesticulando com gravidade, e avançando lentamente.

Minutos depois, estavam reunidas as duas hordas. Os vermívoros ofereceram aos antropóides uma refeição{139} de túbaras, pevides e folhas

tenras. Os homens das árvores aceitaram estas coisas com prazer, porque o seu regime alimentício era idêntico ao dos tardígrados.

As duas raças deserdadas ficaram depois em silencio, por muito tempo. A sua natureza parecia comportar um fundo comum de melancolia; e a melancolia do grande macaco parecia mais pesada que a do tardígrado, como se fosse proporcional ao vigor dos músculos e à largura do peito. De maneira que o homem foi o primeiro a rir, a brincar, enquanto o macaco permanecia grave e meditabundo. Mas um deles pareceu impressionar-se com uma recordação longínqua, despertada pela analogia das circunstâncias. Entrou em laboriosas explicações. Os tardígrados, inclinados, escutavam-no, sem chegar a compreendê-lo; mas a recordação pareceu germinar noutros antropóides, que se juntaram ao primeiro; a confusão porém era cada vez maior, até que um deles se lembrou de apanhar uns ramos secos e indicar o movimento de uma chama.

Os vermívoros viram então que os antropóides se referiam ao lume; e, cheio de orgulho, o chefe tirou de dois pedaços de pau seco o fogo necessário.

Quando se fez a chama e se difundiram as línguas amarelas, entre volutas azuladas, os homens das árvores ficaram, por um momento, receosos e assombrados, enquanto os tardígrados riam de boa vontade.

Era a comunhão dulcíssima de parias nas fronteiras da animalidade; um prazer recíproco em se compreenderem; e como que uma curiosidade do Espírito das^{140} coisas em conhecer os progressos por ele realizados na disposição da matéria.

Separaram-se como amigos,—os tardígrados avançando para o Oriente, os antropóides dirigindo-se para o Sul,—depois da troca de presentes: o homem deu clavas ao macaco; e o macaco deu ao homem ovos tirados dos mais altos ninhos.

E havia apenas três horas que a separação se dera, quando os vermívoros viram os primeiros sintomas da fuga dos animais, que ao depois tanto inquietou Vamiré. Primeiro, viam-se os hóspedes vulgares daquela região,

élafo, javali, e por isso não se impressionaram muito os tardígrados; mas horas depois, avistavam-se, como companheiros de êxodo, os gamos, refluindo em bandos consideráveis.

E então os vermívoros, tomados igualmente de pânico, retrocederam também.^{141}

XIX

Na ilhota

Na expectativa de extraordinário acontecimento, Élem e Vamiré conversavam.

Agora, já o Pzann podia compreender e exprimir as ideias fundamentais da linguagem dos braquicéfalos. Julgava oportuno interrogar a filha do Oriente; mas, nas suas reminiscências, nada ela encontrava, que esclarecesse a situação. No seu crânio supersticioso perpassavam apenas as antigas lendas do *Animal das águas*, expulsando das florestas todos os seres animados, a fim de investir o homem na posse delas. Os animais foram salvos pelo *Elefante cornífero*, que reina em as montanhas; e a *Serpente*, rival do *Animal das águas* e inimiga do homem, opôs-lhe o ser imundo que se alimenta de vermes, e a quem as tribos sagradas aniquilarão...

Estas coisas falavam pouco ao espírito do nómada e até o indignavam. Acaso o homem não vive de carne? e que seria das florestas e planícies, sem animais?^{142}

Depois, Vamiré não podia imaginar um animal invisível. As suas dúvidas abalavam as crenças de Élem, a qual, todavia, continuava a murmurar as suas orações, e a resguardar-se a si e ao seu amante, com práticas religiosas; e o mesmo faria até a hora da morte, e porventura até depois, se o destino lhe concedesse filhos, porque as coisas místicas, embora nasçam lentamente, são como o pigmento da carne ou a forma dos crânios, que só o tempo transforma e aniquila.

Inclinados sobre o rio, aguardavam a noite, que vinha chegando. O clarão do Crepúsculo era vívido e roxo a um tempo, duplicado pelo reflexo. Sob aquele clarão, a margem parecia muito distante, semelhando, sobre a floresta, uma fronteira alvorescente em face das sombras eternas; na margem, moviam-se animais fugitivos, os seus corpos escuros limitados por traços de luz, os espinhaços roliços ou sinuosos, lisos ou eriçados, as cabeças delicadas e longas, ou largas e volumosas, as armas pontiagudas do élafo, a vasta fronte do gamo, a crina ondeante do cavalo, o tronco flexível e serpentiforme da lontra, o dorso corcovado do urso...

Quando a noite se ia cerrar enfim, e as árvores e o rio se engolfavam lentamente na sombra, houve uma suspensão. Cada vez mais raros, já se não viam senão animais vagarosos, insectívoros ou carnívoros vermiformes que fugiam de uma vivenda próxima. Vamiré e Élem redobram a atenção, e perceberam um rumor muito distante, semelhante ao uivo dos lobos ou ao lamento dos chacais.

Quase ao mesmo tempo, avistou-se na margem um^{143} bando considerável de *comedores de vermes*. Mostravam-se fatigados, recurvados, cobertos de lama e de sangue. Transportavam em braços grande número de feridos, e, diante da impossibilidade de transpor com estes últimos o rio, quedavam-se amargurados. Vigias de retaguarda surgiam da espessura a cada instante, com gestos de alarma, mas ninguém tugia, ninguém pensava em atravessar o rio sem os feridos, e muitos dispunham estoicamente as suas clavas para uma luta extrema, quando Vamiré saltou para a sua piroga, dirigindo-se para eles.

O bando, que ele encontrara quatro dias antes, reconheceu o gigante loiro e manifestou alegria. Os outros, prostrados de fadiga, estupefactos, viram chegar aquele homem.

Vamiré chegou à margem, e fez sinal para que transportassem dois inválidos para a canoa. Os que se recordavam dele obedeceram; os demais confiaram-se passivamente à ventura.

Vamiré fez uma quinzena de travessias, e todos os feridos se acharam na ilhota; os outros alcançaram-na a nado.

Vamiré facultou-lhes as suas provisões. A tiros de frecha, matou três gamos fugitivos e um pequeno cavalo de focinho papudo. Os *comedores de vermes*, tranquilizados, iam buscar as presas e esfolavam-nos rapidamente, sob as indicações do grande nómada.

Vamiré desvelou-se por eles, consternado pelo desgosto de Élem; tratou dos feridos zelosamente, indicou a cada um lugar de dormida, porque os vermívoros,^[144] depois da refeição, caíram logo no sono; e foi juntar-se à sua companheira, que estava em observação na outra extremidade da ilhota.

Conversaram em voz baixa. Élem propôs que subissem o rio, naquela mesma noite; mas Vamiré opôs à proposta que o temporal da véspera avolumara o rio, que arrastava troncos de árvores, perigosos para a canoa; e também ponderou que os *comedores de vermes* estavam debaixo de sua protecção.

Élem resignou-se, e tomou lugar no barco, comodamente abrigada por uma pele de urso. Quanto a ele, ficou de vela, alimentando o lume, acabando de esfolar as presas e de as partir em quartos, que ele punha logo a assar, para os conservar bem.

As trevas envolviam tudo, e mal se distinguiam as margens.

De quando em quando, Vamiré applicava o ouvido. O vago rumor de pouco antes tornava-se agora mais distinto, já da esquerda, já da direita. Às vezes parecia extinguir-se, mas depois ouvia-se, sempre mais próximo.

A viração dava linguagem às folhas, a chama das fogueiras reflectia-se na água; a intervalos, o mergulho de um corpo e o ofegar do nadador: depois, o silêncio e a solidão, debaixo de um formoso céu constelado, sem luar.

Finalmente, à orla da floresta, assomou um perfil humano, movendo-se indistintamente na sombra; e quase ao mesmo tempo viu-se uma ondulação rasteira, como formada de centenares de corpos em bando; e ouviu-se um estrépito de tempestade, o reboar de latidos^{145} multiplicados pelos ecos, um transbordar de vida e de alvoroço, quebrando o silêncio das trevas.

Élem, desvairada, correu para junto de Vamiré, e segredou-lhe uma palavra desconhecida do Pzann, tendo distinguido a voz do cão das grandes planícies estéreis.

Os *comedores de vermes* despertaram também, e, ao clarão da fogueira, procuravam o nómada. Este, com gravidade e altivez, procurava devassar a sombra e conhecer a ameaça que fazia tremer Élem e os tardígrados.

Durante a sua marcha lentíssima, os *comedores de vermes* tinham sido atacados pelos cães. O animal, todavia, respeitava ordinariamente o homem antigo, cujos bandos emigrantes atravessavam as vivendas caninas. Mas, por muitas vezes, os asiáticos tinham-se servido dos seus aliados quadrúpedes para atacar as tribos errantes; e, com receio de um ataque deste género, os *comedores de vermes* tinham retrocedido de pronto.

Retrocedendo, encontraram outros bandos de irmãos, de maneira que o seu número se elevava a muitos centenares.

Defendiam-se entretanto com energia, e chegavam quase sempre a repelir o seu terrível inimigo, quando, a meio dia do rio, depois de uma longa paragem, foram novamente assaltados.

O número dos seus adversários ia crescendo sempre, e por isso sofreram, neste último encontro, perdas consideráveis. Demais, convencidos, pela marcha lenta do quadrúpede, que os asiáticos o guiavam, precipitaram a sua retirada.^{146}

Chegando à beira do rio, carregados de feridos, e horrorosamente fatigados, já não esperavam senão a morte, quando Vamiré os salvou...

Surpreendidos no sono pelo grito do cão, reuniram-se ao grande nómada, como ao seu protector único. Este convocou os chefes, e designou-lhes lugar de combate nas ribanceiras da ilhota, encarregando-os de formar os seus grupos. Como instruções, apenas levantou acima da cabeça uma das antigas clavas, baixando-a sobre um inimigo imaginário. Este movimento foi perfeitamente compreendido, e todos se encheram de coragem, animados pelo belicoso aspecto do Pzann, pelos seus belos olhos que chispavam altivez, pelo seu arcaboço, dilatado nas previsões da luta.

Vamiré fez reavivar as fogueiras, e foi pôr-se de atalaia.

A margem oposta pouco tempo se conservou escura, pois a iluminou rapidamente uma grande fogueira.

Nesse momento, a alguma distância da fogueira, quase na estrema do espaço iluminado, Vamiré avistou o cão.

Élem apontava-lho com insistência, pronunciava-lhe o nome, referia-lhe a ferocidade quando conduzido pelo homem, a sua organização em vivendas, a sua aliança com os braquicéfalos.

O Pzann escutava-a atentamente.

O clarão da fogueira, menos enfumado, banhava de claridade o quadrúpede; e, ao vê-lo mais semelhante à hiena do que ao lobo, com a sua larga mandíbula, a sua alta corpulência, a sua flexibilidade, Vamiré^{147} compreendeu que ele devia ser um perigoso adversário.

Desviou-se porém a sua atenção, porque, adiante da fogueira, se interpôs um vulto humano, e uma voz ressoava em meio do grande silêncio e sobre as águas do rio.

Vamiré e Élem reconheceram a voz do chefe oriental. Élem dizia:

—Homem das regiões desconhecidas, escuta a voz daquele, cujos cabelos são brancos, e a quem fala, na solidão, o espírito do saber. As minhas palavras significam paz. Aliados com o cão, poderíamos encarar a guerra sem receio. Que poderias tu, homem das nascentes do rio, contra as inumeráveis legiões do animal, auxiliado de frechas e braços humanos? Aceita a paz. Mutuemos o sangue de nossas veias.—

Com a ajuda de Élem, Vamiré compreendeu-lhe as palavras. Voltando para a sua clareira, aceitou-as, gritando:

—Velho, o Pzann te saúda. Ouviu a filha da tua tribo, e está pronto a mutuar o próprio sangue com o teu. Afasta o animal, e salvem-se os comedores de vermes!—

Na margem oposta, os três moços haviam-se reunido, e o grupo dos braquicéfalos animou-se.

Não podiam fraternizar com os filhos da Serpente. O velho tendia para a clemência; mas um dos moços, fanático exaltado, pregou a vontade implacável do *Animal das águas*, a lei das tribos sagradas; e todos, repassados de desgosto e ódio, pareciam convencidos.

O chefe voltou-se de novo e clamou:{148}

—Porque é que o homem irmão toma o partido do ser imundo? É melhor deixar essa presa ao cão.—

Mas Vamiré indignou-se:

—O Pzann não ousaria aparecer entre os outros Pzanns, se abandonasse os seus aliados; o Pzann quer a paz, mas quere-a para todos que estão com ele.—

Formaram os orientais novo conciliábulo, e todos os moços, mais desejosos de uma vitória do que de uma solução pacífica, tendiam para a guerra.

O chefe não se atreveu a opor-se abertamente, mas referiu-se à coragem de Vamiré, à glória de uma expedição para as bandas do Norte depois do Inverno, à necessidade de estar em paz com os povos longínquos.

Dois dos moços pareciam convencidos, ao passo que o fanático baixava os olhos, obstinado. Aproximou-se, até, da margem, e, apontando a frecha ervada a um dos vermívoros:

—O Conselho diz: nunca a tua frecha hesite em ferir o imundo!—

E a frecha descrevia a sua parábola mortal, ferindo o tardígrado num ombro.

O doloroso grito do homem foi acompanhado de um grito colérico do homem loiro, e de um rumor de censura, entre os orientais.

—Homem,—clamou o velho,—perdoa a exaltação de um sangue muito novo!—

Mas Vamiré, cheio de indignação, replicou:

—O meu sangue também é novo, e não perdoaria a perfídia!—{149}

Armou o arco, e a sua frecha atravessou o peito do agressor.

Depois, correu para junto do tardígrado ferido. Os companheiros chupavam o sangue da ferida, extraíndo assim o veneno. Vamiré buscou um antídoto, folhas alcalinas, cuja seiva ele espremeu na ferida aberta, em que depois as estendeu.

No campo dos orientais, o velho tratava do ferido. Este persistia em soltar injurias contra os comedores de vermes; e todos estavam indignados, porque o nómada ferira um homem, para vingar uma criatura ignóbil.{150}
{151}

XX

Assalto à ilhota

Prolongaram-se as tréguas.

Os orientais recuaram a sua fogueira para o abrigo do matagal. Os cães estavam invisíveis, mas os seus uivos trovejavam na espessura.

Os *comedores de vermes* recaíam no sono, à parte alguns velhos mais resistentes.

Vamiré fortificava o retiro de Élem com grossas ramadas e preparava as suas armas. O fumo das fogueiras flutuava sobre a água, entre clarões purpúreos.

Não se ouviu mais uma palavra de paz. Parecia que de ambos os lados se faziam preparativos para uma luta próxima.

Vamiré trabalhava e velava.

De uma vez, pareceu-lhe avistar um oriental que, a pouca distância da água, se erguia, desaparecendo depois no mato. De outra vez, um bando de cães veio beber ao rio; mas nada anunciava uma investida. Julgou^{152} portanto que o chefe oriental aguardaria a manhã, e recomeçaria as negociações.

Acabava de depor a seu lado a décima segunda frecha, untada de veneno, quando notou um rápido movimento e o formigar de muitos vultos na margem.

—*Eô! Eô!*—gritou ele, enquanto os tardígrados arrancavam do sono os companheiros.

Lá adiante, impetuosos, os cães mergulhavam e nadavam, aos milhares, de olhos fosforescentes em suas cabeças húmidas e luzidias, fazendo, com a sua imersão, erguer o nível das águas nas costas da ilha. Silenciosos e terríveis, nadavam intrepidamente, sob a saraivada de pedras, ossos e achas, com que eram acolhidos.

Vamiré, verificando que entre eles não havia nenhum homem, depôs o arco e empunhou a clava.

Élem, armada de uma lança, poderia defender o seu abrigo.

Os tardígrados, animados pelo Pzann, mostravam-se enérgicos, postados em pequenos grupos, de costas para o centro, com espaço livre para manejarem os seus bastões.

Antes que tocassem terra, os cães foram atacados tão vigorosamente, que recuaram para fora de alcance. Mas de pronto se dividiram em duas fortes colunas, uma das quais singrou para o ponto mal fortificado da ilha, defendido por Vamiré, enquanto a outra retomava directamente a ofensiva.

A precipitação dos tardígrados em auxiliar o seu salvador poderia tornar eficaz aquela táctica dos agressores.^{153} Mas Vamiré repeliu energicamente o reforço, e obrigou cada um a reocupar o seu posto.

Apenas a coluna, contra ele dirigida, tocou em terra, a carnificina do Pzann espalhou nela o terror.

A sua alta corporatura, a sua clava enorme, a sua formidável destreza em despedaçar crânios, a agilidade dos seus movimentos, a sua voz autoritária,

soberbamente humana, tudo isto pareceu produzir nos animais uma impressão como que supersticiosa.

Cheios de pânico, latindo desordenados, foram recuando.

Entrementes, a segunda coluna conseguira invadir a ilha, sem desconcertar todavia a tática dos *comedores de vermes*, sempre reunidos em grupos, e defendendo-se sem desânimo.

Do lado dos cães, as perdas eram consideráveis, e os tardígrados contavam uma vintena dos seus, postos fora de combate.

O animal sentia-se vencido, quando algumas flechas ervadas, partindo da margem, fizeram duas vítimas. Produziu isso um certo terror, e os grupos da costa aproximaram-se do centro. Os cães redobram o seu furor, e, a pouco trecho, era terrível o número dos feridos humanos.

No entanto Vamiré, depois da sua vitória, notara que os asiáticos despediam flechas, quase a descoberto, de trás dos arbustos. Por seu turno, tendido o arco, despediu algumas flechas.

Os orientais tiveram que se retirar para trás de grandes troncos, de onde os seus tiros eram muito incertos;^{154} e contentavam-se em açar os seus aliados quadrúpedes, os quais, respondendo-lhes com latidos formidáveis, assaltaram com mais vigor os seus adversários. A situação agravava-se, tanto mais que a coluna, repelida por Vamiré, tinha entrado pela outra extremidade da ilha, levando reforço.

O pobre tardígrado viu-se perdido, e o seu grito de guerra tornou-se plangente como um gemido de agonia.

Mas o grande nómada do Ocidente levava-lhe já o auxílio do seu braço, e a sua clava abria caminho por entre crânios e espinhaços despedaçados. De todos os lados, o animal, inquieto, aterrorizado, reconhecia naquela voz e naquela força a força e a voz das raças vitoriosas, por forma que os tardígrados retomavam coragem, e os cães, repelidos para a água, voltavam ao campo dos asiáticos.

Uma ebriedade de vitória inflamava os olhos dos *comedores de vermes*. Voltando-se para o homem loiro, cantaram a melopeia do triunfo, a que Vamiré correspondeu com um belicoso clamor.

Na outra margem, à beira das florestas seculares, resoava o latir furioso dos cães e as maldições dos homens do Oriente.

Decorreu a noite naquele tumultuar terrível, repercutido pelos ecos, e em que os dois bandos inimigos exaltavam o seu valor não vencido e prenuncio de novos combates.

Os tardígrados trataram acuradamente dos seus feridos, e, para maior segurança, foram colocá-los perto{155} do sitio, em que Vamiré acampava com Élem. Dos cães, postos fora de combate, desembaraçaram-se os tardígrados, lançando-os à água, em que alguns acabavam de morrer, ao passo que outros, ao grado da corrente, chegavam à outra margem.

Vamiré fora ter com a sua companheira. Cheia ainda do desgosto que lhe causavam os *comedores de vermes*, Élem permanecera no seu abrigo, sem necessidade de se defender.

Vamiré falava-lhe da vitória, do número das vitimas, da ferocidade dos assaltantes, da probabilidade de novos recontros; e ela escutava-o, pensativa e triste por aquele incidente, fazendo votos pelo advento de uma paz imediata.

Manifestava a esperança de que as negociações se retomariam de madrugada, e o nómada aprovava, mas esquivava-se a quaisquer concessões, relativamente aos tardígrados.

Fatigada, Élem adormeceu por fim. A maior parte dos vermívoros também dormia. Vamiré velava sempre.{156}{157}

XXI

A derrota

Foi decorrendo a noite. A ronda dos astros atravessava as calmas profundezas do rio; uivavam cães feridos; as fogueiras dos orientais ardiam por trás das ramadas, iluminando os braços negros e contorcidos do arvoredor e as densas e flexíveis cumeeiras da floresta.

Vamiré aproximou-se do rio, e ali se ficou alguns instantes, como para dar ensejo a palavras de conciliação. Mas teve de se furtar a uma frecha que vibrou.

Vibraram outras frechas, que, descrevendo vigorosas parábolas, iam quase todas cair inofensivas no meio da ilha.

O Pzann guardou-as, satisfeito de ver que se iam esgotando as munições contrárias; mas os orientais, compreendendo logo a inutilidade daquele tiroteio, suspenderam-no, e, com gritos e açoitamentos, fizeram reaparecer os cães, formigando na margem e latindo furiosamente.

Um vago perfil humano se desenhava entre os cães,^{158} acorrendo-se logo; outro perfil apareceu na ribanceira, em observação; e depois uma voz humana, irrompendo do rio, denunciou um nadador.

E daqui concluiu Vamiré que, desta feita, os asiáticos acompanhariam a expedição.

Em tais condições, o assalto era grave.

Sem perda de tempo, despertou toda a sua gente. Armou com arpões de pontas fixas e de zagaia seis velhos mais sagazes, anexou, para seu uso, uma lança à sua clava, e pôs-se de atalaia em bom lugar.

Os cães acabavam de se atirar à água. Seguidamente, a presença do homem revelou-se em nova tática: formaram-se três colunas; uma seguiu para a frente; outra para o pontal, onde estava Élem; e a terceira, deixando-se ir ao grado da corrente, rodeou a ilha, para a assaltar por trás.

Então Vamiré, para concentrar a defesa, fez evacuar o pontal oposto àquele em que se achava, e fez guarnecer o outro lado da ilhota, organizando tudo de forma, que toda a gente se agrupasse com ele, sendo necessário.

Depois, enristando a lança, aguardou.

Os orientais não se viam. O seu plano devia ser o dirigir o ataque, intervindo nele apenas no momento decisivo, e, para isso, nada melhor do que estar na retaguarda. Tinham provavelmente mascarado os rostos, para melhor se confundirem entre as cabeças dos cães.

A dez metros da ilha, as colunas da frente estacaram contra a corrente, aguardando um sinal do bando^{159} que fora por trás da ilha. Quando chegou o sinal, todas as forças atacaram a um tempo.

Parecia que aumentara a coragem dos cães. Luziam-lhes os dentes e o fósforo azulado dos seus olhos rasgava as trevas.

Antes de assentar o pé em terra, sofreram, como antes, consideráveis perdas; mas, desde que lá chegaram, muitos tardígrados das primeiras filas pereceram estrangulados; a heróica defesa dos outros, postos fora de combate centenaes de cães, salvou-os do desbarato, e a luta seguiu curso regular, com fortuna vária.

Ao princípio, dando pela ausência do Pzann, dois orientais haviam-se adiantado e, primeiro a tiros de frecha, e depois com ligeiras lanças, sustentaram o ataque.

O contacto dos inimigos aterrorizara os *comedores de vermes*, que certamente se não salvariam da derrota, se os seis velhos, armados de arpões e zagaia não aguardassem corajosamente os asiáticos. Estes,

envolvidos num círculo ameaçador, compreenderam a imprudência de arrostar armas ervadas, e debandaram em retirada, não intervindo na luta senão com brados e alguns tiros de frecha em momentos oportunos.

Do lado de Vamiré, os cães, açulados pelas vozes distantes, tinham efectuado a invasão.

Vamiré não os esperou; marchou contra eles com tal vigor, a sua clava e a sua lança fizeram tão numerosas vitimas, que os animais aguentaram apenas o primeiro embate e fugiram, deixando a descoberto um oriental, armado simplesmente de uma zagaia.{160}

Vamiré, com uma pancada, partiu a frágil haste da arma inimiga, e, segurando o homem pela nuca, lançou-o aturdido no chão, manietou-o, deu-o a guardar a Élem, e correu a socorrer os seus aliados.

Estes lutavam bizarramente. Mas as hordas caninas, sempre renovadas, estimuladas pela voz dos asiáticos, encarniçavam-se e era de recear que aos homens chegasse a hora fatal do cansaço.

Ao grito de guerra, soltado por Vamiré, os cães recuaram, mas retomaram o assalto, porque os orientais, da espessura da floresta, dirigiam mais activamente a batalha, e recebiam a aproximação de Vamiré com basto tiroteio de frechas.

Os seis velhos, armados de arpões e lanças delgadas, agruparam-se de novo, fazendo rosto ao inimigo, prontos em auxiliar a estratégia do nómada. Este, na frente, procurou aproximar-se dos asiáticos, mas não o conseguiu, porque os animais se opuseram firmes, não obstante os estragos que neles produzia a clava.

Demais, sobreveio um incidente, que poderia trazer desastrosas consequências: os *comedores de vermes*, que defendiam as traseiras da ilhota, refluíram para a frente, produzindo um princípio de pânico, que tornou indispensável a presença de Vamiré.

A peleja travava-se nas trevas. Os orientais, sempre que podiam; disseminavam as fogueiras, para estimular a coragem dos cães. Os tardígrados deixavam os lugares sombrios, e acercavam-se dos seus brasidos, que eles alimentavam cuidadosamente. Gemiam ali numerosos feridos, fechando com a mão ferimentos terríveis.^{161} Geralmente, tinham mordidas as pantorrilhas e as coxas, ao passo que os mortos patenteavam gargantas rasgadas, ventres estripados.

A purpura de sangue avivava-se ao clarão vermelho das fogueiras, e os gritos de guerra mesclavam-se às agonias do estertor, ao clamor das vidas que se extinguíam, como os latidos do animal se mesclavam à enrouquecida respiração dos homens.

Do esconso das moitas, a horda dos cães emergia incessantemente para a luz. Encarniçados com os gritos agudos dos orientais, que reboavam naquela confusão, sacrificavam-se, aos centos, mas invadiam, mordiam, aterrorizavam.

Os *comedores de vermes*, já impressionados pelo contacto dos homens das grandes estepes, e cuja coragem era apenas mantida pela presença de Vamiré, viam, além de tudo, aproximar-se-lhes o cansaço, sentiam os seus braços menos lestos em erguer a clava, e tendiam a concentrar-se em grupos numerosos.

Vamiré compreendeu a situação. Num impulso terrível, arremessou-se de repente para a vanguarda, obrigando os cães a recuar. Depois, fez sinal aos velhos, armados de arpões e zagaias, para que se lhe juntassem.

Eles obedeceram, imitando-os os mais vigorosos de entre os demais.

Este pequeno grupo, desde então, sustentou firme todo o peso do assalto, enquanto os demais trucidavam os cães que mais se haviam internado, e conseguiam repelir os ataques de flanco.

Finalmente, o Pzann, durante uma trégua curta, fez^{162} compreender que era mester alimentar as fogueiras extensamente, e, a pouco trecho, uma rampa de braseiros protegia o núcleo principal dos seus homens. As chamas

elevaram-se, invadiram ervas secas, mato, maciços, e queimaram arbustos, de forma que, resguardados por tal barreira, Vamiré e a sua gente puderam tomar alento.

Os cães tomaram-se de assombro, e os orientais, conhecedores dos costumes do animal, resolveram ladear a barreira. Para isso, era preciso passar pelo pontal da ilhota, porque os flancos do inimigo eram protegidos por espessa vegetação, em que as forças disseminadas fraquejariam.

Vamiré, prevendo aquele movimento, destacou mais de trezentos tardígrados para os principais desfiladeiros, procurando estes por indicação dele, acender ali fogueiras, com brandões que levavam e que cobriam de ramos secos; mas não lograram esse intuito, antes da chegada dos cães.

Frouxo ao principio, o ataque do quadrúpede tornou-se formidável com a aproximação dos asiáticos. Muitos *comedores de vermes*, fatigadíssimos, largavam o bastão, e defendiam-se com pés e mãos, com dentes e garras. Facto curioso, os cães, primeiro, inquietaram-se com aquele novo processo; mas, pouco a pouco, tiraram dele vantagem, devida principalmente ao número, que lhes permitia opor três ou quatro dos seus a cada um dos homens.

Neste ensejo, Élem veio ter com Vamiré, e as suas palavras pareciam mais eficazes que as armas. Reconhecendo{163} nela a raça amiga, os cães estavam evidentemente desbaratados; e foi necessária a intervenção dos orientais, para que o animal voltasse à carga.

Na refrega, duas frechas varreram a cabeça e o ombro de Vamiré; e depois vibrou uma zagaia que atravessou o peito de um tardígrado, ao lado do Pzann.

Percebendo que o alvejavam do recesso dos matagais, e que não poderia livrar-se dos cães, se não chegasse a pôr os orientais em debandada, Vamiré, depois de ter novamente agrupado os tardígrados e recomendado a Élem que se abrigasse, embrenhou-se no mato.

Orientou-se pela voz dos asiáticos, e, em poucos minutos, achou-se perto deles, rodeados de cães prestes a atirar-se. Eram forças folgadas, como de reserva para as eventualidades.

Estes animais farejaram Vamiré e denunciaram-no. Mas ele, de um salto, pô-los em desordem com a sua clava, e caiu sobre os orientais, um velho e um moço, que fugiram, disparando uma zagaia e largando as frechas. O Pzann alcançou-os, e levantou a clava, a qual caiu no vácuo, porque os outros, lestos como uma pantera, evitaram a morte. Com a pancada no solo, partiu-se a clava, e com uma só punhada, Vamiré prostrou o mais novo dos seus inimigos; o velho apontou-lhe a zagaia, e cruzaram-se os olhares de ambos.

—Bem,—disse Vamiré,—eu sei que és bom, e não desejo tirar-te a vida.

O chefe não respondeu, e continuou a recuar, sempre de zagaia apontada, até que viu erguer-se o seu companheiro. Fugiu então. Mas o Pzann desatou a correr,{164} alcançou os orientais, obrigou-os a voltar à ribanceira, arremessou o mais novo ao rio, tirou a zagaia ao velho e obrigou-o também a deitar-se a nado.

Com o afastamento dos homens, os cães latiram amarguradamente. A desordem estendeu-se às matilhas distantes, Vamiré interveio, soltando clamores de vitória. Animados, os tardígrados tomaram a ofensiva; as matilhas recuaram desordenadas, e depois desbaratadas.

O Pzann e os seus aliados ficavam senhores da ilha.

Morrera um milhar de cães, e os asiáticos eram apenas dois!{165}

XXII

O incêndio

Ardia a ilhota.

O vento impelia as labaredas, por forma que era perigoso acampar no pontal, onde se achava o abrigo de Élem.

Tinham-se apinhado ali os tardígrados, e ali curavam dos seus doentes.

A rapariga, comovida pela coragem daquela pobre gente e pelos serviços que tinham prestado a Vamiré, sopeara a sua repugnância, e ajudava a tratar os feridos.

Naquelas tristes fisionomias, acabrunhadas de fadiga, perpassava uma expressão de alegria, como o ondear de um tanque, ao verem passar Vamiré ou a sua companheira.

Muitos tinham adormecido, na sua posição habitual, e, através do pesado sono, faziam reviver o pesadelo da peleja; soltavam gritos, rosnavam, erguiam de entre os braços o rosto frenético, estendiam a grossa maxila.^{166}

Vamiré encontrara o oriental cativo. Depois de perseverantes mas inúteis esforços para partir os seus liames, o desgraçado, rebolando, chegara à beira do rio, na intenção de se deitar à água, e chegar à outra margem. Fê-lo hesitar porém a violência da corrente e quis ao menos partir as correias que lhe ligavam as pernas, mas não pôde realizar esse intento, antes da chegada do Pzann.

As labaredas subiam, penetrando as trevas. O voo das aves, que se aninhavam nas elevadas cimas do arvoredo, cruzava os clarões; as estrelas desapareciam atrás das volutas da fumarada, claras na base, esbranquiçadas

depois, sombreadas como nuvens, esburacadas de perspectivas, profundas como abismos.

Sob a acção do vento, aquilo seguia um rumo, alongava-se em grandes nós ondulados, abaixava-se, palpitava como coisas vivas, e, nas fases de extinção, produzia o terrível aspecto da queda de grandes rochedos, de uma espessa chuva de cinza, de uma sólida condensação das trevas.

Dardejantes, as línguas de fogo ressurgiam purpureadas, ufanas de vencer. Nas suas contorções, levavam a crepitação das fibras secas, as explosões das seivas aquecidas, e, da sua cumeada, deixavam cair centelhas abundantes, um tanto frouxas, como pequenas gotas de saliva, como orvalho de uma cólera que se esvai comprimida.

No espelho das águas, tudo se conjugava: as labaredas simétricas e ondeadas, as nuvens de fumo, e as faúlhas fictícias, associando-se à queda das faúlhas reais.^{167}

Quando a rápida fúria dos gases em ignição abandonava um moitedo, levando consigo os finos estofos do vapor, a ramaria esboçava as folhas de um livro mágico, animadas de estranhos hálitos, franzindo-se a qualquer bafejo da viração, e como atravessadas por ondulações, ora luminosas, ora obscuras.

Nas espessuras mais densas, o incêndio alimentava-se, rasteiro, lento, carregado, por baixo de flocos de fumo húmido; depois, crepitava, rompia, arrojava-se, mordida as pequenas franças, as folhas correadas, flamejava sobre as ervas secas, lambia demoradamente as grandes árvores, e, inopinadamente, difundia-se em feixes desacordes, última expansão das suas forças.

Do seu acampamento, atrás das moitas, os asiáticos viam arder a ilhota.

A sua situação não era lisonjeira. Debalde procuraram levar os cães a terceiro assalto. Estavam sem armas, à excepção das do ferido, as quais cumpria reservar para defesa extrema.

Demais, inquietos quanto ao destino do companheiro desaparecido, e na perspectiva de se verem abandonados pelos cães, os mais novos julgavam próximo o seu aniquilamento, e lastimavam o não se haverem confiado à prudência do chefe. Este, fatalista, cheio de resignação, não dizia nada, inclinado para a fogueira, de semblante anuviado de tristezas.

Os outros falaram-lhe humildemente sobre o seu desbarato e sobre a necessidade de acordo com o inimigo.

O velho ouviu-os, guardou silêncio por muito tempo, e depois falou:{168}

—Rapazes, o bom conselho, transmitido de pais a filhos, manda que se proponha a paz no princípio da guerra, enquanto as hostes são vigorosas e os destinos incertos, não podendo a proposta significar humilhação; mas ensina que na hora da derrota, é preciso morrer, para que não caiam sobre o vencido os sarcasmos do vencedor. Na hora da paz, querieis vós a guerra, na hora da guerra quereis a paz. Possível é que o nosso inimigo, em que tudo revela tino e coragem, prefira a certeza de uma conciliação aos acasos de um combate final. Talvez o incêndio o force a abandonar a ilha, e, se ele entender que deve falar, falará. Aliás, cumpre que nos preparemos para a vitória, para a morte ou para a fuga.—

A aurora tingia de lilás pálido o oriente. O incêndio, mais intenso e como receoso de que o dia lhe atenuasse os esplendores, saltava aos píncaros do arvoredado em labaredas mais altas, mugia como um rebanho de búfalos atacados por feras, ou crepitava, seco e cruel, em pequenos estalidos, em pequenos gritos, como bandos ruidosos de gafanhotos destruidores das gramíneas, como legiões ácidas de formigas em marcha contra os casais. Os seus claros hélices de réptil cingiam os grandes troncos, e atingiam as folhas, encarquilhadas desde logo, devoradas depois, e que se baloiçavam chamejantes à brisa matinal, como borboletas de luz, como enxames de vespas em desordem.

O calor era enorme. Inquietos e sonolentos, os tardígrados iam recuando sempre para a extrema ponta da ilha.{169}

Vamiré, pensativo, contemplava o incêndio. Tinha em lugar seguro a canoa e as armas. Élem dormia no seu abrigo. O saguim, despertando ao ruído e à claridade, agarrava-se às ramarias.

Entrementes, com o destroço dos grandes ramos, lambidos pelo incêndio, as labaredas avultavam mais, descrevendo estreitas curvas, que se avivavam caindo, e que, no ar, pareciam leves e vaporosas, mas que, ao tocar no solo, crepitavam asperamente, jorrando cóleras de centelhas.

O Pzann desligara os pés do oriental e interrompera o sono de Élem, para que esta lhe servisse de interprete:

—Pergunta a teu irmão,—disse-lhe ele,—se não julga que chegou a hora de se fazer paz.

—A morte,—disse o asiático,—não me assustaria.

—Sei que és valente,—disse Vamiré;—mas não é um fraco aquele que se salva, salvando seus irmãos.

—Os meus não foram vencidos!

—Não,—disse o Pzann,—mas são apenas dois, e os cães aprenderam a temer-nos.—

Seguiu-se longa pausa, durante a qual o asiático meditava.

A alvorada subira um grau.

A cor do lilás passara à da turquesa e uma semiclaridade aquosa se estendia por todo o horizonte do rio; e, nesse horizonte, as árvores, o céu, as ribanceiras acusavam uma frescura extrema, em confronto com a vibrante sequidão do incêndio.^{170}

O Pzann sentiu desejos de prosseguir na sua viagem pela face verde das águas, de continuar a subir o grande rio, e a ver as suas florestas, as largas desembocaduras de ribeiras, as suas penedias, ouvir o rugido das cascatas, o

leve rumor das pequenas quedas de água, observar a correnteza dos rápidos, a sombra dos pequenos canais povoados de mouchões, a claridade dos extensos álveos...

No entanto, as chamas completavam o seu assamento feroz, palidejando com a luz nascente, agitadas em línguas monstruosas, ou disseminadas em delicados tecidos, aderentes às retículas dos pequenos ramos.

Ao longe, no esconso das florestas, ouvia-se o ladrido dos cães em caça, o que arrancou o oriental à sua meditação. Viu que Vamiré percebera a ausência dos cães e a facilidade de um acto de força no campo inimigo.

—Que queres tu de mim?—perguntou ele ao Pzann.

—Que fales a teus irmãos—respondeu este.

O oriental ergueu-se, e, acompanhado de Vamiré e Élem, caminhou até a beira da ilha, e soltou a voz de chamamento, conhecida das tribos:

—Ré-á, ré-á!—

O chefe braquicéfalo saiu então do mato, acompanhado pelo moço válido:

—O nosso irmão está cativo do homem das regiões desconhecidas?

—Está cativo.

—Vem pedir-nos auxilio ou vingança?^{171}

—Não; o homem do montante do rio pede paz.

—Desligue ele pois as tuas mãos, porque é justo que fales dessas coisas como homem livre.—

O oriental transmitiu a Vamiré o desejo do velho.

O Pzann hesitou, por um instante, com o receio de uma traição. Depois, sem dizer uma palavra, desatou os laços.

O cativo não se mexeu, limitando-se gravemente a erguer os braços acima da cabeça.^{{172}{173}}

XXIII

Regresso

Pelas gargantas das ilhotas e à sombra de árvores, por extensos e alumiados canais, a barca ia singrando contra a corrente, que as chuvadas entumeciam. E, enquanto Élem e o saguim brincavam ou dormiam na barca, Vamiré remava sempre.

Firmara-se a paz com os orientais. Os cães tinham regressado às áridas savanas da beira das florestas; e o misero tardígrado terminara o seu êxodo para o Grande Lago.

Os asiáticos abriram as veias dos braços, e o seu sangue mesclou-se com o de Vamiré. Em nome das sagradas tribos, o velho enjeitou todas as ideias de guerra, e Vamiré falou de paz, em nome dos grandes nómadas ocidentais.

^{174}

Na primavera do ano seguinte, na terceira lua depois do equinócio, os Pzanns enviarão trinta caçadores, escolhidos entre os mais intrépidos, tendo

a Vamiré por chefe, e aqueles homens virão buscar outros tantos aliados, dirigidos pelo prudente velho.

Quer o vento encrespasse as águas, quer as crivasse a chuva, cobrindo-as de pequenas bolhas saltitantes, a canoa vogava sempre para o Norte, desde a alvorada ao lusco-fusco. O bramir dos cervos, o barrir do mamute, o rugir dos leões, saudavam a passagem da frágil barca e o homem adversário. E ela vogava, vogava, pelas gargantas das ilhotas, à sombra das árvores, e pelos grandes canais alumiados.

E Vamiré pensava nos *comedores de vermes*, na profunda tristeza deles à hora da separação, nos seus broncos semblantes, no vago latir das suas risadas, e dos seus queixumes, na gratidão infinita dos seus olhares e na dificuldade com que eles, demorando-se junto de Vamiré, se resolveram a partir.

Do alto de um pequeno outeiro, despediu-se deles com um grito de amizade, a que corresponderam com a humilde melopeia da marcha. Firmes na união fraternal, que era o que os mantinha de pé em face do antropóide e das grandes feras, transportavam consigo os seus feridos.

Pelas gargantas das ilhotas, pelos vastos canais alumiados, as semanas sucederam a semanas, algumas vezes o sol dardejava os seus ardentes afagos, ou soprava o nordeste, açoite invernal, ou caíam lufadas impiedosas. Era mester então procurar abrigo nas calhetas, em cavernas^[175] propícias, e perder dias inteiros, até melhorar o tempo.

Mas Vamiré tinha o peito cheio de grande orgulho, porque vencera as ciladas da natureza, a agressão dos animais ferozes, e o ardiloso ataque dos homens. Parecia-lhe tornar a ouvir, nos lararios nocturnos, o velho Tá, de cento e vinte Invernos, narrando o esboroar das montanhas, o escancarar do solo, a absorção dos grandes lagos em fauces de abismos.

Sentia-se maior que Harme. A história da sua viagem, referida pelos anciãos, fazia palpar o coração dos moços: surpresas do rio, perversidade dos répteis, ferocidade das feras, homens das árvores, regiões novas, homens tardígrados, comedores de vermes, Élem... E os velhos

acrescentariam que devia ter sido necessária uma vontade invencível, para dominar a nostalgia, o horror das imensas solidões!

Ainda os sorrisos do céu, e os rudes aguaceiros, o rio verde ou lodoso, a corrente mais impetuosa, rápidos e catadupas, e sempre a barca, empenhada no regresso, com Élem folgando ou dormindo e Vamiré manejando o remo...

Sentiam-se próximas as chuvas, as infinitas chuvas. A tribo, refugiada nas cavernas da alta região, não deixaria as savanas do Oriente meridional, antes de meado outono, e Vamiré tornaria a ver seus pais Zom e Namir, seus valentes irmãos, e sua irmãzinha, que saltava como cabra montesa. E apresentaria aos velhos, humildemente, a esposa que ele levava de longe.

{176}

Pelas gargantas das ilhotas, à sombra de árvores, e pelos extensos canais desensombrados, no declinar do período madalenico, quando o pólo do Setentrião gravitava para o luzeiro do Cisne...{177}

Índice

- PALAVRAS DO TRADUTOR
- I. Guerra nocturna
- II. A horda
- III. O funeral de Vanhab
- IV. A ilha
- V. O homem das árvores
- VI. Contra-anúncio
- VII. A perseguição
- VIII. Noite na floresta
- IX. O idílio nascente
- X. Combate
- XI. Vamiré
- XII. O mamute
- XIII. Entre os orientais
- XIV. Reconquista
- XV. Reforços
- XVI. A chuva
- XVII. Os aliados
- XVIII. Os vermívoros
- XIX. Na ilha
- XX. Assalto à ilha
- XXI. A derrota
- XXII. O incêndio
- XXIII. Regresso

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK VAMIRÉ:
ROMANCE DOS TEMPOS PRIMITIVOS ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG™ LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg™ License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States,

you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg

Project Gutenberg is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg's goals and ensuring that the Project Gutenberg collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 41 Watchung Plaza #516, Montclair NJ 07042, USA, +1 (862) 621-9288. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including

checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit:
www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility:
www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.